

YVES

AYAHU DA SERPENTE

Um Treinamento Avançado
com as Plantas



DUC

JASCA

E AO JAGUAR

e Intensivo no Xamanismo
das de Poder



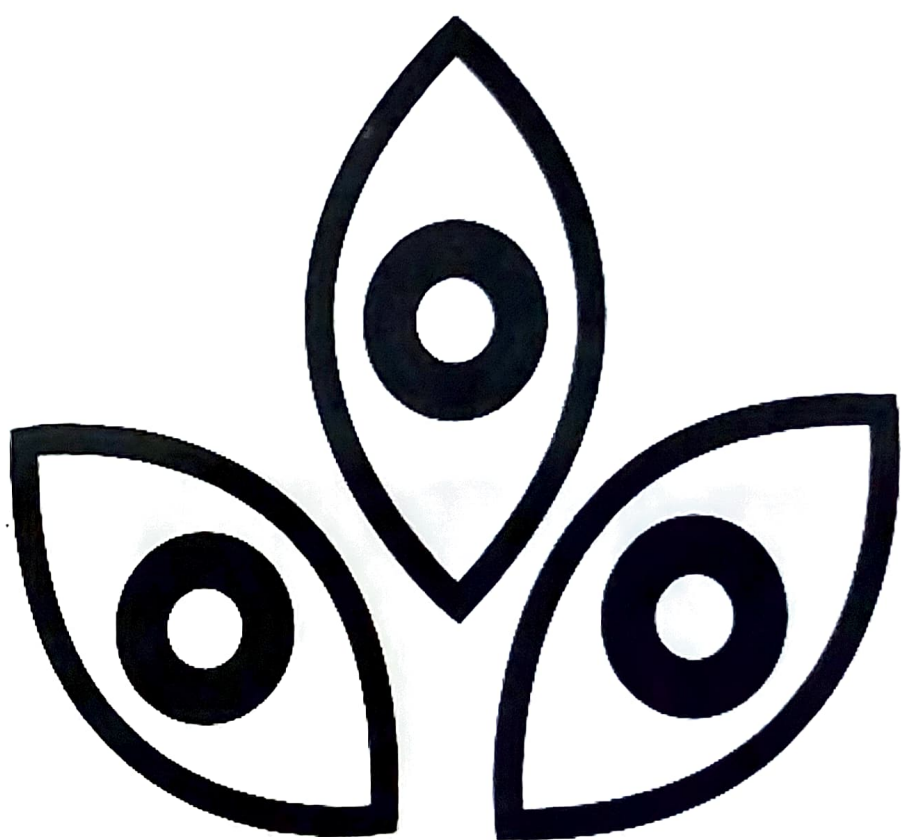
AYYA



Nascido em 1960, YVES DUC vive na Suíça. Estudou Letras na Universidade de Lausanne e se dedicou ao jornalismo, trabalhando para diversos órgãos de comunicação social, sobretudo na imprensa, tendo se especializado nos temas da Ciência e Medicina.

É co-autor do livro *La Maison de Demain: Géobiologie, Architecture et Santé*, editado em 1992 pela Éditions de l'Aire.

Desde os anos 1990, estuda e explora o xamanismo, inicialmente em seus aspectos teóricos e antropológicos e, mais tarde, através da aprendizagem frequentes com Juan Maninka, um conceituado curandeiro da etnia Maninka, que vive perto de Pucallpa, na Amazônia peruana.



YVES DUC

AYAHUASCA

DA SERPENTE AO JAGUAR

Um Treinamento Avançado e Intensivo no
Xamanismo com as Plantas de Poder

TRADUÇÃO PARA PORTUGAL:
Nathalie Durel e Alexandre Gabriel

ADAPTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL:
Bruno Silva



AYYA

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo, com exceção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação vigente.

TÍTULO

Ayahuasca – Da Serpente ao Jaguar

TÍTULO ORIGINAL

Ayahuasca – Du Serpent au Jaguar

AUTOR

Yves Duc

PREFÁCIO

Nathalie Durel, J. P. Harpignies

TRADUÇÃO PARA PORTUGAL

Nathalie Durel, Alexandre Gabriel

ADAPTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Bruno Silva

ILUSTRAÇÕES

Mariana Rosa Scarpa

EDITOR

Bruno Silva

1ª EDIÇÃO: Janeiro de 2021

IMPRESSO NO BRASIL

© Éditions Véga, 2015 / Zéfiro, 2019

© AYYA, 2021



Editora AYYA

EMAIL: ayahuascaintegracao@gmail.com



@AYAHUASCARIO

ÍNDICE

Prefácio da Edição Portuguesa	13
Prefácio da Edição Francesa.....	19
Prólogo - O Véu.....	31
1 - Aprender com as nossas Visões.....	33
2 - Rever os nossos Conceitos	35
3 - O Maestro.....	37
4 - A Iniciação: Morte e Ressurreição	43
5 - O Acesso ao Conhecimento: A Purificação.....	47
6 - Os Ícaros:	
Que Plantas são essas que Cantam na nossa Cabeça?	55
7 - A Dieta das Plantas: Os Palos	65
8 - O Segredo.....	77
9 - As Origens.....	83
10 - O Lado Sombrio.....	89
11 - O Mariri: A Força do Homem-Medicina.....	97
12 - A Kushma: Conhecimento e Proteção	101
13 - Os Perfumes: Florescer a Pessoa	107
14 - A Serpente e o Jaguar.....	113
15 - O Tabaco: O Sócio do Patrão	121
16 - A Cura: Dar Espaço ao Corpo.....	129
17 - A Transmissão: Os "Artistas da Metamorfose"	139

18 - Interdições e Restrições.....	145
19 - Entre Xamãs.....	149
20 - Usos Tradicionais e Usos Atuais: "El Gringo".....	153
21 - Advertências.....	161
Epílogo - Salvo das Águas.....	173
Post-Scriptum.....	175
As Plantas e os seus Usos.....	177
Glossário.....	183
Bibliografia.....	185
Agradecimentos.....	189

"O verdadeiro sábio se esforça
por morrer constantemente."

OSWALD WIRTH



Para o Luc

PREFÁCIO DA EDIÇÃO PORTUGUESA

Era o final dos anos 90. Eu estudava para conseguir meu diploma em Saúde Pública e Educação quando, na matéria de Antropologia da Saúde, indicaram um livro fascinante no qual um antropólogo canadense havia passado vários meses na Amazônia peruana com os povos nativos, nomeadamente com a tribo dos Ashaninka. Ele descrevia como um curandeiro de um desses povos o havia iniciado em várias experiências xamânicas incríveis com uma medicina que incluía purgas de tabaco e um cipó chamado Ayahuasca, cujo significado é “cipó dos mortos”. Como sabia pelo meu percurso terapêutico, nomeadamente na psicologia das profundezas de Carl G. Jung, que o fascínio por algo ou alguém (que ele chama de personalidade “maná”¹) é um esta-

¹ Essa palavra deriva da antropologia e é atribuída ao extraordinário e irresistível poder sobrenatural que emana de certos indivíduos. O seu equivalente moderno é “carisma”. Maná sugere a presença de uma força avassaladora, uma fonte de crescimento ou cura mágica que equivale a um conceito primitivo de energia psíquica. A personalidade que “possui” esse maná pode atrair ou repelir, destruir ou curar. É um poder “quase divino” associado a um mágico, mediador, padre, médico, enganador, santo ou louco sagrado e a quem quer que participe o suficiente do mundo do espírito para poder conduzir ou irradiar sua energia.

“A personalidade Maná é dominante no inconsciente coletivo, é o arquétipo do homem poderoso em forma de herói, mago, santo, curandeiro, dono de homens e Espíritos, amigo de Deus. (C. G. Jung)”

In NATHALIE DUREL, *O Feminino Reencontrado*,
a Mulher na Jornada Interior, Ed. Ariana, p. 197.



do que requer cautela da nossa parte, eu me esforçava para reprimir meu impulso de sair correndo à procura de uma sessão desse tipo ou ainda de viajar para a Amazônia, sem falar obviamente do meu receio em me colocar em contato com algo tão poderoso que poderia até me prejudicar. Então, esperava que o tempo, o nosso grande aliado, me mostrasse o caminho certo. E lá se passaram muitos anos, no decorrer dos quais, na minha prática como psicoterapeuta de foro transpessoal, de vez em quando um paciente pedia a minha opinião sobre a Ayahuasca ou contava as suas experiências. Sendo que a minha única referência era este livro, no qual constava um rigor e uma sabedoria exemplar acerca dessas práticas, o que ouvia dos meus pacientes se encontrava a anos-luz na direção oposta. Para começar, em nenhuma das cerimônias nas quais participavam, o tabaco, o maior aliado do xamã, (como verá no capítulo 15 do presente livro) era utilizado, fato que me deixava perplexa pois eu sabia o quão era e é vital o seu uso no acompanhamento do curandeiro e dos seus pacientes, principalmente em termos de proteção e limpeza.

Também não via evolução, nem alterações significativas nas tomadas de consciência dos meus pacientes e muito menos melhorias nos seus estados emocionais e/ou físicos. Em dois casos, inclusive, vi-os piorar, um deles até com graves tendências psicóticas ficou “pendurado” em sua psicose porque o curandeiro não soube como trazê-lo de volta à nossa realidade. Na maioria dos casos, eram meras experiências psicodélicas, viagens cheias de imagens lindas (nem sempre) e horrendas que não permitiam fazer um trabalho em profundidade. Acostumada ao trabalho psicanalítico, no qual ir ao encontro da nossa Sombra e outros aspectos da nossa psiquê são o meu cotidiano, entendia que algo “estava errado” nessas cerimônias, embora prefira pensar que os organizadores fizessem o seu melhor dentro dos seus conhecimentos.

E assim se passaram anos, nos quais inclusive criei a minha própria metodologia de intervenções assistidas com equinos (Método Kiron®), o espaço da Quinta do Cavalo Kiron e a Associação Kiron para o Desenvolvimento do Ser humano e do Equino, projeto reconhecido pela Unesco - Portugal. Estava longe da ayahuasca



pensava eu... mas em mim comecei a reparar um sofrimento emocional que não me largava.

"A minha dificuldade, cada dia maior ao ter de me 'ajustar' a uma sociedade que não me fazia qualquer sentido, tinha como repercussão que eu procurasse cada vez mais a companhia dos animais e fugisse dos seres humanos, o que podia se tornar um paradoxo, pois eu era terapeuta de humanos. Sentia cada vez mais a dor profunda dos animais deste planeta e, que a verdade seja dita, também a dos humanos (...). Tinha passado a me sentir muito sozinha e pensava que era um ser à parte. As minhas tentativas de compartilhar essa dor com aqueles que eram próximos a mim não tinham sido bem-sucedidas, na maior parte das vezes, eu era julgada como sendo fraca, bizarra e até pouco saudável. Estava sozinha com a minha dor. Então finalmente li uma pesquisa efetuada por um psicólogo de orientação junguiana, oriundo dos Estados Unidos, que foi uma autêntica revelação. Em sua obra 'Living in the Borderland', Jérôme S. Bernstein descreve o surgimento de um novo 'tipo de seres humanos' que chama de 'seres fronteirícios' (em inglês 'borderland', não confundir com a estrutura de personalidade 'borderline' descrita em psicopatologia). Esse 'achado' foi uma verdadeira bênção para mim, pois finalmente eu havia encontrado alguém que, do outro lado do mundo, não só entendia o meu estado como era também psicoterapeuta e tinha observado vários casos semelhantes. Afinal eu não era louca! Saber disso foi um grande alívio, embora não tenha aliviado a minha profunda dor."²

Até que, no espaço de seis meses, vários acontecimentos me colocaram novamente em contato com a ayahuasca. E, finalmente, outro livro "caiu" em minhas mãos, dessa vez escrito por um cidadão suíço, jornalista especializado em temas científicos, Yves

² In Nathalie Durel, *Os Cavalos Terapeutas, Minha Jornada com os Cavalos*, Ed. Modocromia, pp. 107-108.



Duc. A partir de então, fui capaz de dar o passo. Iniciei uma nova caminhada que ainda percorro. O fato de participar de cerimônias de tabaco, ayahuasca e de fazer dietas de plantas poderosas me permitiu ir muito além em meu trabalho interior. Foram e são uma continuação de muitos anos de psicoterapia e psicanálise, embora ache importante salientar que tais anos me deram a capacidade de procurar nos rituais uma dinâmica introspectiva, além de poder “trabalhar” as minhas próprias questões em conjunto com as lindas plantas que me acompanham. É importante deixar aqui um alerta a todos aqueles que possam ter a tentação de acreditar que esses rituais são a solução mágica para os seus problemas. Estão completamente enganados! Trata-se de uma medicina complexa e, como tal, se o paciente não fizer a sua parte do trabalho para alcançar a cura, em pouco ou nada progredirá. As cerimônias podem ser intensas. Em certos casos, a ayahuasca nos leva por caminhos penosos, nos quais somos colocados perante o nosso ego e a necessidade da morte dele, para que possa renascer transmutado. São momentos difíceis, muito dolorosos e apavorantes, nos quais nos sentimos derretendo, morrendo... o que me leva assim a dizer que participar dessas cerimônias não é para todos, porque nem todos temos a capacidade de aguentar momentos dessa natureza. Atualmente, a minha dor existencial ligada ao fato de ser *borderland* melhorou muito. Sei que sempre serei assim, pois é a minha natureza, mas aos poucos vou aprendendo a viver com essa realidade e a com dor que nela reside. As árvores e as plantas, nomeadamente o tabaco, têm sido altamente bondosas comigo. Agradeço a elas profundamente, assim como a outras plantas como a *mucura*, o *shihuahuaco*, o *chullachaqui caspi*, a *bobinsana*, a *ayahuma*, o *toé* e ainda o *tahuari*.

Também sou grata aos meus mestres, a Valérie e o Yves, que possuem tanta sabedoria e bondade. Na realidade, também sou grata por ter tido paciência e a devida cautela para encontrar os bons mestres. Porque, como poderão ler no capítulo 21 que fala das advertências sobre essas práticas, hoje em dia, encontrar os bons mestres para usufruir dessa medicina passou a ser um exercício acrobático...! Aliás, quase recomendo ao leitor que inicie a sua leitura nesse capítulo.



Neste momento, em Portugal e não só, a ayahuasca está “na moda”, com tudo o que isso implica e com todas as suas consequências. Por essa razão, o livro do Yves Duc vem repor as coisas no seu devido lugar, com uma admirável escrita jornalística e científica, esclarecendo, explicando e alertando sobre tais práticas fascinantes, detentoras de um grande potencial de cura quando efetuadas com as “regras da arte”. Isso requer, antes de mais, uma longa formação de muitos anos com mestres de qualidade, a toma (“dieta”) regular de muitas plantas e árvores, retirar-se em isolamento no meio da floresta, aceitar transmutar o ego e, ainda, estar ciente de que, embora para os indígenas o juramento de Hipócrates não exista, em nossa sociedade ocidental é algo fundamental e qualquer prática terapêutica deve segui-lo de modo a evitar sequelas perigosas. Essa Jornada árdua que o próprio autor efetuou com dedicação e disciplina, ao longo de dez anos, levou-o a receber a *kushma*, um reconhecimento que o inscreve na linhagem dos curandeiros da tribo *ashaninka*.

Em uma sociedade como a nossa, na qual os autoproclamados xamãs são infinitamente mais numerosos do que os verdadeiros curandeiros – não só graças a um efeito de moda, mas sobretudo pela necessidade vital que as pessoas sentem de se reconectar à natureza, a única fonte de Vida genuína que está ao nosso alcance –, o livro do Yves Duc é um guia fundamental para nos esclarecer acerca dessa profunda e fascinante caminhada. Terminarei com uma frase dele que faz jus às suas origens nas altas montanhas da Suíça e que revela tudo acerca dessa Jornada:

"Querer 'viajar' no mundo do xamanismo e do vegetalismo amazônico sem um perito equivale a querer se aventurar em alta montanha sem um guia devidamente formado e experiente. Com certeza, não ousaram tentar o Diabo!"

NATHALIE DUREL



PREFÁCIO DA EDIÇÃO FRANCESA¹

Ao longo dos últimos 15 anos, aproximadamente, o xamanismo amazônico e a utilização da Ayahuasca despertaram um enorme interesse por todo o mundo. Esse fato encorajou um número crescente de pessoas – provenientes da classe média urbana europeia, norte e sul americana, e, na realidade, de quase todo o planeta – a viajar até à Amazônia, motivadas por uma busca espiritual, simples curiosidade ou um desejo de procurar a cura para os seus males, onde a medicina convencional não se revelou eficiente. Em alguns aspectos, essa onda de viajantes faz lembrar as hordas de jovens buscadores que afluíram à Índia na década de 1970.

Essa demanda abriu um novo capítulo na história da abertura do espírito ocidental às tradições “exóticas” (ou seja, orientais, indígenas e esotéricas variadas), uma história que obviamente é remota, dado que o fascínio pelas filosofias e religiões asiáticas e pela sabedoria indígena entre alguns círculos de intelectuais ocidentais existe há séculos. Esse impulso cresceu consideravelmente e atingiu um público mais vasto a partir da década de 1960. A explosão da experimentação de drogas psicodélicas, que reinou nesse período, naturalmente fez com que muitos jovens se interessassem por essas culturas indígenas que tinham uma longa história no uso de

¹ Este prefácio é uma versão brevemente aumentada do que escrevi para a edição francesa original em janeiro de 2015.



plantas visionárias. O nascimento de um amplo movimento ecológico, as lutas anticoloniais e uma sede crescente por ensinamentos espirituais mais viscerais e holísticos, todos contribuíram para uma onda de interesse nas cosmovisões e práticas dos “primeiros povos”, sendo que muitos deles, paradoxalmente, se encontravam ameaçados de extinção cultural ou, no mínimo, enfrentavam profundas crises, à medida que a modernidade e os piores aspectos da globalização econômica cercavam suas terras ancestrais.

E, contudo, apesar desse crescente interesse global nas crenças e técnicas espirituais indígenas, o xamanismo amazônico permaneceu, até aos anos 1980, amplamente desconhecido fora da Bacia Amazônica, exceto em pequenos círculos de antropólogos e etnobotânicos mais aventureiros. Dito isso, as práticas indígenas da Amazônia de cura xamânica já tinham se expandido além dos grupos nativos em comunidades mestiças na região desde o início do século XX e pelo menos três igrejas brasileiras de sincretismo – cujos fundadores haviam sido expostos à utilização da Ayahuasca enquanto trabalhavam na selva e para os quais essa planta é um sacramento fundamental – foram fundadas muito antes dos anos 1980.

Todas essas novas religiões, legalmente reconhecidas pelo governo brasileiro, prosperam hoje em dia. As duas maiores, o Santo Daime – fundado na década de 1930 – e a União do Vegetal (UDV) – fundada em 1961 –, propagaram-se a nível internacional, abrindo novas congregações em diversos locais do “Norte global”. Também o extraordinário e muito influente professor de botânica em Harvard, Richard Evans Schultes, havia feito uma extensa investigação e viajado sozinho à Amazônia profunda durante os anos 1940, e William Burroughs e Allen Ginsberg tinham ambos se aventurado pela região em busca de experiências com Ayahuasca nos anos 1950 (com terríveis resultados). O antropólogo Michael Harner havia realizado uma pesquisa mais séria sobre as tradições xamânicas da região nos anos 1960 e, lentamente a princípio, outros investigadores, exploradores e viajantes começaram a gotejar até à Amazônia e a publicar relatórios e relatos das suas experiências. Mas, apesar de todas essas incursões, tais tradições



havia ficado praticamente desconhecidas até há cerca de 25 anos, e só nos últimos 15 anos ficaram mais conhecidas.

A recente popularidade global desse até agora obscuro conjunto de crenças e práticas – o que não surpreenderá ninguém – teve tanto efeitos positivos quanto destrutivos. Por um lado, como Jeremy Narby – um dos maiores peritos nessas tradições – realça, esta é a primeira vez desde a chegada dos europeus ao “Novo Mundo” que os estrangeiros vieram aos territórios dos povos nativos não para massacrá-los ou subjugá-los, roubar sua terra e explorar seus recursos, mas para aprender com eles.

Ninguém sabe exatamente quão antigas são essas tradições xamânicas, mas é quase certo que possuem muitos séculos, talvez um milênio, possivelmente muitos mais, e os seus antecedentes e precursores culturais datam certamente de vários milhares de anos. Há muito poucos lugares na Terra onde se consiga encontrar uma corrente ininterrupta ligada a uma tradição xamânica tão antiga e que esteja tão viva e dinâmica. São muitos aqueles que no mundo industrializado se sentem alienados das ideologias e sistemas de crença dominantes contemporâneos, que nos separaram do nosso sentido de ligação ao mundo natural e contribuíram para estarmos no meio de uma crise ecológica global sem precedentes. As cosmovisões dos povos indígenas, caracterizadas por seu profundo respeito à toda a teia da vida e por uma crença na possibilidade de uma relação direta e íntima com os “espíritos” que animam o mundo, é por isso muito atrativa para muitos de nós.

Mas também sabemos que o nosso planeta em “globalização” está passando por mudanças rápidas e altamente disruptivas. A sempre crescente e insaciável sede de matéria-prima nos países “em desenvolvimento” está provocando estragos em grande escala a nível ecológico e sócio-cultural, e os povos indígenas são muitas vezes as principais vítimas dessas forças predatórias tremendamente poderosas. A floresta amazônica está diminuindo e enquanto alguns grupos tribais conseguiram se organizar de forma relativamente eficaz para defender suas terras ancestrais e gerir a sua vida social, cultural e política ou a sua “modernização” de acordo com as suas próprias prioridades, regra geral os indígenas



amazônicos estão enfrentando difíceis crises, sendo fustigados por forças além do seu controle, ou enfrentando sua própria e completa extinção cultural.

Sob tais condições, é quase impossível encontrar qualquer espécie de xamanismo “puro” praticado até por grupos isolados. Basicamente todos os praticantes contemporâneos do xamanismo amazônico foram, em diversos níveis, afetados e influenciados pelo massacre da modernidade em sua região. As antigas técnicas e crenças têm vindo a colidir e a se adaptar ao mundo moderno de incontáveis formas, portanto os estrangeiros numa busca de certa forma idealizada ou imaculada de sabedoria, seguramente ficarão desapontados, e todos os visitantes inevitavelmente se depararão com uma enorme quantidade de intensas contradições sócio-econômicas, ambientais e culturais, sem falar dos problemas de comunicação inerentes ao tentar reconciliar formas muito diferentes de encarar o mundo. E a presença desse grande número de visitantes contribui, por si só, para a perturbação da vida local. O seu dinheiro, posses e abertura sexual (assim percebida) não pode deixar de gerar tentações numa zona tão pobre do mundo.

Assim, por um lado, a espiritualidade amazônica nunca foi alvo de tanta atenção e respeito, pois há agora um número considerável de xamãs que sai da região para conduzir cerimônias clandestinas na Europa, América do Norte e Ásia, e realizam inclusive algumas palestras e conferências acadêmicas sérias internacionalmente sobre a Ayahuasca, etc. Trata-se de uma extraordinária difusão global de um fenômeno até aqui puramente regional. Contudo, por outro lado, as deslocções em massa provocadas pela globalização e as ameaças existenciais à integridade da biosfera estão não só pondo em risco a sobrevivência de muitos povos indígenas como provocando, ainda que não a sua extinção completa, mas no mínimo uma mutação dramática de suas práticas culturais e espirituais, e a popularidade do xamanismo amazônico contribui, por si só, para essa perturbação. Na realidade, recentemente foram até redigidas algumas teses de doutorado sobre os complexos efeitos do “turismo de Ayahuasca” na Amazônia. As tradições xamânicas não irão desaparecer, mas é inegável que estão sofrendo uma rápi-



da mudança e se hibridizando.

E é precisamente por isso que este livro chega numa época tão oportuna. Foram escritos muitos livros interessantes sobre o xamanismo amazônico – alguns há várias décadas, e outros tantos estão sendo publicados a toda a hora –, mas este oferece algo genuinamente novo e precioso: uma descrição a partir “de dentro” do sistemático e gradual processo de aprendizagem de um iniciado numa via xamânica tradicional amazônica, sendo que os detalhes do mesmo só se revelam a alguém comprometido com o necessário estudo rigoroso e a longo prazo. Os xamãs indígenas com quem Yves Duc estudou se tratam certamente de homens com um pé na sociedade contemporânea, que encontraram formas de se ajustar às enormes mudanças em sua região e que sabem como navegar na vida atual. Estão longe de estarem livres de contradições e falhas, mas são também herdeiros diretos de uma corrente familiar ininterrupta que se encontra ligada às tradições antigas. Aquilo que ensinam pode não ser absolutamente idêntico ao que era praticado no período pré-colonial, mas está ainda muito próximo das tradições xamânicas “clássicas” dos Ashaninka e Shipibo. E, como referi, uma vez que essas culturas estão atravessando uma tão rápida transformação, um texto que capture com minúcia aquilo em que consiste um autêntico treinamento xamânico amazônico é um tesouro de inestimável valor, já que em breve poderá se tornar impossível estudar a maior parte dessas tradições como estando ainda remotamente próximas de suas formas originais.

Yves Duc é um dos poucos “ocidentais” que mergulharam de corpo e alma nos rigores e privações do treinamento xamânico indígena genuíno, uma formação que pode demorar várias décadas e que requer um enorme compromisso, concentração, persistência e sacrifício. Ele tem as condições requeridas de disciplina e coragem e o equilíbrio psicológico, sem o qual esse tipo de treinamento seria impossível, e a bússola moral e ética bem desenvolvida, sem a qual isso seria perigoso e até prejudicial. Possui também uma precisão e uma capacidade de objetividade desapegada que foram sendo polidas ao longo de décadas enquanto jornalista suíço, escrevendo regularmente sobre temas científicos. Yves não é certamente o pri-



meiro “gringo” a estudar o xamanismo de forma intensa, mas talvez seja o primeiro disposto a enfrentar uma viagem muitas vezes aterradora que passa por estados mentais tortuosos, os quais nos levam muito além do raciocínio linear quanto podemos imaginar, ao mesmo tempo que é perfeitamente capaz de descrever essa viagem com a clareza e a lucidez de um jornalista com ampla experiência e especialização na área científica. Seria difícil encontrar um candidato mais adequado para oferecer ao público ocidental um relato límpido e elegante da trajetória de um caminho xamânico amazônico. Até mesmo aqueles que tenham já lido bastante acerca desse tema e/ou tenham viajado pela região e tido experiências com a Ayahuasca aprenderão enormemente com este livro e aprofundarão de forma radical a sua compreensão daquilo em que consiste uma autêntica formação amazônica.

Mas sinto que devo dedicar algumas palavras de advertência aos leitores entusiasmados pelo fascinante mundo das práticas xamânicas e dos tipos de cura e experiências de expansão de consciência descritos neste e em outros livros, que possam estar considerando largar tudo e ir até à Amazônia. Antes de mais, é importante ter em mente que essas tradições foram criadas por culturas radicalmente diferentes das nossas, por pessoas que vivem num meio incrivelmente exigente, portanto, as suas cosmovisões e códigos morais muitas vezes variam substancialmente dos nossos. Qualquer aprendiz de xamã acabará por se chocar com alguns aspectos de “magia negra”, relativamente comuns no mundo do ayahuasquero, e muito poucos ocidentais se encontram psicologicamente equipados para lidar eficazmente com esse tipo de ameaça.

Até mesmo aqueles que vão à Amazônia apenas para uma experiência mais limitada com a Ayahuasca podem muitas vezes se deparar com uma série de problemas. A pobreza extrema, que referi anteriormente, assim como o legado de racismo e opressão e o nível de desflorestamento e degradação ambiental geram intensas contradições, e os viajantes devem se preparar para navegá-las. Também a sedução de jovens “gringas” ingênuas, tornadas ainda mais impressionáveis e vulneráveis sob a influência da Ayahuasca (cujo um dos efeitos é a abertura do coração), pelos xamãs e seus aprendizes, é,



com toda a honestidade, uma epidemia, quase mais a norma do que a exceção à regra. Uma vez que a região está sofrendo mudanças de forma muito rápida e dramática, inclusive alguns xamãs até agora bem conceituados podem se tornar pouco fidedignos. Alguns centros de retiros podem se tornar tão populares com visitantes que os recursos locais são sobrecarregados de impostos, a qualidade de atenção dada aos buscadores individuais decai e a integridade espiritual de toda a empresa se deteriora.

Isso não significa, de modo algum, que não se deva visitar a Amazônia e que experiências positivas não sejam possíveis, mas para aqueles que estão ponderando uma viagem dessas é importante não se fiarem num livro, até mesmo no melhor dentre eles, porque os livros já têm alguns anos quando os lemos e os lugares e pessoas neles descritos, entretanto, podem ter mudado. Antes de escolher um centro de retiros específico e/ou um xamã para visitar, é aconselhável procurar informação e relatos objetivos, imparciais e em primeira mão que sejam o mais recente e seguros possíveis.

Portanto, sim, o xamanismo amazônico é uma das grandes tradições espirituais da humanidade e é, hoje em dia, especialmente vibrante, parecendo ressoar a nível global. Podemos descobrir em seu seio sabedoria profunda, um sentido de ligação intensa à “inteligência” que subjaz à evolução e à natureza, algumas modalidades de cura física e psico-espiritual altamente eficazes e, até mesmo, experiências místicas autênticas, mas não é um caminho livre de riscos. Dessa forma, aqueles que o querem iniciar devem ter bom senso e manter os olhos abertos e a intuição aguçada.

J. P. HARPIGNIES

J. P. Harpignies é um consultor, organizador de conferências, revisor e escritor americano e belga (com dupla nacionalidade), que mora no Brooklyn, Nova Iorque. É autor de quatro livros: *Political Ecosystems*, *Double Helix Hubris*, *Delusions of Normality* e, mais recentemente, *Animal Encounters*. É co-autor de *The Magic Carpet Ride*, editor da coleção *Visionary Plant Consciousness* e editor associado dos dois primeiros livros “Bioneers”: *Ecological Medicine* e *Nature’s Operating Instructions*. É produtor associado



da Anual Bioneers Conference desde 1990 e também membro da equipe sênior de revisão do Buckminster Fuller Challenge. Foi diretor de programação do New York Open Center e fundador/co-produtor das conferências EcoMetropolis realizadas em Nova Iorque em 2004 e 2005. Também ensinou T'ai Chi Chuan no Brooklyn durante cerca de 25 anos.



ADENDO AO PREFÁCIO DA EDIÇÃO INGLESA²

Passados dois anos desde que escrevi o prefácio para a edição francesa original do livro de Yves Duc, a popularidade global e o interesse na Ayahuasca continuaram a sua extraordinária expansão. Há alguns anos atrás, em 2009, o famoso filme Avatar foi obviamente muito baseado nos estados visionários induzidos pela Ayahuasca. A árvore sagrada no centro do enredo foi até chamada de Aya (!), mas tudo isso passou despercebido para praticamente todos os que viram o filme porque na época muito pouca gente na população em geral havia ouvido falar da Ayahuasca. Hoje, contudo, desde as revistas de grande público, como o prestigiado New Yorker até aos pasquins de Hollywood que falam das estrelas que tomaram a bebida, todas incluem artigos sobre a Ayahuasca. Os comediantes famosos dos programas noturnos de televisão fazem ocasionalmente piadas sobre o tema. Cada vez mais estão se abrindo centros de retiros por toda a América Latina, mesmo fora da região amazônica, com enormes diferenças de preço, indo desde o mais rústico ao ultraluxuoso. Num sábado à noite qualquer, numa grande cidade norte-americana, muito provavelmente acontece cerca de uma dúzia de cerimônias clandestinas utilizando Ayahuasca. E eu não ficaria surpreso caso isso aconteça num grau ligeiramente menor na Europa e em alguns recantos da Ásia.

² Este texto é uma atualização/adendo ao prefácio original, escrito em janeiro de 2017 para a edição inglesa.



Essa proliferação fez com que alguns de nós se preocupassem com potenciais problemas, desde a possibilidade de eventuais medidas repressivas pelas autoridades à questão do excesso de corte e redução drástica de Ayahuasca selvagem na Amazônia; desde o surgimento de cada vez mais autoproclamados mestres de cerimônia sem treinamento adequado, com os riscos exponencialmente acrescidos que daí advêm para os participantes, ao incessante aumento de ideologias mal estruturadas, geradas por neófitos muito entusiasmados, sofrendo da inflação espiritual que pode acompanhar a utilização visionária da droga, etc., etc.

Aqueles que procuram manter as tradições num estado de “pureza” prístina e não adulterada acabam por estar quase sempre travando um combate considerado perdido a princípio, especialmente num mundo em rápida mutação como o nosso, onde, por exemplo, a “música do mundo” inclui qualquer tipo de fusão e mistura que se possa conceber, e a comunicação eletrônica penetra até ao mais ínfimo recanto do planeta. De fato, a mudança é uma constante no fluxo da vida e as culturas sempre se alimentaram e influenciaram umas às outras. O uso da Ayahuasca e as crenças espirituais a ela associadas muito provavelmente surgiram com um grupo tribal que as transmitiu a um outro, e depois a outros, e provavelmente todos contribuíram para as cosmologias e práticas. Hoje em dia a maioria dos ayahuasqueros incorpora iconografia cristã em seus rituais e, como vimos anteriormente, as igrejas brasileiras que usam a Ayahuasca – inspiradas pela utilização indígena da Ayahuasca – desenvolveram os seus próprios conjuntos sincréticos de práticas e as suas próprias ideologias. Essa é a forma como se desenvolvem os fenômenos culturais, mas o atual ritmo de ruptura e mudança está muito mais acelerado. Assistimos a um número cada vez maior de utilizações híbridas da Ayahuasca à medida que ela chega a novas populações e interfere com os sistemas de pensamento e práticas espirituais existentes. Algumas destas fusões poderão se revelar interessantes e promissoras, muitas delas provavelmente serão um fracasso ou simplesmente imbecis, algumas poderão ser perigosas, mas já não é possível parar neste momento e é impossível prever como acabará tudo isso.



Paradoxalmente, na minha opinião, isso torna este livro de Yves Duc – e outros relatos detalhados e rigorosos do xamanismo amazônico em suas formas “clássicas” – ainda mais precioso, pois realmente ajuda a ter um “ponto de partida” para comparar todas essas novas formas de utilização da Ayahuasca e o pipocar de experiências “neoxamânicas” com as antiquíssimas tradições dos povos indígenas que as geraram. É inevitável que as pessoas inovem e experimentem, e as culturas acabam por evoluir mesmo que os seus membros procurem mantê-las inalteradas. Mas, se tivermos seriedade, é preferível, no mínimo, estarmos muito bem informados acerca do espírito, da gravidade e do rigor das práticas originais dessas tradições – como este livro as descreve com tanta elegância e clareza –, caso contrário, às nossas experiências provavelmente haverá falta de profundidade e substância, serão passageiras e de pouco valor.

J. P. HARPIGNIES





Prólogo

O VÉU

– Se você quer realmente ver, deve ir além das suas visões; mesmo que sejam belas, deve ir ver mais longe – dizia na minha mente a planta alucinógena que acabara de beber.

– As alucinações visuais são como um véu – pontuou...

Antes de acrescentar:

– Deve pedir ao xamã para levantar o véu.

Foi o que fiz no dia seguinte. Guillermo, o xamã, toma nota e me responde algo do gênero:

– Sí, bueno, às vezes é necessário.

Estávamos em 2007, no Peru, no espaço de Guillermo Arevalo, um curandeiro tradicional da etnia Shipibo que, nos arredores de Iquitos, tinha um centro chamado *Espíritu de Anaconda* – Espírito da Anaconda. Que nome interessante para um centro dedicado às artes xamânicas amazônicas, dissemos a nós próprios quando chegamos lá...

Na cerimônia seguinte, ele se coloca à minha frente, como faz com cada participante, para entoar o canto que lhe parece ser o melhor para mim. Após cantar, me apalpa levemente o rosto, em particular os olhos, sopra fumaça de tabaco sobre a minha cabeça e passa ao próximo.

Depois de se afastar, vejo diante de mim, no lugar onde ele estava, uma espécie de inseto, quatro ou cinco pequenos insetos ovóides, de cor azul-clara fluorescente, se mexendo. Como tinha ouvido



dizer que temos de ser proativos com as nossas visões, juntei-os e, de repente, se transformaram numa grande cabeça de anaconda vermelha incandescente. E ela me olha fixamente.

Guillermo havia levantado o véu, e foi então que percebi que o nome do seu centro, *Espírito de Anaconda*, não era apenas um nome bonito e que o xamanismo amazônico era algo para ser levado a sério.



APRENDER COM AS NOSSAS VISÕES

Como sempre tive um fraquinho por serpentes, não fiquei muito inquieto perante essa anaconda do astral, enroscada em si mesma, que continuava olhando para mim, ainda que não parecesse ameaçadora. Era muito mais do que uma imagem ou uma alucinação, era uma presença, palpável, muito próxima, e acabou por se mexer para entrar em meu corpo na altura da bacia.

Durante todo o restante da cerimônia, que me pareceu interminável, a anaconda não parou de explorar o interior do meu corpo, onde conseguia segui-la, desenhando de vez em quando alguns arabescos no telhado da *maloca*¹ antes de voltar a mergulhar em mim.

A planta que se manifesta muitas vezes sob a forma de anaconda é a *ayahuasca*², o famoso "cipó dos mortos" ou "cipó dos espíritos"³, utilizado há séculos em toda a bacia amazônica para fins medicinais ou adivinhatórios. Misturado às folhas de um arbusto chamado *chacruna*⁴, ou ainda a outras plantas conforme as regiões, esse cipó dá uma decocção amarga, extremamente alucinógena, vomitiva e purgativa.

¹ *Maloca*: Casa tradicional circular ou oval feita de madeira, com telhado de folhas de palmeira.

² *Ayahuasca*: *Banisteriopsis caapi*.

³ Do quechua *aya* ("morte", "espírito") e *huasca* ("cipó").

⁴ *Chacruna*: *Psychotria viridis*.



O termo *ayahuasca* designa igualmente a bebida resultante da mistura de ambas as plantas. Guillermo, que é um mestre-combinador e um experimentador, não tinha dado ponto sem nó, pois tinha nos servido uma ayahuasca aditivada de *toé*⁵, marosa, uma espécie de beladona e um cacto da floresta chamado *chay*⁶, que ele comparou ao *San Pedro*⁷, utilizado pelos xamãs dos Andes e da costa Peruana.

Eu já me sentia infinitamente grato por tudo aquilo que havia recebido durante as três sessões que havíamos feito, mas estava ainda prevista uma quarta sessão. Esperava obviamente rever a minha amiga, a anaconda, mas não, foi impossível tirá-la do ninho. Duas horas passam, relativamente tranquilas, embalado pelas polifonias dos cantos shipibo, e ainda nada. Já estava quase me resignando quando o meu vizinho me deu um *mapacho*, um cigarro de tabaco selvagem peruano. E ali, na brasa, um sinal, dois olhos vermelhos, uma cabeça de serpente... *Tabaco! Fumaça de tabaco!*

Na medicina amazônica, o tabaco é fundamental, trata-se da planta número 1, aquela que faz a ligação com todas as outras, as une, as liga, as governa. Os espíritos são bons apreciadores da fumaça do tabaco, alimentam-se dela⁸. Mal dei três baforadas no *mapacho*, com esforço, a anaconda voltou a aparecer, primeiro de forma fugaz e depois com todo o seu esplendor. Tive a íntima convicção de que estava escondida numa ínfima parte do meu corpo.

Em quatro cerimônias, havia recebido a confirmação do que tinha lido e ouvido sobre o assunto, e que me havia conduzido ao Peru: sim, existe uma outra realidade, para a qual a ayahuasca é a porta de entrada e sim, é possível aprender com as próprias visões e, logo, diretamente das plantas.

⁵ *Toé*: *Brugmansia/Datura spp.*

⁶ *Chay*: *Opuntia spp.*

⁷ *San Pedro*: *Trichocereus pachanoi.*

⁸ Ler sobre este tema: Jeremy Narby, *Le Serpent Cosmique, l'ADN et les Origines du Savoir*, Georg Editeur, Genève, 1997, pp. 36-37, 117-118, 184.



REVER OS NOSSOS CONCEITOS

O irracional deve ser uma conquista da razão.

JACQUES CURCHOD

Nos países industrializados, pensar que podemos retirar ensinamentos das nossas visões é algo mal visto. É preferível evitar dizer isso ao nosso médico, ou até mesmo ao nosso psicólogo. No pior dos casos, passamos por alguém psicótico que deve ser tratado e, no melhor, por um iluminado, do qual devemos desconfiar. Isso é considerado uma vivência negativa, até mesmo mórbida. Para a ciência e a medicina ocidental, os efeitos que acabo de descrever entram na categoria das alucinações e a substância que as provoca é um alucinógeno.

Assim, tornava-se evidente que eu devia rever os meus conceitos. Eram manifestamente inadequados, mesquinhos demais para interpretar a realidade com a qual eu havia me confrontado. Dizer a um indígena da Amazônia que a ayahuasca é um alucinógeno significa verbalizar uma palavra que o deixará perplexo ou que ele não vai compreender. Lá, as plantas "mestras" são usadas para "ver" e o termo utilizado são "visões".

A própria palavra "visão" não é suficiente para descrever toda a amplitude do fenômeno, pois as visões, que podem ser de uma beleza e de uma complexidade que ultrapassam o entendimento, não se limitam a ser visuais. Podem ser emocionais, sensoriais, acústicas, inclusive musicais, ou ainda intelectuais, do domínio da concepção de ideias, como pude me dar conta.

Para revermos os nossos conceitos, nada melhor do que ficarmos calados. Esquecer aquilo que lemos e escutar aqueles que sabem. Para descrever um amigo, os ayahuesqueros amazônicos



usam de forma natural o termo sabedor, "aquele que sabe".

Do meu lado, os anos de jornalismo, e de jornalismo científico em particular, tinham forjado em mim um espírito crítico que se encontrava bem presente, ao mesmo tempo que o gosto pelas zonas fronteiriças do conhecimento. Não estava disposto a engolir uma bobagem qualquer, nem as tolices *New Age* em voga nos meios neoxamânicos, contudo estava disposto a escutar "aqueles que sabem". E Guillermo era um deles, oriundo de uma família de curandeiros, com quarenta anos de experiência com o trabalho das plantas, possuindo também um passado como enfermeiro hospitalar. É também autor de um livro sobre as plantas utilizadas pelo seu povo⁹.

Ele era, seguramente, o depositário de uma arte ancestral, de uma tradição iniciática viva, poderosa, com os seus ritos, os seus códigos, as suas técnicas e os seus segredos. Disso eu tinha visto o suficiente durante as quatro cerimônias para ficar convencido. Não era por menos que os meus alicerces tenham sido alterados, eu simplesmente tinha medido os limites do repertório da ciência racionalista nessa matéria. Era sobretudo um universo que se abria para mim, o da medicina do espírito, com uma infinidade de mundos, pois cada planta é um deles.

Então, aos 48 anos, decidia explorar esse saber, o qual sentia estar realmente em vias de extinção. Tinha a consciência de que existia por aí uma universidade, a universidade da floresta, e, se queria conhecer uma ínfima parte dela, era preciso começar quanto antes, pois a aprendizagem xamânica dura 30 anos, é o que dizem...

⁹ Guillermo Arevalo Varela, *Las Plantas Medicinales y su Beneficio en la Salud Shipibo-Conibo*, Aidesep, 1994.

O MAESTRO

*Se você quer aprender algo, leia sobre;
Se quer compreendê-lo, escreve-o;
Se quer alcançar a sua maestria, ensina-o.*

YOGUI BHAJAN

– Não são 30, mas 50 anos de aprendizado – corrige Juan Flores Salazar, ayahuasquero ashaninka¹⁰ instalado em Pucallpa, no sudeste do Peru. Nascido em 1951, Juan havia começado com 10 anos a estudar as plantas com diferentes mestres. O seu pai, que era curandeiro, tinha morrido com a queda de uma árvore na floresta. Nesse dia, ele havia esquecido o seu tabaco. A sua esposa correrá atrás dele para lhe entregar, mas era já tarde demais.

Desde 2002, Juan mantém um centro a cerca de 70km a sul de Pucallpa: Mayantuyacu, cuja reputação internacional não tem parado de crescer. O lugar, na orla da floresta primária, nas margens do rio Pachitea, é uma interessante experiência de preservação dos saberes medicinais amazônicos tradicionais, suportado por diferentes ONGs europeias. Aninhada num pequeno vale, a estrutura aproveita as virtudes terapêuticas de um rio de água fervente e do vapor que incessantemente é libertado lá, num ambiente relativa-

¹⁰ Os Ashaninka são a principal etnia da Amazônia Peruana, com cerca de 60.000 indivíduos. O seu território tradicional situa-se no sudeste do país e chega ao Brasil, onde são chamados de *Kampa*.



mente poupado pelo desflorestamento que avança sem parar ao seu redor.

Desde a minha primeira visita em 2007, Juan Flores afirmou uma coisa que chamou a minha atenção: "Este saber tem de sair da floresta", dizia ele.

Além dos seus dois aprendizes peruanos, Brunswick e Henarte, Juan já tinha naquela época aqueles a quem chamava de seus *estudiantes*, seus estudantes estrangeiros: argentinos, canadenses, mexicanos, americanos, espanhóis, franceses, entre outros.

Quando regresssei em 2008 ao seu espaço, muitos deles estavam lá. Foi uma cerimônia memorável, ao nível da partilha e da emulação, onde era claro que Juan estava prestes a pôr de pé uma escola para transmitir o seu saber.

Pude ter um vislumbre desse saber na noite em que um argentino, instalado ao meu lado, começou a cantar uma pequena melodia muito doce, repetindo muitas vezes *lindas sirenitas* ("lindas sereiazinhas")... Uma poderosa luz branca apareceu no outro lado da maloca, enquanto começava um bailado de barbatanas que limpavam o espaço cerimonial, com uma energia incisiva, um turbilhão de potência inaudita. Nesse período, Juan Flores estava ocupado tratando de uma australiana que sofria de um câncer de mama.

Durante o meu transe, algo tornou-se evidente: "Onde é que posso assinar? Quero fazer parte disso!" Havia em Juan uma força que se expressava com muita doçura, o estilo "Mayantuyacu". Naquela noite, ele havia nos servido uma ayahuasca feita com um cipó de 200 anos, de uma grande pureza, era um néctar do qual bastava beber uma lágrima, apenas o equivalente a uma colher de café.

Quando se toma esse tipo de substância, há todavia uma regra de ouro que se aceita geralmente seguir, a das 48 horas¹¹: não agir logo em seguida no mundo "real", não concretizar as impressões que

¹¹ Ler acerca desse tema: Jan Kounen, Jeremy Narby, Vincent Ravalec, *Plantes et Chamanisme, Conversations Autor de l'Ayahuasca et de l'Iboga*, Mama Éditions, 2008, p. 77.



tivemos durante a sessão, de dever fazer algo, já amanhã, na primeira hora: divorciar-se, mudar de profissão, ir dizer ao nosso chefe aquilo que vai no fundo dos nossos pensamentos, etc.

Devemos sempre dar tempo à reflexão, pois reencontrar o nosso estado normal pode demorar. Com a ayahuasca, seria até mais aconselhado contar em semanas. Então, deixei passar as 48 horas em questão, até mesmo um pouco mais, porque Juan tinha se ausentado durante dois ou três dias, o que me permitiu refletir seriamente acerca do compromisso que estava prestes a fazer.

Nascido em 25 de Maio de 1951 em Santa Rosa de Masisea, nas margens do Ucayali, Juan Gilberto Flores Salazar é oriundo de uma família de curandeiros. O seu pai era um, assim como a sua mãe, a sua avó interpretava o canto dos pássaros...

Órfão de pai aos 10 anos, Juan aprende durante três anos com um Maestro ashaninka, Eusebio Davila, na sua comunidade natal de Santa Rosa, conhecida pelos seus *curanderos*¹²: os *Santarrosinos antiguos*.

Aos 15 anos já é considerado um curandeiro e se torna um curador itinerante. Três anos mais tarde, instala-se numa comunidade cashibo – vizinhos dos Ashaninka e que vivem nus – e prossegue a sua formação com um novo mestre, Don José Rengifo, que lhe ensina o trabalho dos piri-piri – as ervas medicinais¹³ – e das pedras curandeiras. Lá permanece durante um ano.

¹² *Curandero*: "Curandeiro", em castelhano.

¹³ *Piri-piri*: Plantas da família das ciperáceas – muitas das suas espécies têm uma utilização mágica e/ou medicinal.



Em seguida, vai ter com os Shipibo do Baixo Ucayali, impelido pelo "desejo de conhecer os espíritos mais poderosos". Também irá aos Andes para explorar a medicina dos Incas e dos Maestros da huachuma, o cacto San Pedro. O seu último mestre será Adriano Tello, um ashaninka. Hoje, com 68 anos, Juan é o representante mais idoso dessa linhagem de curandeiros, os quais, diz ele, "se perderam no álcool".

Para Juan, a motivação do ayahuasquero pode ser resumida numa única pergunta, dirigida à planta: *Que hay más?* ("O que mais há?"), ou seja, a descobrir.

Mal Juan voltou, eu lhe disse:

– Maestro, vi que Mayantuyacu é uma escola de xamanismo tradicional ashaninka. Se estiver de acordo em me ensinar a sua arte, estou disposto a vir regularmente para aprender.

A sua resposta foi:

– *El camino es abierto* ("o caminho está aberto").

Temos um acordo. Estávamos em 2008. Eu sabia que iria ser difícil. As poucas sessões que havia realizado tinham me dado uma amostra. Basta mergulhar na literatura antropológica para saber que o percurso do aprendiz está repleto de experiências aterradoras. Em particular, as experiências de quase-morte (EQM), – como a medicina ocidental chama a esses fenômenos – são muito frequentes. Há também as famosas transformações xamânicas, nas quais nos transformamos, em nossa mente e em nosso corpo, em uma outra espécie, animal ou vegetal, e ainda as dietas, extremamente rigorosas, frequentemente associadas à toma de plantas tóxicas, a um isolamento na floresta, às purgas...

Todo um programa, duro para o corpo e duro para a cabeça. Daí a importância de se ter um bom Maestro, de total confiança e perito na matéria. Algumas plantas, em doses erradas ou mal pre-

paradas, podem ser fatais. Com Juan, eu sabia que estava em boas mãos. O que não impedia que um medo difuso me invadissem a cada sessão, no momento de beber *a copita* (a tacinha)...



A INICIAÇÃO: MORTE E RESSURREIÇÃO

Morra e se transforme!

GOETHE

– O medo? Você manda ele embora assim – Juan me explicava, fazendo um triplo gesto de lado com a mão, que mantinha vertical diante dos olhos, como se afastasse uma mosca, acompanhando os seus gestos com um “pfuit, pfuit, pfuit” evocadores.

É fácil falar! Mas quando estamos submersos por visões, abrimos os olhos e elas nos invadem cada vez mais e sentimos o nosso corpo se dissolvendo em grande velocidade, como num filme em ritmo frenético... Sabemos então que estamos prestes a deixar este mundo, o mundo da dualidade. Então, a morte é isso. Mais cedo ou mais tarde, se perseverarmos nesse caminho, o cipó dos mortos nos conduzirá nesse sentido.

E mesmo que não seja até as portas da morte, é bom saber disso de antemão, e sobretudo saber que retornamos, pois no momento não temos certeza de nada. O fato de Juan nos dizer no dia seguinte, para nos tranquilizar: “Sempre se volta”, não remove nenhum pouco o terror que podemos sentir quando damos por nós como um puro espírito, tendo deixado o nosso corpo, flutuando nos abismos nos quais as leis deste mundo deixam de ser válidas... Esse medo atávico, uma vez experimentado, marcará para sempre o iniciante, que jamais beberá a amarga bebida sem um leve tre-



mor.

– A ayahuasca nos ensina a morrer– diz Juan.

E de todo o tipo de maneiras, tal como o jovem rapaz que em uma única cerimônia, se viu morrendo queimado, eletrocutado, esmagado por um carro e, por fim, em sua cama. O seu veredito no dia seguinte foi:

– O melhor ainda é em nossa cama, não se sente dor.

Ou ainda a iniciante que, em sua segunda cerimônia, viu um tipo de fumaça negra chegar diante de seus olhos, da qual saíam vários espíritos de fogo que entravam em seu corpo pelos olhos e depois a queimavam por dentro. Em seguida, vomitou todo esse fogo e todo o interior do seu corpo. Ou uma outra jovem, instalada em sua cama de rede, transformada em uma barca funerária, enquanto seu corpo era devorado por vermes e insetos, enquanto uma enorme serpente se encontrava pousada sobre sua barriga.

Um dia, senti a força da medicina¹⁴ que, de repente, se amplificou, sem qualquer explicação, enquanto eu me encontrava de costas cravadas no chão, pelo peso do meu corpo, incapaz de fazer o mínimo movimento... Então o meu corpo se decompôs – eu podia vê-lo, senti-lo –, aliviando o peso a todo vapor até ficar em apenas estado de esqueleto, depois o próprio esqueleto se reduziu a pó e, por fim – essa lembrança permanece gravada em minha memória –, o meu crânio caiu para o lado, devido ao peso da mandíbula, dos dentes – que pesavam toneladas –, último resíduo do meu invólucro carnal.

Já não havia nem sim, nem não, todas as fronteiras tinha desaparecido, as próprias estruturas do mundo estavam como que apagadas. Eu estava apavorado, era um espírito perdido em uma outra dimensão, tendo como único ponto de ancoragem os cânticos do xamã, os quais captava ainda de longe, assim como a segunda pessoa em uma caravana de alpinistas atados por uma corda que, no

¹⁴ O termo “medicina” é utilizado neste livro da mesma maneira que para os ayahuasqueiros. Designa não só a poção ayahuasca – ou seja, a combinação ayahuasca/chacrana –, mas também o conjunto dos efeitos produzidos pelas outras plantas ministradas, os cantos e o contexto cerimonial.

meio da tempestade, mal consegue ouvir a voz do seu parceiro.

O próprio tempo havia se extinguido, eu sentia uma sede intensa, a necessidade de me mexer, de gritar, mas não era capaz de fazer o mínimo movimento. Depois, ao fim de uma eternidade, como que empurrado por uma força invisível, fui reerguido e voltei a me sentar, sob uma chuva de estrelas...

Meditei acerca do “banho de astros” dos alquimistas¹⁵. É preciso que o corpo morra se queremos extrair e purificar a alma, o “orvalho celeste”, antes de voltar a transfundi-la no adepto.

– Por que é preciso morrer assim? – perguntei a Juan.

– Para descansarmos! – ele me respondeu, primeiro brincando, acompanhando essa boa palavra com o seu lendário sorriso (ele é conhecido como o “xamã do sorriso”) e acabando por rir às gargalhadas.

E acrescentou:

– É uma prática, ir até lá, sentir-se morto e ressuscitar. A ayahuasca te ensina a morrer, a viajar e a não ter medo da morte.

Para encerrar, o *curandero* que assim praticou durante toda a vida, quando morre realmente não sabe se está morto ou está vivo, de estar tão habituado a esse estado, explicou-me Juan:

– É só quando os outros deixam de responder a você que percebe que está realmente morto.

A morte e a ressurreição, a iniciação, vivenciada na própria carne... “Antes de se começar a aprender, é preciso aprender a morrer e a se purificar”, a medicina me explicou, “as respostas às suas perguntas virão mais tarde”.

– Fique em silêncio, olhe e escute – me dizia a planta.

¹⁵ Fulcanelli, *Le Mystère des Cathédrales et l'Interprétation Ésotérique des Symboles Hermétiques du Grand Œuvre*, Éditions Pauvert, 2001, pp. 135-138. [Nota do Editor: Edição brasileira – *O Mistério das Catedrais*, Madras, 2007.]



O ACESSO AO CONHECIMENTO: A PURIFICAÇÃO

*Purifique-se, peça, receba, aja:
todo o trabalho está nesses quatro tempos.*

LOUIS-CLAUDE DE SAINT-MARTIN

– Fique calado e aproveite o espetáculo, posso dar a você muito mais do que é capaz de absorver neste momento – me ordenou a medicina na cerimônia seguinte quando, como era óbvio, as perguntas rondavam a minha cabeça, embrulhadas com um resquício do terror que havia experimentado.

E para me mostrar que não estava mesmo brincando, ela me submergiu em uma energia vermelha que foi me preenchendo cada vez mais até eu não aguentar mais. Na alquimia, a Obra ao Rubro é a purificação pelo vermelho sulfuroso, permitindo acessar o mundo não-físico, a derradeira etapa da Grande Obra. Ora, ora, disse a mim, será que essa planta portadora da morte – a Obra ao Negro – e da luz – a Obra ao Branco – também conhece o fogo secreto dos alquimistas? Eu já havia percebido que estava lidando com um programa iniciático de primeira ordem, mas a esse ponto...

Para realmente “por os pontos nos ‘is’”, em seguida a ayahuasca me mostrou em relance duas ou três coisas quem eram possíveis fazer com ela e que poderia me ensinar se eu perseverasse: buscar lembranças sorrateiras no mais íntimo da minha memória, visualizar o interior do meu corpo e então extrair a energia vital para me nutrir, ver a



mim mesmo a partir do lado de fora pelos olhos dos outros...

Claro que eu iria perseverar, que pergunta! Até mesmo porque sentia que, depois do trauma da passagem para o “outro lado”, eu tinha a necessidade de reconquistar a confiança, de sessões “terapêuticas” para refazer a relação. Eu tinha a esperança de que a medicina se tornasse mais suave, e assim foi.

A medicina se tornou mais doce, mas não foi o caso do Maestro. Logo no dia seguinte, ele me prescreveu uma purga de *wancawí sacha*¹⁶. Também conhecida como *yawar paga* em outras regiões do Peru, essa planta é amplamente utilizada pelos ayahuasqueiros para efetuar uma limpeza profunda em seus pacientes ou adeptos. As folhas, simplesmente trituradas em água fria, produzem uma náusea tão intensa que pode durar até dois dias.

Mas é claro que eu ignorava tudo isso quando Brunswick, o aprendiz de xamã, me trouxe o pequeno copo, para tomar de madrugada em jejum. Depois de bebê-lo, também é preciso tomar três ou quatro litros de água. Depois de um certo tempo, que varia de pessoa para pessoa, a náusea se torna tão forte que é possível se chegar a vomitar todo esse líquido até mesmo “pelas orelhas”, dizem alguns, o que pode dar um caráter explosivo ao tratamento. O processo depois é repetido, ou seja, beber, vomitar, beber, vomitar até que ocorra o desaparecimento da náusea e a expulsão da planta, muitas horas mais tarde. Depois disso, não é raro que a purga continue pela outra extremidade do corpo.

O *wancawí* produz uma limpeza que vai do cérebro até os intestinos e desata os nós que estão profundamente ancorados no organismo. Destina-se, por um lado, aos novos aprendizes – preparando-os para o estudo das plantas – e, por outro lado, às pessoas que desejam se libertar das toxicodependências. Nesse caso, as repetidas purgas são necessárias – num ritmo semanal, por exemplo – alternando com as sessões de ayahuasca. O próprio Brunswick curou o seu alcoolismo com *wancawí* quando procurou Juan Flores em 2002 e, desde então, dedica uma afeição muito particular a esse vegetal que, aliás, faz parte das plantas “mestras”.

¹⁶ *Wancawí sacha: Aristolochia didyma*.

BRUNSWICK, A VOCAÇÃO DE APRENDIZ

Diz-se muitas vezes que o xamã é um louco ou um doente que se curou. Nascido em 06 de maio de 1979 perto de Tarapoto, no Peru, Brunswick Montagne Guerra Barrera chegou a Mayantuayacu em 2002. Ele se encontrava em um péssimo estado depois de deixar o serviço militar e após ter trabalhado vários anos na exploração florestal: alcoólatra, anêmico, sofria de artrose, reumatismo, alergias e parasitas (leishmaniose) e tinha lesões cutâneas resistentes aos tratamentos.

Ao procurar um curandeiro tradicional, encontrou Juan Flores por intermédio de membros da sua família. Curou o seu alcoolismo com *wancawi sacha*, tratou as suas dores lombares crônicas com *chiric sanango*¹⁷, as suas hemorroidas com *bobinsana*¹⁸ e ficou apaixonado pelo *chullachaqui caspi*¹⁹, a árvore que abriga o *Chullachaqui*, o rei da floresta, um poderoso e brincalhão espírito guardião... O fato de ver trabalhando o Maestro e de ele próprio ter experimentado as plantas fez com que ele tivesse vontade de aprender. Um dia, durante uma cerimônia de ayahuasca, ele teve uma visão de si próprio como um curandeiro que viria a ajudar as pessoas que precisassem e foi assim que naturalmente ele se tornou um aprendiz.

¹⁷ *Chiric sanango*: *Brunfelsia grandiflora*.

¹⁸ *Bobinsana*: *Calliandra angustifolia*.

¹⁹ *Chullachaqui caspi*: *Tomovita sp.*



Hoje, Brunswick – Bruce para os íntimos – é um verdadeiro *curandero*, capaz de dirigir cerimônias. Recebeu de Juan a sua *kushma* – a túnica tradicional ashaninka –, assim como a coroa que marca a sua entrada na linhagem dos curandeiros da qual Juan Flores é o depositário. Trabalha perto de Pucallpa, desde 2013, de forma autônoma como *sheripiari*, mestre do tabaco, *ayahuesquero* e *palero*, especialista das árvores medicinais.

Quando lhe perguntamos sobre o que foi mais difícil durante todos esses anos, ele responde sem hesitar: os conflitos no mundo espiritual com os *brujos* (bruxos), os feiticeiros maus, que o atacavam e o impediam de dormir. Desde então, ele aprendeu a se proteger deles, com a ajuda da *ayahuma*²⁰, uma poderosa árvore medicinal, um dos “grandes doutores” da floresta.

Existe outra purga mais comumente praticada em Mayantuyacu: a do tabaco. O princípio é simples: engolir uma dose potencialmente mortal – pelo menos segundo os critérios da medicina ocidental – a partir de uma infusão de *maso* – folhas de tabaco negro enroladas e fermentadas, sob a forma de enormes cigarros com 50 centímetros de comprimento. A concentração pode variar em função do humor e das intenções do Maestro, nomeadamente ao nível da intensidade da limpeza desejada. Contudo, uma coisa é certa, imediatamente após se ter bebido o infame líquido, é necessário se beber muita água, a qual voltará logo em seguida com muita força, misturada com o suco do tabaco, o que por consequência redobra a náusea.

Essa purga é mais violenta que a do wancawi, mas tem o grande mérito de ser mais curta, durando cerca de uma ou duas horas.

²⁰ *Ayahuma: Couroupita guyanensis.*

Constitui uma excelente preparação para a toma da ayahuasca, libertando o corpo de miasmas e eventuais maus espíritos que ali possam se encontrar.

Pois tudo o que é vomitado nessa purga não o será durante a cerimônia, o que é um grande benefício para o xamã, assim como para a qualidade e a quietude da sessão. Também a própria ayahuasca é uma purga, aliás, ela é habitualmente chamada de *purga* em muitas regiões da Amazônia. Também nesse aspecto, isso depende das intenções do Maestro, que pode cozinhar uma medicina mais ou menos vomitiva, mais ou menos suave ou mais ou menos explosiva.

Em todo o caso, os vômitos e diarréias fazem parte do processo e as cerimônias em que ninguém mergulha a cabeça dentro do seu balde ou corra para as latrinas são a exceção. Os ayahuasqueiros têm muitas histórias escatológicas sobre aqueles que, em sua *mareación*²¹ – a embriaguez induzida pelas plantas –, não conseguem nem chegar lá e acabam tendo de serem colocados debaixo do chuveiro ou ir tomar banho no rio...

O choque da purga, que às vezes faz lembrar uma pancada com um porrete, produz um estado de receptividade, uma quietude propícia à introspecção e à escuta. Ela cala o bico dos tagarelas e acalma os agitados, pelo menos momentaneamente. Esse retorno a si mesmo *via* um líquido extremamente desagradável para lançar fora todo o tipo de coisas acumuladas ao longo de uma vida é libertador. Muitas pessoas têm visões espetaculares durante a purga do tabaco, por vezes, até mais do que com a ayahuasca, e algumas até passam a gostar desse processo de purga.

Durante o aprendizado, esse processo de limpeza e de purificação é constantemente renovado. Isso permite receber melhor a medicina, suportá-la melhor e ter melhores visões, com uma quantidade menor da bebida. De fato, é preferível ministrar pequenas doses que terão um grande efeito em um corpo bem preparado do que grandes doses que produzirão efeitos difíceis de gerir em uma pessoa mal preparada.

²¹ *Mareación*: Literalmente “enjoo”. [Nota do Traduzor: “Mareação”, em português, a qual faz alusão ao enjoo a bordo de um barco.]



A ayahuasca não causa dependência, nem habituação. Não é preciso aumentar as doses quando se toma com frequência. Pelo contrário, quanto mais experiente for o adepto, menos necessidade terá de absorvê-la para mergulhar no estado visionário.

Ao longo dos anos, esse estado se torna uma espécie de segunda natureza. Pode constatar diversas vezes que um bom praticante dessa medicina, mesmo com poucos anos de experiência, é capaz de avaliar uma pessoa com um simples olhar, prever a sua reação – à purga de tabaco ou à ayahuasca, assim como medir a amplitude do trabalho a ser efetuado. O diagnóstico será mais tarde afinado durante a sessão propriamente dita.

Existe ainda um outro tipo de vômito, mais misterioso, quando é o próprio Maestro que vomita ou os seus aprendizes. Normalmente os oficiantes pouco vomitam, sobretudo se forem experientes. Quando isso acontece, não é porque não estão aguentando a medicina, mas, na realidade, é porque não se livrarem de um *miasma* ou de uma entidade negativa que saiu dos seus pacientes durante a sessão e que passou através deles. A simples proximidade de uma pessoa gravemente doente, toxicômana ou tomando medicação pode ser o suficiente para desencadear o vômito. O xamã é um canal, a limpeza de seus pacientes passa por ele. A acuidade que desenvolve tem o seu preço: vomitar por outras pessoas é próprio do ayahuasqueiro.

– Para vermos, precisamos nos limpar – me explicava Juan Flores um dia no qual eu exprimia a ele o meu desânimo, o meu sentimento de estar “cego”, submerso por visões parasitas, sem pé nem cabeça, que me impediam de perceber aquilo que acontece verdadeiramente em uma cerimônia. Isso virá, *poco a poco* (“pouco a pouco”), ele me tranquilizou.

A purga, a interiorização e a capacidade de fazer silêncio em si já fazem parte do aprendizado, assim como também uma dieta estrita e a descoberta das virtudes da abstinência. Dessa maneira, de forma progressiva, no decorrer um trabalho continuado, o adepto “verá” cada vez melhor.

É nas trevas que melhor se distingue a luz: esse ditado se aplica aqui de maneira muito particular. Uma cerimônia de aya-

huasca decorre, salvo exceção, durante a noite. É nesse período que o binômio ayahuasca-chacrana melhor se expressa. Mergulhados no escuro, os participantes dispõem de um primeiro tempo de 30 a 45 minutos de silêncio, o tempo para a medicina começar a atuar. Trata-se de uma fase meditativa e introspectiva, antes dos cânticos desencadearem um fogo de artifício que durará várias horas.



OS ÍCAROS: QUE PLANTAS SÃO ESSAS QUE CANTAM NA NOSSA CABEÇA?

Chamados de *ícaros*²², os cantos são a base da medicina amazônica. Tudo acontece através deles e sem eles nada se faz. São a ligação entre todos os seres e concretizam o casamento da alma humana com os espíritos da natureza, pelos quais se exprime uma vontade pelo amor, reforçando o trabalho das plantas dadas aos pacientes.

Através do canto, o xamã invoca e evoca – no sentido mágico do termo – os seus espíritos aliados, ou seja, faz com que apareçam. A evocação pode ir muito além disso, até ao ponto de provocar na pessoa tratada uma experiência de metamorfose em árvore, em serpente, em papagaio, em jaguar... Visualmente, intimamente e com plena consciência, nos transformamos então em uma outra espécie. A experiência pode ser aterradora, pelo menos na primeira vez, ou dolorosa. Requer uma supervisão próxima por parte do xamã ou dos seus aprendizes para evitar que a pessoa se machuque, por exemplo, ao gesticular.

Foi assim que, em 2008, tomado por uma necessidade imperiosa de correr até às latrinas, quando havia acabado de acender um mapacho e o meu corpo explodia com a potência da medicina, pedi a Brunswick que me acompanhasse. Ao fim de alguns metros, perdi a consciência e caí no chão da maloca em posição fetal. Quando

²² *Ícaro*: Do quechua *icarai*, "soprar".



voltei a mim, assobiava levemente as seis primeiras notas de uma melodia desconhecida, enquanto discernia ao meu redor um recinto ovóide esbranquiçado e escamas verdes fluorescentes...

Eu era uma pequena serpente enrugada em seu ovo, continuando a assobiar as mesmas seis notas vindas de algum lugar, enquanto Brunswick regava a minha testa com água perfumada. Após alguns instantes de eternidade, consegui finalmente me desenrolar, rastejando ao luar e cantarolando aquele misterioso ícaro que não me largava. A embriaguez e a necessidade de defecar haviam desaparecido por completo, o caos havia se estruturado, com a energia cristalizada em uma visão de uma nitidez excepcional e de um poder simbólico que somente mais tarde pude avaliar. Devo dizer que demorei um certo tempo até voltar a tomar posse do meu corpo humano, ficando me abanando e apalpando para ver se ele ainda funcionava normalmente. Brunswick, por sua vez, supervisionava tudo, deitado em sua rede.

Esse renascimento iniciático no ovo da serpente marca o verdadeiro começo do meu percurso xamânico. Acabei descobrindo que as seis notas em questão marcam o início de um canto de Juan Flores nas línguas shipibo e ashaninka. Trata-se de um ícaro muito complexo e poderoso que remonta ao século 18, segundo Juan, e que combina os poderes do totem dos dois povos, a serpente e o jaguar, respectivamente. Certamente eu já havia escutado esse ícaro em cerimônias anteriores, mas não havia prestado muita atenção nele, então me dediquei de imediato em integrá-lo ao meu repertório.

Durante as cerimônias seguintes, cada vez que Juan o cantava, eu sentia a minha coluna vertebral ondular de uma forma totalmente despropositada, impossível em circunstâncias normais, como que movida por vontade própria. Os meus membros se cobriam de escamas, o meu olfato ficava cada vez mais apurado... A experiência pode voltar a acontecer e podemos até aprender a gostar dela.

A força desses cânticos, desdobrada pela da ayahuasca e de outras plantas ingeridas, é fenomenal. O poder do xamã se mede pela quantidade dos seus espíritos aliados e dos cantos que estão ligados a eles. Um *icarero legitimo* é aquele que conhece muitos

ícaros, diz Juan, em resumo como é seu hábito. Quando insistimos um pouco, confessa conhecer por volta de 150.

Sendo essa uma tradição puramente oral, é natural que os cânticos se modifiquem durante a transmissão de adepto para adepto, de geração em geração, cada um os interpretando à sua maneira. A constituição do repertório do xamã é algo muito misterioso, com duas fontes principais. Inicialmente, graças a escutá-los repetidas vezes, o aprendiz é impregnado com os cantos do seu mestre. Logicamente, ele passa a adotá-los, pelo menos em parte, principalmente no início. Em seguida, os cânticos irão evoluir ao longo da sua prática, ficando mais personalizados e ganhando força e fluidez.

Mas existe uma outra fonte da qual o aprendiz bebe: diretamente das plantas. Os curandeiros amazônicos, também chamados de *vegetalistas*, são gnósticos do mundo vegetal²³, obtêm delas um conhecimento espiritual direto: cânticos inspirados pelas “plantas-mestras”, ditados por elas, tanto a letra quanto a melodia, transmitidos de espírito a espírito. Isso pode acontecer numa cerimônia, num sonho ou ainda durante um retiro de isolamento na natureza, com um silêncio propício a esse tipo de coisa.

Receber um canto do espírito de uma planta não é algo fácil. Isso toma tempo e é evolutivo. Às vezes, ouvimos uma pequena melodia vinda de parte alguma, começamos a assobiar uma música completamente desconhecida, mas isso não é suficiente para compor um cântico. Por vezes, no dia seguinte, nem nos lembramos dela minimamente. Gravada num recanto do nosso cérebro, a melodia ressurgue três dias mais tarde. Às vezes, a planta inspiradora é claramente identificável, outras não.

O fato de uma planta, ou um espírito da natureza, cantar de forma telepática em nossa cabeça já é em si um pequeno milagre. Conseguir a transferência para o mundo “real” é um outro, que requer experiência. Quando a melodia se insinua nos meandros do nosso cérebro, deve-se imediatamente trabalhá-la, fazê-la evoluir,

²³ A experiência pertence a Terence McKenna, descrita no livro “O Alimento dos Deuses”.



sem contudo alterá-la, depois procurar memorizá-la, caso contrário, o episódio corre o risco de ser realmente passageiro. A esse respeito, a tecnologia atual veio auxiliar os *estudantes vegetalista*s contemporâneos, ter o seu *smartphone* à mão – sobre a mesinha de cabeceira, por exemplo, ou na cerimônia – permite gravar logo o misterioso ícaro e conservar um sinal material concreto

Mas isso não basta, uma vez importado para este mundo composto e dominado, o canto ainda deve ser “reexportado” para o astral, cantado em cerimônia, o que não é assim tão evidente. Aconteceu comigo várias vezes ter um “branco” e, frequentemente, são necessárias duas ou três sessões de afinação antes de tomar a sua forma definitiva.

De uma maneira geral, cantar sob ayahuasca é uma coisa difícil. Não se improvisa. A própria medicina havia me aconselhado em minha segunda estada:

– Não cante em cerimônia antes de estar realmente pronto! Em vez disso, pratique sozinho na floresta – ela me sugeriu.

Além disso, existem regras em Mayantuyacu: até à *soplada*²⁴ – isto é, o momento em que o xamã encerra a parte de cura da cerimônia, soprando perfume e fumaça de tabaco sobre os participantes – somente o Maestro e seus aprendizes ou estudantes autorizados é que podem cantar. Depois, os outros são livres para experimentar o mesmo.

Trata-se de um treinamento por um lado, o fato de cantar ajuda a suportar a força da medicina e impõe respeito às visões invasoras, organizando-as e estruturando-as. Por outro, acontece a qualquer aprendiz ayahuasqueiro, uma vez ou outra, ter de passar a sua vez de cantar, abreviar um ícaro ou, pior, perder as forças ou vomitar mesmo no meio da sua bela prestação...

Quantas vezes tive de pedir ajuda à medicina para poder continuar a cantar! Os ícaros que são executados enquanto se caminha são particularmente difíceis: acompanhados pela *maraca*²⁵ ou

²⁴ *Soplada*: Do castelhano *soplar*, “soprar”.

²⁵ *Maraca*: Instrumento de música composto por uma cabaça com sementes no interior, encaixada num pau.

pela *chacapa*²⁶, o oficiante caminha no meio dos participantes e age como um catalisador das energias presentes, transmutando-as. O exercício costuma se realizar sobretudo na segunda parte da cerimônia, quando grande parte do trabalho de limpeza já foi feito, pois certas energias podem literalmente nos cortar a respiração ou ainda nos obrigar a voltar urgentemente para o nosso balde para que vomitemos os miasmas assim colhidos.

No entanto, com o passar dos anos, a potência o cantor aumenta. Graças ao seu trabalho, ele adquire progressivamente a capacidade de se transformar em espírito, permanecendo senhor do seu corpo, e de agir simultaneamente em ambos os mundos. Como diz Juan, ele se torna um cristal, um emissor-receptor, atravessado pelo canto.

Um dia, após cinco anos de prática, enquanto estava cantando o ícaro do tabaco, o meu corpo desapareceu por completo. Continuei cantando, nem sei como. Estava transparente, o canto vinha de trás de mim de algum lugar e voltava a sair pela frente, indo iluminar o espaço cerimonial. Foi assim que pude compreender o que Juan queria dizer com “cristal”.

Os ayahuasqueiros que encontrei são unânimes: para se cantar bem, temos de estar *bien mareados* (“bem na embriaguez da medicina”), não apenas pela metade. Quanto mais forte a *mereación* – literalmente “mareação” ou “enjoo” –, melhores serão os cânticos e melhor o xamã captará o que se passa na sua cerimônia. Com a ayahuasca não poderemos fazer as coisas pela metade: ou se toma o suficiente para ficar no estado de receptividade necessário ou não se toma. Não há meias-verdades, há a boa medida e além dela, quando o Maestro, por exemplo, decide fazer uma sessão mais potente para os seus aprendizes e pacientes ou um dos participantes em particular.

Isso pode ser modulado indefinidamente. Há cânticos para chamar os espíritos da terra, outros para invocar os das águas, ou-

²⁶ *Chacapa*: Pequena vassoura feita com folhas. Trata-se de um instrumento xamânico que serve para acompanhar os cânticos ou fazer uma limpeza da área dos participantes.



tros ainda as criaturas celestes. Também não é proibido misturar os três mundos em complexos terapêuticos explosivos!

Os icaros de cura são cantados de preferência na primeira parte da cerimônia. Após duas voltas de aquecimento para instalar a voz, Juan Flores inicia sistematicamente a cerimônia com *Ayahuasca mariri*, o ícaro que invoca o *mariri*, o fluido vital da ayahuasca. Geralmente se seguem o da chacruna, do tabaco e das outras plantas, nomeadamente aquelas que são ministradas às pessoas presentes.

Sob o efeito da ayahuasca, o xamã tem a capacidade de “ver” e sentir a energia que é libertada pelos pacientes e os efeitos que nela são produzidos pelos cânticos. A medicina indica a ele que espíritos deve chamar. Um dos grandes clássicos da mitologia amazônica é o *Aceropunta*²⁷, simultaneamente barco e submarino, transportando toda uma tripulação de pequenos médicos, enfermeiras, fadas, sereias e curandeiros, e comandado por um *Sumiruna*, xamã das águas, imortal, capaz de se transformar em qualquer coisa.

– Poucos maestros conhecem os espíritos das águas – comenta Juan.

²⁷ *Aceropunta*: Literalmente “ponta de aço”, barco-fantasma que entrou na mitologia amazônica na época do *boom* da borracha, com a chegada dos primeiros barcos a vapor, que chamaram muito a atenção dos povos indígenas. Podemos constatar aqui uma apropriação ou assimilação do poder tecnológico dos brancos. O pintor-xamã Pablo Amaringo (1938-2009) o descreve como uma emanção do Huairamama, a serpente cósmica, ou do Yucumama, a anaconda mitológica. Apenas se manifesta de noite e abarca toda uma tripulação de marinheiros com uniforme branco, doutores de cor violeta, enfermeiras de azul-celeste, assim como espíritos aquáticos, sereias, *yacurunas* (em quechua “ser da água”, sereia-macho), musas e golfinhos cor de rosa... O *Aceropunta* é comandado por um *Sumiruna*, o grau mais elevado do xamanismo do mundo das águas. Dentro do compartimento motor se encontra um grande caldeirão de ayahuasca que produz o vapor que sai pela chaminé, segundo a descrição de Pablo Amaringo.

Ler sobre esse tema: Pablo Amaringo, Howard G. Charing, Peter Cloudsley, *The Ayahuasca Visions of Pablo Amaringo*, Inner Traditions, Rochester, 2011, p. 45, 103.



Os Ícaros: que plantas são essas que cantam na nossa cabeça?

Em contrapartida, muitas pessoas passaram pela experiência desses misteriosos *doctorcitos* (doutorezinhos) terem vindo trabalhar no interior do seu corpo e nele realizaram operações.

ÍCARO DO ACEROPUNTA

Era un barcorunaci Aceropuntaini

Era un barcorunaci Aceropuntaini

Medico medico medico medico

Medico medico medico medico

Lindos doctorcitoini ora llamo llamoini

Lindos tripulantaini ora llamo llamoini

Cantaremo y cantaré senariridaidaidai

Punga punga mariri punga punga mariri

Llora llora cogollo lindas flores mayayai

Pura medicinaini senari didaidaidai

Mariri mariri ora llamo llamoini

Lindo yacurunaini ora llamo llamoini

Lindo maestritoini del aguita orayai

Lindo yacurunaini senari didaidaidai

Linda sirenitaini ora llamo llamoini

Linda princesitaini linda doctorcitaini

Senari didaidaidai cura curanderita

Lindo Yacumamaini ora llamo llamoini

Cuidaremo e cuidaré lindo Yacumamaini

Senari didaidaidai ora llamo llamoini



*Lindo Yanapumaini ora llamo llamoini
 Lindo Yanapumaini del aguita orayai
 Cuidaremo y cuidaré lindo guardiancitoini
 Senarididaidaidai ora llamo llamoini
 Sumiruna Sumiruna comandante orayai
 Alto espírituini doctor ora llamoini
 Sumiruna Sumiruna lindo curandero
 Senari didaidaidai cura curandero
 Lindo barcocitoini surcaremo y surcaré
 Submarinoruna submarinoruna
 Senarididaidaidai nainainainainainainai
 Era um barcorunaci Aceropuntaini...*

Neste ícaro, em primeiro lugar, é invocado o barco mitológico *Aceropunta*, os seus tripulantes e os pequenos doutores (*doctorcitos*) que transporta. Segue-se a invocação das flores da *punga*²⁸, árvore que mergulha as suas raízes na água, que abre as portas do mundo aquático e é também conhecida por conter a maior quantidade de *mariri*, ou fluido vital. Depois, vêm o *Yacuruna* – espírito subaquático masculino e poderoso aliado xamânico –, a sereia, o *Yacumama* – a anaconda encarregada de vigiar a cerimônia –, assim como o *Yanapuma* – o jaguar negro das águas – e, por fim, o *Sumiruna* – o xamã-curandeiro que alcançou o nível mais elevado, o comandante desse barco mágico. Nem precisa dizer que esse cântico aquático extremamente poderoso aumenta muitas vezes a reação dos participantes na cerimônia... Pode durar uns 20 minutos e contém uma série de acréscimos e variantes.

²⁸ *Punga: Bombax munguba.*



A estrutura dos ícaros é geralmente muito simples. O ayahuesquero chama os espíritos numa alegre mistura de castelhano (*llamo* = "chamamos" / *ora*, de *orar* = "rezar"), quechua²⁹ (*runa* = "ser", "pessoa"), ashaninka e até de outros idiomas, num todo ornamentado com terminações *-aini*, *-oini*, *-aci* e muitos *lindos* ("bonito", em castelhano) e diminutivos afetuosos.

Outros cantos chamam os espíritos celestes, como o *Gran Cashimbero*³⁰, cujo cachimbo se transforma de beija-flor para descer à Terra e cuidar dos mortais. Outros ainda invocam os *palos* (paus), as árvores medicinais, os "grandes doutores" da floresta ou o *kuraka*, o chefe mitológico de cada tribo. Também existem os ícaros de proteção, da cerimônia ou do aprendiz que já passou por um longo isolamento: antes de reintegrar o mundo dos humanos, o seu mestre lhe canta o ícaro do *Arkana*³¹, como forma de proteção contra os maus espíritos e os colegas maldosos. Por fim, temos os ícaros de agradecimento, aos espíritos do lugar, por exemplo, que são cantados no final da cerimônia, assim como outros que celebram as belezas da natureza ou os ensinamentos da medicina.

Uma noite, uma jovem que se encontrava ao meu lado ouviu pequenos espíritos sussurrarem a ela no ouvido e perguntou o que poderia fazer para lhes agradecer. A sua resposta foi:

– Nada nos deixa mais felizes do que ouvir os cantos de vocês.

²⁹ *Quechua*: Língua veicular da civilização inca, depois da colonizador espanhol. Subdivide-se em numerosas variedades faladas em vastos territórios que vão desde o Equador até à Argentina, dos Andes até à Amazônia.

³⁰ *Gran Cashimbero*: Espírito celeste fumador de cachimbo (*cashimbo*, em ashaninka).

³¹ *Arkana*: "Fortaleza", "defesa", em quechua.



A DIETA DAS PLANTAS: OS PALOS

*As escolas de pensamento profundo
sempre impuseram a disciplina do silêncio.*

OSWALD WIRTH

Dentro da tradição ashaninka de Juan Flores, a ayahuasca é o princípio masculino, portador do saber, e a chacruna é o princípio feminino, portador da luz. Em outras etnias é ao contrário e a representação mitológica do binômio varia no seio dos numerosos povos da bacia amazônica que o utilizam.

Mas uma coisa é certa, as duas plantas são psicoativas independentemente uma da outra e a sua combinação acabaria por se impor mais cedo ou mais tarde³². Tomado isoladamente, o cipó ayahuasca preparado em decocção é amargo e mais vomitivo. Em fortes doses, provoca visões, embora mais fracas, menos coloridas e menos espectaculares do que quando está associado à chacruna, com tons azuis-claro, marrons ou preto e branco.

A introspecção é igualmente menor, embora esteja presente. “Os Ashaninka não utilizam a ayahuasca sozinha”, explica Juan Flo-

³² Ler sobre esse tema: Gayle Highpine, *Unraveling the Mystery of the Origin of Ayahuasca*, 2012, (<http://www.ayahuasca.com/ayahuasca-overviews/unraveling-the-mystery-of-the-origin-of-ayahuasca/>).



res. Especialmente, para termos a dimensão da morte, é necessária a combinação das duas plantas, ele nos diz. No entanto, em certos povos amazônicos, como os Kichwa, os aprendizes ayahuasqueiros efetuam “dietas” associadas à toma isolada do cipó para aprenderem a conhecê-lo melhor e para distinguir o que vem dele³³.

No espaço de Juan, é antes a chacruna a ser ministrada isoladamente aos estudantes. Uma decocção extremamente concentrada de flores do arbusto provocará pouca ou nenhuma visão mas, em contrapartida, produzirá uma séria *mareación*. Ela também trabalhará muito durante o sono, nos sonhos, conduzindo o adepto ao seu mundo. Se a ayahuasca é uma planta da terra, a chacruna é considerada uma princesa do mundo das águas, uma sereia que se desloca pelos cursos de água na floresta.

Em Mayantuyacu, são numerosos aqueles que literalmente se apaixonam por essa Dama branca que surge por vezes em cerimônia para trabalhar com uma pessoa, sempre com uma infinita doçura. Ela é o par perfeito da ayahuaca, que coloca cada um perante as suas responsabilidades e as suas contradições, muitas vezes sem delicadeza, até mesmo de maneira bruta. O princípio masculino faz o diagnóstico, põe o dedo onde dói, enquanto que o princípio feminino vem lambe as feridas.

Muito já foi escrito sobre a química da mistura explosiva de ambas as plantas. A dimetiltriptamina (DMT) contida na chacruna é a principal fonte das visões. Mas quando é ingerida, ela se degrada graças a uma enzima do tubo digestivo, a monoamina oxidase, e logo não pode manifestar os seus efeitos. Ora, o cipó ayahuasca contém beta-carbolinas – harmina, harmalina e tetra-hidro-harmalina –, que são precisamente os inibidores da monoamina oxidase (IMAO). Ao neutralizarem essa enzima, permitem que o DMT se exprima.

Eis então, para a química, a visão ocidental das coisas. Nesse contexto, é importante sublinhar que o próprio ser humano produz DMT, segregado pela glândula pineal, que se encontra no cérebro.

³³ Gayle Highpine, *op. cit.*



Essa molécula³⁴ é partilhada com outros mamíferos e numerosas espécies vegetais. Essa hipótese é geralmente a mais admitida na literatura especializada para explicar como os xamãs, aumentando em seu cérebro a taxa dessa substância natural comum às plantas e aos animais, conseguem entrar em comunicação com eles.

Um dia, perguntamos a Guilherme Arevalo por que as plantas concordaram em ajudar os seres humanos, enquanto eles destroem a floresta e as tratam tão mal. Ele respondeu que as plantas são nossas avós e que, como tal, não conseguem se abster de virem socorrer os seus netos... Isso é uma verdade científica: as plantas nos precedem na evolução. Não é por isso surpreendente que partilhemos com elas determinadas moléculas como o DMT, assim também como partilhamos uma proporção mais ou menos importante de DNA com os outros seres vivos.

A ayahuasca, o cipó, é a porta de entrada dessa medicina, da qual ela é igualmente sua guardiã. É ela que, em conjunto com a chacruna, decide o que vai revelar e ensinar a cada um no âmbito de um programa terapêutico, iniciático e personalizado. Falamos aqui, seguramente, de processos eminentemente subjetivos, que trabalham sobre a matéria humana, sobre a própria vida, tendo por consequência uma infinita variedade de expressões. A reprodutibilidade preciosa para o método científico não é o forte da ayahuasca. Mas, no entanto, existem constantes: os especialistas da questão estão de acordo sobre o fato de, por mais estranho que possa parecer, a planta se adaptar a cada pessoa e fazê-la seguir um curso individualizado³⁵.

Mais forte ainda: mesmo que não a tomemos durante um longo período, seis meses ou um ano, o ensino é retomado precisamente no ponto que em paramos. O que está visto, está visto, o que está adquirido, está adquirido, nomeadamente a capacidade de suportar a medicina e a acuidade da visão. Não há retrocesso

³⁴ Ler sobre esse tema: Rick Strassman, *DMT: A Molécula do Espírito* (ver editora brasileira).

³⁵ Ler sobre esse tema: Benny Shanon, *The Antipodes of the Mind*, Oxford University Press, 2005, pp. 301-303.



e isso é uma das coisas encorajadas nesse aprendizado que, por outro lado, é longo e penoso.

É dura a universidade da floresta, mas como ela é bela! Para aprender, trata-se precisamente de mergulharmos nela, na floresta, e aí ficarmos, não apenas algumas horas, como temos por hábito em nossas terras, mas durante dias, semanas, até meses, e sozinhos. Tradicionalmente, certas “dietas” duram até um ano ou mais, durante as quais o aprendiz é colocado em isolamento em uma pequena cabana, com uma dieta alimentar estrita, composta principalmente de mandioca, peixe defumado, e banana da terra. Somente o seu *maestro* (mestre) está autorizado a lhe trazer a comida.

Essas dietas não visam de modo algum perder peso, embora infalivelmente seja o caso, mas sim estudar uma planta ou uma árvore bem precisa. Algumas delas impõem restrições alimentares estritas, nenhuma carne, nenhum peixe carnívoro, nenhum lactícnio, nenhum sal, nenhum açúcar artificial ou até mesmos fruta – como é o caso do *chiric sanango* –, nenhum sexo, etc. As consequências, em caso de transgressão, podem ir desde a diarreia até à febre, e até mesmo o desmaio e a morte.

A dieta conhecida por ser a mais perigosa é a do *ajosquiro*³⁶, uma árvore medicinal muito poderosa, considerada como um grande protetor contra a bruxaria e que abre os três mundos: a terra, as águas e o céu. Em Mayantuyacu, o único alimento autorizado durante essa dieta é uma sopa de aveia sem sal nem açúcar. O não-respeito provoca icterícia, febre, infecções e, por fim, a morte.

– *Te mata* – resume Juan Flores.

Ela ataca o fígado e não há mais nada a fazer:

– *No se puede sacar* (“não se consegue retirar o mal”).

Em Mayantuyacu, foram recriados os *tambitos* de dieta “à moda antiga” ao longo do rio, a algumas centenas de metro da aldeia, destinados aos estudantes colocados em isolamento. Nesse caso, são simples plataformas de tábuas sobre estacas com uma barreira em dois dos lados e um telhado de coloras de palmeira,

³⁶ *Ajosquiro*: *Gallesia integrifolia*.

assim como uma rede e uma cama. Sozinho com o vegetal que deseja conhecer, e do qual bebe todos os dias um preparo que varia segundo a espécie, o *dietero* fica em sua cabana durante um período determinado – entre 8 a 30 dias, geralmente – e só sai dela para participar das cerimônias de ayahuasca. Na madrugada do dia seguinte, ele volta ao isolamento.

Para um ocidental urbano, é bem claro que o simples fato de se encontrar completamente sozinho, de noite, mesmo no meio da floresta amazônica, com todo o tipo de ruídos não identificáveis à sua volta, já é uma bela provação. “Reze para que o seu mosquiteiro se transforme numa muralha”, como dizia lindamente um amigo argentino. Às 18 horas, cai a noite, os sapos começam a cantar e se segue um ininterrupto concerto de melodias nas quais, às vezes, podemos distinguir, segundo Brunswick, o *shushupi*³⁷, o animal mais temido da região, uma víbora agressiva que pode chegar aos 3,5 metros de comprimento...

Nessa região de extrema biodiversidade que é a Amazônia peruana, serpentes, rãs e sapos, insetos, mamíferos e aves noturnas de todo o gênero formam um ambiente no qual o humano reencontra o seu justo lugar e a sua verdadeira natureza, o seu parentesco com as outras espécies. O parentesco do homem com as plantas e os animais – hoje largamente demonstrado pela genética – é um conceito comum nas mitologias da Amazônia. *Ashaninka*, por exemplo, pode ser traduzido como “a nossa gente” ou “os nossos outros parentes”, e a expressão se aplica aos animais e às plantas: o jaguar é um *Ashaninka* e, sob o seu manto dotado de olhos, ele possui forma humana. Do mesmo modo, as outras espécies animais, além das árvores e plantas, são *Ashaninka*, parentes mais ou menos afastados e somente o xamã tem a capacidade de vê-los diretamente à luz da sua verdadeira natureza³⁸.

O objetivo da dieta é justamente “ver” o espírito da planta, conhecê-la. E isso pode se manifestar de maneira totalmente prevista,

³⁷ *Shushupi*: *Lachesis muta*.

³⁸ Ler sobre esse tema: Marc Lenaerts, *Anthropologie des Indiens Ashéninka d'Amazonie: nos soeurs manioc et l'étranger jaguar*, L'Harmattan, Paris, 2004.



quando acabamos de adormecer em nosso colchão rudimentar no meio dessa algazarra noturna. De repente, a sensação de uma presença, tão forte que nos acorda, depois um fogo de artifício branco e dourado, que se cristaliza para formar tipo uma capa, uma grande figura, sem cabeça... O espírito da ayahuma³⁹... Brunswick tinha me avisado, “você vai ver, não tem cabeça”.

Ele se manifestou na primeira noite, quando no próprio dia eu havia começado a beber uma decocção da casca dessa árvore considerada um dos “grandes doutores da floresta”. Era uma noite de tempestade e ali, sozinho no meu tambito, a ayahuma me agradava com poderosas visões coloridas amarelas e verdes, ritmadas pela trovoadas, enquanto me explicava que eu devia, com ele, trabalhar a telepatia e a visitação nos sonhos.

No início, nos dois primeiros anos, quando ouvia os meus amigos amazônicos falar dos “grandes doutores que se encontram nas árvores”, eu tinha certa dificuldade de compreender o que eles queriam dizer. Até o dia em que, após três anos de prática, Juan me autorizou a “dieta” a ayahuma. E então, em três dias e uma cerimônia, eu compreendi. É uma outra dimensão, um salto quântico, é a universidade.

– São espíritos mais poderosos, sabem mais coisas – disse Juan.

Os palos⁴⁰ – como assim são chamadas essas grandes árvores medicinais – constituem uma especialização no xamanismo amazônico. Uma especialização temida. Um grande número de peruanos, incluindo os ayahuasqueiros, tem medo desses gigantes da floresta e daqueles que os conhecem, pois alguns têm duas caras:

³⁹ *Ayahuma*: *Couroupita guyanensis*, de *aya* (“morte”, “espírito”) e *huma* (“cabeça”), em quechua: árvore originária da Guiana Francesa, como indica o seu nome em latim, que pode ultrapassar os 30 metros de altura. Também é chamada de árvore “bala de canhão” devido à forma de seus frutos. Muito apreciada por suas grandes flores vermelhas perfumadas, encontra-se em toda a periferia tropical do planeta e é venerada na Índia pela semelhança de suas flores com a *nâga*, a serpente com muitas cabeças do hinduísmo. Diversas partes da planta, como a polpa do fruto, a casca, as folhas e as flores possuem virtudes antibióticas, antifúngicas, anti-sépticas e analgésicas comprovadas.

⁴⁰ *Palo*: Literalmente “pau”, “estaca”, “mastro”. Na Amazônia, designa igualmente as árvores. O xamã *palero* é aquele que se especializou nas árvores medicinais.

uma luminosa e outra sombria... É o caso da catahua⁴¹, que abre o ícaro dos *palos*, o cântico que invoca essas grandes árvores, embora não seja consumida em Mayantuyacu devido ao seu lado ambiental e à sua resina tóxica. A *ayahuma*, o *ajosquiro* e a *lupuna*⁴² completam o quarteto de abertura desse cântico, o *shihuahuaco*⁴³, árvore de força e de territorialidade, o encerra.

Antes de iniciar a minha dieta de *ayahuma*, durante uma breve conversa com Juan, eu havia captado em seu olhar uma faísca particular, além de um entusiasmo pouco habitual.

– *Es el curandero más antiguo* (“ele é curandeiro mais antigo”) – ele me disse... Era utilizado pelos xamãs de antigamente para desaparecer, transformar-se em espírito, acrescentou com a maior seriedade. Entendi que ele votava uma afeição muito particular a essa árvore, que era mesmo um *ayahumero* e, pela maneira como olhava para mim, que estava contente por me abrir essa porta e orgulhoso por assim compartilhar o seu saber.

Também Brunswick, embora fosse ainda mais calado do que Juan, falava com muita ênfase desse “grande doutor” que afeição as margens dos rios e trabalha muito nos sonhos, com o risco de nos acordar de sobressalto! Com seus cachos de flores vermelhas delicadamente perfumadas que podem cobrir todo o tronco e seus espetaculares frutos em forma de bola de canhão, a *ayahuma*, cuja algumas espécies atingem os 35 metros de altura, é uma das árvores mais notáveis da Amazônia.

– Ele vai te purificar e você verá cada vez melhor – disse ainda Juan, antes de eu seguir em direção ao meu *tambito* de isolamento com a minha garrafa de um litro de decocção da casca. Depois do episódio da primeira noite e de sua aparição sob o meu mosquito, eu havia compreendido que não estava mais sozinho, o espírito da *ayahuma* estaria comigo durante os 19 dias de dieta que me restava fazer. Em algum lugar, nesse ambiente hostil, isso me tranquilizava...

⁴¹ *Catahua*: *Hura crepitans*. Somente a resina é utilizada como cataplasma, uma vez purificada.

⁴² *Lupuna*: *Ceiba pentandra*.

⁴³ *Shihuahuaco*: *Dipteryx micrantha*.



Qualquer xamã dirá isto: é bom termos poderosos amigos, e a ayahuma é um deles. Dois dias depois, estava prevista uma cerimônia, então voltei a descer até ao centro pela pequena trilha que ladeia o rio, cruzando na passagem com uma *afaniga*⁴⁴, uma cobra-cipó inofensiva embora impressionante, que acabava se deixando cair de uma árvore para perseguir um sapo.

Nessa noite, o espírito sem cabeça não se fez rogado, ainda mais porque Juan tinha me preparado uma ayahuasca especial, aditivada com casca de ayahuma, fresca do dia, muito amarga e muito espessa. Apareceu rapidamente, sempre de branco e dourado, integrando o meu corpo, e pouco depois dei por mim cravado no colchão, num estado que eu já tinha me habituado a chamar de “zona da morte”, ou ainda efetuando como que espirais na fronteira entre a vida e a morte, enquanto a ayahuma me ensinava os arcanos do cântico afinado, do ícaro perfeito capaz de fazer a ligação entre os mundos. Cantar, morrer cantando, cantar para não morrer...

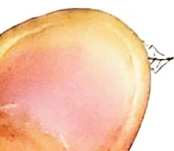
Visto por fora, como me contou mais tarde a minha companheira um pouco inquieta, parecia nada mais do que um moribundo delirando e cantarolando sem parar em seu colchão, em modo repetitivo, em meio ao barulho de uma cerimônia razoavelmente caótica. Como eu não era o único naquele estado, e Juan, auxiliado por seus aprendizes Brunswick e Henarte⁴⁵, tinha muito a fazer para se ocupar com todo esse mundinho, dando de beber, agitando os ramos de *piñon colorado*⁴⁶, conhecido por afastar os maus espíritos, enquanto cantava com suavidade a fim de apaziguar a atmosfera.

Pelo contrário, visto por dentro, era outra coisa, uma daquelas cerimônias em que se aprende, em que a medicina entra realmente dentro do corpo, purifica a alma e fez implodir o ego, arrancando a nossa cabeça, como diz Juan. A soplada (o sopro) que ele me fez naquela noite foi uma das mais belas que já recebi: me fez ir até ele e cantou a ayahuma para mim, um ícaro muito ritmado e dinâmico, que recebi como uma chuva de notas e arabescos dourados, uma

⁴⁴ Afaniga: *Chironius exoletus*.

⁴⁵ Henarte Seijas Guerra.

⁴⁶ Piñon colorado: *Jatropha gossypifolia*.



energia limpante com uma força tremenda. Eu mesmo já havia me transformado no espírito sem cabeça, a qual apenas reencontrou o seu lugar quando ele soprou em mim o perfume seguido da fumaça de tabaco nas mãos, no tórax, nos ombros e no alto do crânio.

Muitas vezes, fui ressuscitado dessa forma por Juan. Saímos de cerimônias com essas como que reinicializados, reformatados, atualizados, com novas funções e aplicações, para utilizar uma linguagem contemporânea. Nessa noite, inclusive dei conta de até que ponto a ayahuma, o meu primeiro palo, era uma montanha, uma face norte cuja ascensão iria demorar muito mais do que os 20 dias da minha dieta. Entendi por que os curandeiros antigos, os lendários curandeiros de tempos remotos, consagravam anos dietando essas árvores, esses grandes mestres da floresta. Esses feiticeiros místicos, os *bancomurayas*⁴⁷, capazes de desaparecer, de se transformarem em luz, e os *sumimurayas*⁴⁸, capazes de mergulhar na água, de ali permanecerem oito dias, e de reaparecer para alegria das crianças...

Então regresssei ao meu humilde tambito para continuar os meus modestos estudos, ritmados pela dieta sem sal nem açúcar, o arroz ao natural e as bananas da terra, os dois copos diários de decoção da casca e uma cerimônia de ayahuasca a cada três dias. As noites eram incríveis, pontuadas de sonhos lúcidos e poderosas visões. De dia, eu ia tomar banho no rio quente, à sombra de uma ayahuma que ali deixava cair as suas flores. Recolhia algumas que deixava secar com a ideia de juntá-las a um *ampiri*⁴⁹, uma pasta de tabaco que pensava cozinhar mais tarde.

– Sim, está bem – disse Juan, quando lhe falei sobre essa inspiração sussurrada pela própria planta.

Essa história de amor de 20 dias com a ayahuma foi tão mar-

⁴⁷ *Bancomuraya*: Xamã do mundo da terra, que efetuou longas dietas, capaz de se transformar, por exemplo, em jaguar (*Bancopuma*).

⁴⁸ *Sumimuraya*: Xamã do mundo das águas, que tem muitas vezes um esposo ou uma esposa espiritual, uma sereia, por exemplo.

⁴⁹ *Ampiri*: Termo ashaninka que designa uma pasta de tabaco (à base de *Nicotiana rustica* ou *Nicotiana tabacum*) extremamente concentrada, utilizada pelos xamãs *tabaqueros*. Mais conhecido em outras regiões da Amazônia como *ambil*.



cante que decidi prolongá-la logo no ano seguinte com uma nova dieta de 30 dias. Hoje em dia, essa árvore é um suporte permanente, um aliado e protetor para todos os momentos, mas também um mestre implacável: qualquer pecadinho é pago de imediato, um copinho de álcool durante a pós-dieta – um mês suplementar para o retorno progressivo a uma alimentação normal – e foi um desmaio instantâneo, com um grande galo na cabeça e dois dias no hospital. Um amigo argentino que pensava poder ignorar as instruções de abstinência sexual durante a pós-dieta também se viu punido com uma semana de diarreia.

O Henarte havia nos avisado: não se brinca com os *palos*. Cada um tem a sua personalidade, a ayahuma é quadrada, mas relativamente conciliadora, bondosa, até brincalhona; o ajosqui, pelo contrário, é um perigo mortal para os indisciplinados, enquanto o shihuahuaco, menos exigente em relação à alimentação, é uma pura força da natureza e a transmite de boa vontade.

Assim são os grandes professores da floresta. Existem outros, muitos deles pouco conhecidos, como o *shimiro*⁵⁰, uma árvore utilizada tradicionalmente pelos Ashaninka, “boa para todas as doenças” e “para afastar os meus espíritos”, diz Juan, que recentemente voltou a adotá-la. De longe, uma vida não é suficiente para estudar todas elas, por isso muitos curandeiros se especializam por afinidade com uma planta ou árvore de maneira específica.

As plantas nos olham do alto de sua sabedoria e antiguidade, 500 milhões de anos de evolução e de sobrevivência, contra 2,4 milhões para o gênero *Homo* e apenas 200.000 para o *Homo sapiens*, o último a chegar. Se lhes manifestarmos amor, elas estão dispostas a nos ajudar, mas nos testam e nos colocam à prova, cada uma à sua maneira.

Além dos *palos*, os reis da floresta, existem também as pequenas plantas “menores”, de aparência insignificante mas extremamente interessantes, como o *mashushillo*⁵¹, um pequeno cipó parecido à hera que cresce nas árvores. Associada ao pequeno

⁵⁰ *Shimiro*: Espécie não identificada.

⁵¹ *Mashushillo*: *Pavonia leucantha*.

morcego – muitas plantas são associadas a um animal –, ela ensina a atravessar a matéria, a mergulhar nos abismos e a usar o radar. É uma planta de amor que realiza a união entre o material e o espiritual, e que entra na composição do perfume utilizado em cerimônia.

Também a ayahuasca é uma planta de amor, muito benevolente e curadora, que abre o coração. Tem efeitos antiinflamatórios, anti-sépticos e antidepressivos, e é ela mesma que indica ao xamã quais as outras plantas que, em complemento, ele deve ministrar aos seus pacientes.

– A ayahuasca penetra no corpo e no espírito mas precisa do apoio de outras plantas mais poderosas para dar força ao tratamento, os *palos*, por exemplo. Para certas doenças, não basta utilizarmos apenas a ayahuasca – explica Juan Flores.

A chacruna é celebrada nos ícaros como *chacrunita pinturera*, “aquela que pinta as visões” e dá profundidade a elas. Ela é também uma sutil diplomata, muito à vontade nos arcanos da psiquê feminina e capaz de apaziguar os conflitos com muita delicadeza.

Assim é a representação poética indígena do mundo das plantas.





O SEGREDO

O Mundo só é estável pelo segredo.

O Zohar

– *No es para todos* (“Não é para todos”).

Foi o que me segredava ao ouvido um indígena kichwa do Equador, enquanto sugeria que saíssemos discretamente da assembleia festiva em que estávamos para irmos à casa do xamã da aldeia, que nos esperava para uma toma de ayahuasca. Essa frase, que escutei assim que cheguei à Amazônia, em uma pequena comunidade situada no rio Suno, um afluente do rio Napo, ficou a partir de então estreitamente associada à experiência.

Seguramente, a ayahuasca não é para todos. Embora na Amazônia muitas pessoas a experimentem, poucas repetem a experiência, a menos que tenham algo a tratar, pois não é mesmo uma brincadeira. E só uma minoria mais ínfima ainda sente vontade de mergulhar em seus mistérios. E, nessa minoria, raros são os que se infligem com as privações, as dietas e os anos de esforços necessários para o aprendizado. Ao fim de três ou quatro dias de isolamento com sopa de aveia, sem sal nem açúcar, muitos cedem, o que é compreensível. Outros abandonam ao fim de um ano ou dois, cansados dos sacrifícios que esse trabalho solitário impõe.

Por outro lado, esse saber, que confere reais poderes, não deve ser colocado em todas as mãos. Os seus depositários são, portan-



to, os guardiões de uma tradição na qual o segredo é onipresente, a todos os níveis. Segredo do conhecimento das plantas e da sua boa preparação, segredo dos cânticos e dos seus efeitos, segredo da transmissão do saber por intermédio dos espíritos e segredo do mariri, o fluido xamânico.

Desse modo, existem ícaros que não se canta, ou muito raramente, que apenas são assobiados ou cantados silenciosamente sobre a panela em que é cozida a ayahuasca, por exemplo. Chama-se isso de *icarear*, “icarar”, ou seja, soprar, cantar sobre algo, poderíamos também dizer “encantar”... A operação é completada com uma *soplada* de fumaça de tabaco. O verdadeiro Maestro ayahuasqueiro é aquele que, por esse meio, é capaz de, nas suas poções, por mais do que a soma dos compostos físico-químicos presentes na mistura, de por nelas o seu *mariri*, a sua marca de fabricação espiritual e de ativar o das plantas ali presentes.

– A preparação da ayahuasca tem muitos segredos – diz Juan Flores. É preciso boa água, um fogo vigoroso e concentrá-la bem para que seja menos vomitiva e possamos guardá-la em nós.

Parece ser algo simples, uma camada de pedaços de cipó esmagados, uma camada de flores de chacruna, uma camada de cipó, uma camada de folhas, e assim sucessivamente, cobre-se tudo com água e se ferve por um dia. No dia seguinte, filtra-se e se reduz o líquido que assim é obtido até se ter uma consistência de xarope próxima a do mel.

Mas, sobretudo:

– A pessoa deve amar fazer esse trabalho porque a sua energia vai na medicina – continua Juan Flores.

Uma ayahuasca mal preparada pode ser nociva para o corpo, por isso é importante saber de onde ela vem e quem a cozinha:

– Deve se utilizar essa medicina com os espíritos divinos e celestes, e não com pensamentos diabólicos.

PPor fim, antes de servi-la, no início da cerimônia, Juan assobia ligeiramente um ícaro sobre a garrafa e dá sistematicamente uma *soplada* com fumaça de mapacho no gargalo, assim como na *copita* (copinho) na qual a poção será servida, caso contrário, “po-

dem entrar muitas coisas negativas”.

– Depois, na hora de beber, a pessoa deve pedir à planta aquilo que deseja, fazendo uma pergunta para a qual espera uma resposta, por exemplo. Temos de nos abrir para a planta, não resistir, a fim de receber bem a medicina.

Quando ela faz efeito, devemos nos manter em plena concentração, mesmo que seja difícil, e colocar a nossa pergunta, ter um objetivo, “senão as visões vão e voltam”. A pureza da intenção é importante, segundo Juan.

Esses diversos elementos, seguidos um a um, fazem a qualidade da medicina e da cerimônia. Quando Juan diz que uma ayahuasca ou um ampiri *es bien preparado*, é um bom elogio. Pois são os pequenos segredos de uma boa preparação que permitem acessar aos segredos maiores.

O segredo é uma parte integrante do nosso universo, é a potência conservadora das coisas na sua permanente evolução. De certa maneira isso assegura o equilíbrio e a estabilidade no nosso mundo binário – sim/não, masculino/feminino, matéria/espírito – e compartimentado. O ser humano trancado em seu ego é o melhor exemplo disso, formatado para não sair dele e, muitas vezes, incapaz de simplesmente se comunicar com os seus semelhantes. Já o xamã é capaz de se libertar desses limites habitualmente impermeáveis, de gerar o caos, de uma certa forma, para depois recriar uma nova ordem mais harmoniosa do que antes. Curar a doença, resolver os conflitos, favorecer uma caça frutuosa, sondar o futuro, esse era o seu papel tradicional.

A ayahuasca corta a cabeça, corta o ego e concede a quem a bebe um mergulho no vazio animado primordial, de essência caótica, simbolizado na alquimia pelo ouroboros, a serpente que morde a própria cauda. O xamã curandeiro, mestre do caos, aproveita esse momento de graça para por ordem, afastar os miasmas e colocar óleo na engrenagem da matéria, com a ajuda dos seus espíritos aliados. Esse óleo é o amor, levado pelo mariri, o fluido vital das plantas, através dos cânticos. Muitas vezes, o rosto sorridente e metamorfoseado dos participantes no dia a seguir de uma cerimônia particularmente caótica diz muito mais do que um longo



discurso.

Todavia, aqueles que esperam que os segredos do universo lhes sejam revelados em três sessões de ayahuasca ficarão desapontados. Uma das virtudes cardinais do ayahuasqueiro, além da perseverança, é a paciência. Esse saber secreto só é transmitido aos buscadores que ousam mergulhar na solidão para trabalhar no tempo prescrito. O aprendiz deve provar o seu valor, ao longo de sucessivas iniciações, de plantas cada vez mais poderosas e de dietas cada vez mais duras. Só aos poucos tudo isso é desvendado. Ele é observado, no fio da navalha, entre a sombra e a luz. Se o mestre vir que ele segue um mau caminho ou que abusa dos seus poderes, irá ensiná-lo a ficar no lado bom ou, se for necessário, irá mandá-lo descansar.

Em Mayantuyacu, tivemos a surpresa de constatar que, de vez em quando, um ou outro aprendiz não estava presente e nos era sucintamente explicado que estava de “férias” em Pucallpa. O tempo necessário para meditar sobre uma pequena falha de comportamento...

Em um país como o Peru, no qual o medo da bruxaria está profundamente enraizado, não é nenhum pouco indicado se gabar das suas capacidades de ayahuasqueiro. Alguns não conseguem evitá-lo e geralmente fazem péssima publicidade da medicina. Mas ainda há pior: em 2010 e 2011, 14 curandeiros tradicionais da etnia shawi, no norte do país, foram pura e simplesmente assassinados porque tinham planejado se reagruparem em uma associação.

Antigamente, o xamã estava ligado a uma comunidade rural que não o perdia de vista e na qual tinha uma função bem precisa. Hoje, com a mestiçagem e a perda das estruturas tradicionais, os papéis já não são assim tão claros, as categorias foram sendo alteradas. Se, com o tempo, o xamanismo amazônico integrou alguns elementos da religião católica dos conquistadores espanhóis, a interface com os movimentos evangélicos que diabolizam os curandeiros traz novos problemas, ou melhor, reatualiza esquemas que acreditávamos pertencer ao passado. E, na selva, os conflitos ataçados pelo sectarismo, a ignorância e a superstição se resolvem ainda



hoje com tiros de espingarda.

Como o escreve Jimmy Weiskopf⁵²: “O xamã se protege e protege os seus segredos”. Na Amazônia, ser discreto pode garantir a sobrevivência. Os verdadeiros iniciados aos segredos das plantas são às vezes também os mais discretos como, por exemplo, um homenzinho com botas de borracha que em nada se diferencia dos outros aldeões.

⁵² Jimmy Weiskopf, *Yajé, The New Purgatory, Encounters with Ayahuasca*, Villegas Editores, 2004.



AS ORIGENS

Nós, os xamãs, viemos da Idade da Pedra. Não temos religião. A religião é para aqueles que já não conseguem ver.

INDRA GURUNG, xamã nepalês⁵³

Nobres, tímidos e inteligentes, os Ashaninkas – ou Ashéninka, dependendo da região –, são sorridentes mas calados e distantes. Cortesia, autocontrole, respeito à palavra dada, associados a um humor discreto e refinado, são características suas. Além disso, compartilham com generosidade o seu saber com aqueles que têm os olhos abertos. Esse é o retrato que deles faz o antropólogo belga Marc Lenaerts⁵⁴.

Os Ashaninkas, também conhecidos pelo nome de Kampa, formam o maior povo da Amazônia peruana com 60.000 indivíduos. O seu território cobre uma parte importante do centro-leste do Peru, ao longo dos rios Ucayali, Urubamba e Tambo, e se espalha pelo outro lado da fronteira brasileira, onde são chamados de Kampa.

Devido à sua posição geográfica nos contrafortes dos Andes e dos altos planaltos como o Gran Pejonal, que chega aos 1500 metros de altitude, faz séculos que os Ashaninka têm tido contatos – ora

⁵³ Citado por: Claudia Müller-Ebeling, Christian Rättsch, Surendra Bahadur Shahi, "Schamanismus und Tantra in Nepal", AT Verlag, Aarau, 2000, p. 41.

⁵⁴ Marc Lenaerts, *op. cit.*, pp. 23-33.



pacíficos, ora conflituosos – com as civilizações andinas vizinhas, até mesmo com as pré-incaicas. Disso são testemunho os machados de bronze, assim como a sua maestria das técnicas têxteis, o uso da folha de coca ou ainda a adoção de instrumentos musicais como a flauta de pã e a flauta andina direita⁵⁵.

Embora tradicionalmente a violência fosse algo estritamente proibido entre os Ashaninka, não deixavam de ser valorosos guerreiros e estiveram nas fileiras de frente na resistência contra o espanhóis. Em 1742, uma rebelião conduzida por Juan Santos Atahualpa – um quechua de Cusco que se proclamava um novo Inca – que federava, nomeadamente, os Ashaninkas, os Yaneshas, os Piros, os Shipibos e os Conibos conseguiu impedir uma nova colonização da região durante um século. Além dessa posição estratégica subandina, o prestígio dos Ashaninka era ainda reforçado pelo fato de controlarem o comércio do sal, explorado no Centro de la Sal, na bacia do rio Perené.

Na independência do Peru, em 1821, o seu território era ainda largamente desconhecido e proibido aos brancos. O que acontece depois é ainda mais sombrio. A partir de meados do século XIX, a colonização é retomada, dessa vez a partir de uma base econômica e muitos nativos são forçados a fugir para o leste, mais para o interior da floresta baixa, enquanto outros são rebaixados à escravidão e dizimados pelos barões da borracha e da exploração florestal.

Seguiram-se a indústria petrolífera, mineira e do gás, com o seu cortejo de poluição e aculturação, além de outros capítulos sombrios, como o alistamento nos anos 1960 de alguns Ashaninka no movimento esquerdista revolucionário MIR – que foi violentamente reprimido pelo exército – e depois, a partir de 1980, na guerrilha maoísta do Sendero Luminoso. Guerras com morte entre irmãos, assassinatos de líderes, doutrinação de crianças, treinamento militar, execuções sumárias e produção de cocaína foram as desastrosas consequências desse período, que durou até à detenção

⁵⁵ Ler sobre esse tema: “*El ojo verde, Cosmovisiones amazonicas*”, Aidesep, Formabiap, 2004.

do chefe do movimento, Abimael Guzmán, em 1992.

Portanto, só há pouco mais de 25 anos é que os Ashaninka reencontraram a paz, a sua liberdade e aprenderam a defender de forma pacífica os seus direitos, reagrupando-se em onze federações indígenas sob o amparo da AIDSEP, a Associação Interétnica do Desenvolvimento da Selva Peruana. Compreende-se agora melhor que, nesse contexto agitado, Juan tenha se tornado curandeiro itinerante aos 15 anos de idade, curando tanto polícias quanto guerrilheiros e indo procurar a sabedoria mesmo no coração da floresta, entrando em contato com os velhos mestres.

Na cosmovisão ashaninka⁵⁶, o Deus Sol criou o mundo lançando uma partícula luminosa da sua coroa para as trevas. A partir daí, aos poucos, formaram-se as plantas, os seres e os humanos. O sopro do Sol, a água e o seu espírito, o ar, alimentam o ciclo vital da Terra. Para os Ashaninka, cada ser humano detém uma centelha dessa partícula original. “Somos filhos do Sol”, diz um ícaro cantado por Juan.

Antigamente, as próprias plantas eram pessoas. Até o dia em que os espíritos encarregados de regular a água que irriga o mundo negligenciaram a sua tarefa, provocando um dilúvio que o inundou, destruindo tudo o que existia. A vida foi recuperada, mas a partir daí a comunicação com as plantas começou a se perder. A maldade se propagou, o Deus Sol se afastou e a sua influência diminuiu. Surgiram as doenças e, a partir de então, as pessoas foram condenadas a morrer. Assim como a água apaga o fogo, o mal apaga a centelha solar.

Mas foi concedida aos humanos uma forma de continuar a se comunicarem com as plantas, os animais, os espíritos e os deuses: a ayahuasca. A sua descoberta é objeto de numerosos mitos e lendas. Geralmente, ela emana por transubstanciação de um chefe ou de uma autoridade falecida. Pablo Amaringo conta que, numa visão que “quase o matou”, apareceu para ele um rei de uma das tribos mais remotas do Peru, os Shiris. Derrotado em uma batalha, partiu para morrer em um jardim onde havia plantado árvores. Alguns

⁵⁶ “El Ojo verde”, op. cit., pp. 57-63.



anos mais tarde, ele apareceu em um sonho à sua esposa e lhe disse para vir até o seu túmulo. Ao chegar lá, ela viu surgir da terra o corpo resplandecente de luz do seu esposo, que lhe disse:

– Escuta as minhas palavras para que, no futuro, você possa estar em contato comigo. Morri triste e amargo por causa de uma derrota que não fui capaz de prever. Sempre que quiser, você poderá receber bons conselhos e conhecimento sobre os outros mundos. Dos meus cabelos, fiz brotar uma planta. Esse cipó subiu a árvore que está perto do meu túmulo e floresceu, gerando sementes. Dessa planta, você irá fazer estacas e chamá-la de ayahuasca (...). Você deve misturá-la com a planta que se chama chacruna, que cresce junto aos meus pés. Com a ajuda dessas duas plantas, você será capaz de ver cores e sons fantásticos e poderá desenvolver a sua psiquê e adquirir um profundo conhecimento sobre as culturas passadas⁵⁷.

Segundo Juan Flores, a ayahuasca vem de tempos muito antigos. Há 20.000 anos, ele nos conta, quando uma epidemia de sarampo estava provocando muitos mortos nas comunidades, uma jovem ashaninka que caminhava na floresta teve a ideia de fazer um banho de chacruna, o que a curou da doença. Um velho nativo de uma outra aldeia que também caminhava na floresta encontrou a ayahuasca, cortou-a, cozinhou-a e bebeu o suco, puro. Ele também se curou. Um dia, quando visitava comunidades muito remotas na época, o velho homem encontrou a jovem. Ele lhe contou sobre o cipó amargo e ela falou para ele das folhas doces, então decidiram cozinhá-las juntas. Foi assim que a ayahuasca, a planta masculina da terra, foi associada à chacruna, a planta feminina das águas, fornecendo aos seres humanos um remédio contra o sarampo, cujo espírito é “um homem de tambor que espalha a morte”, diz Juan. Hoje em dia, o sarampo é curado com folhas de papaia e os Ashaninka aprenderam a utilizar a ayahuasca para diagnosticar e curar todos os tipos de doenças. Chamaram-na *kamarampi*, de

⁵⁷ Luis Eduardo Luna, Pablo Amaringo, *Ayahuasca Visions, The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*, North Atlantic Books, Berkeley, 1991, p. 50.

kamarank (“vomitar”).

Cientificamente falando, ninguém sabe como a receita foi descoberta, nem onde, nem quando. Na floresta amazônica, tudo se decompõe muito rapidamente e nenhum artefato arqueológico, de cerâmica ou outro material podendo conter vestígios identificáveis de ayahuasca, jamais foi encontrado. Apesar da literatura antropológica evocar frequentemente um intervalo de 5.000 anos que coincide com a aparição da cerâmica, as primeiras provas formais são os registros que cronistas jesuítas fizeram do século XVIII⁵⁸.

Aparentemente, certas etnias que utilizavam o cipó ayahuasca só muito recentemente aprenderam a acrescentar a ele a chacruna: os Matsigenka somente a partir dos anos 1950, outros mais tarde ainda⁵⁹. Evidentemente, quanto mais se bebe dessa medicina que por vezes nos faz remontar a tempos imemoriais, mais tendência se tem em pensar que ela provém de tempos imemoriais. Mas nada está provado, nem o onde, nem o quando, e os especialistas se perdem em conjecturas⁶⁰.

Em relação ao “como”, não se pode excluir que a conjunção das duas plantas possa muito prosaicamente resultar de um simples processo de *tentativa e erro* que foi finalmente coroado de sucesso⁶¹. Os indígenas da Amazônia possuem um conhecimento

⁵⁸ N. do Tradutor. ed. Portuguesa – Desde a publicação do livro em 2015, surgiram novos elementos: em 2019, um estudo publicado na revista científica americana PNAS apresenta o descobrimento de artefatos xamânicos em uma gruta a 3.900 metros de altitude, no sudoeste da Bolívia. Foram identificados vestígios de harmina e DMT – os dois componentes da ayahuasca – além de cocaína, bufotenina e possivelmente psilocina – um componente químico dos cogumelos psicoativos. A presença dessas substâncias em uma altitude tão elevada dos planaltos bolivianos permite compreender que os intercâmbios comerciais, que abrangiam distâncias enormes na época pré-colombiana, incluíam plantas psicotrópicas.

⁵⁹ Ler sobre esse tema: Beatriz Caiuby Labate, Clancy Cavnar, *Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond*, Oxford University Press, 2014.

⁶⁰ Ler sobre esse tema: Gayle Highpine, *op. cit.*, igualmente ao blog de Steve Beyer (<http://www.singingtotheplants.com/2012/04/on-origins-of-ayahuasca/>).

⁶¹ A esse respeito, podemos salientar que tanto os xamãs nepaleses quan-



mais do que íntimo acerca do seu meio vegetal e têm por trás deles milênios de experimentação. Numerosos *vegetalistas* morreram testando plantas ou combinações de plantas neles próprios, confirma Brunswick.

A ayahuasca era conhecida por suas propriedades vomitivas e purgativas – algo procurado na Amazônia para se livrar dos parasitas – enquanto a chacruna era apreciada por alguns povos pelos seus efeitos psicoativos e visuais. Os Cashinahua, os Amahuaca e os Sharanahua do Rio Purus a misturam com tabaco para fazer um pó inalável, o rapé. Segundo o antropólogo francês Patrick Deshayes⁶², o efeito é imediato e fulminante, com intensas visões coloridas, e não é raro a pessoa não se aguentar em pé. Esse pó é inclusive utilizado em sessões de ayahuasca, pelos mestres de cerimônia, especialmente quando os efeitos tardam a chegar.

Logo, os Cashinahua sabiam fazer um uso diferenciado de ambas as plantas e, certamente, não eram os únicos. Os Ashaninka também usam a chacruna de forma isolada, a raiz, as folhas, as flores, no âmbito de dietas específicas.

Seja como for, guiado ou não pelos espíritos, o herói desconhecido que primeiro tentou cozinhar em conjunto *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, com certeza, não ficou despontado com o resultado. Podemos assim facilmente imaginar que a sua receita tenha se espalhado, com as devidas proporções, como um rastilho de pólvora pela floresta.

to os da Amazônia afirmam encontrar as boas plantas curandeiras dentro dos seus sonhos e visões. Se tivesse dito preciso confiar no método científico de tentativa e erro, “então estaríamos todos mortos”, disse a xamã nepalesa Parvati Rai, citada em: C. Müller-Ebeling, C. Rättsch, S. Bahadur Shahi, *op. cit.*, p. 59.

⁶² Patrick Deshayes, "L'ayawaska n'est pas un hallucinogène", *Psychotropes*, 2002/1.

O LADO SOMBRIO

O bem e o mal estão nas plantas.

JUAN FLORES

Uma noite de cerimônia, durante a minha segunda dieta de ayahuma, o espírito sem cabeça voltou. Habitualmente branca e dourada, a sua capa ficou negra e se cobriu de espinhos. Então, ele me explicou que os feiticeiros malignos, os *brujos*, trabalham com plantas que têm espinhos, as quais dietam, assim como os curanderos dietam as plantas de cura. Esses espinhos que crescem no interior deles próprios servem para constituir um estoque de *virotos*, as famosas pequenas flechas mágicas usadas para lançar feitiços, provocar doenças e até mesmo matar.

O *brujo* conserva os virotos em seu tórax, onde está o seu *mariri*. Ele pode visualizá-los à vontade e atirá-los soprando como numa zarabatana⁶³. Foi o que a ayahuma me mostrou de forma visual e telepática numa noite de novembro de 2010, não tendo eu perguntado qualquer coisa a esse respeito e que, além disso, também não era nenhum motivo de preocupação para mim. Bem que eu havia lido e ouvido duas ou três coisas sobre esses temas, incontornáveis na Amazônia, mas como nunca havia sido pessoalmente

⁶³ Nota do Editor: A zarabatana (originária da palavra árabe zarabatan) é uma arma que consiste num tubo originalmente de madeira (caule oco) e pelo qual são soprados pequenos dardos, setas ou projéteis.



confrontado, isso não passava de algo abstrato para mim.

Resumindo, foi uma surpresa total. No dia seguinte pela manhã, no desjejum, falei disso a Juan, que me respondeu:

– Sim, eles dietam plantas com espinhos. *Te pican* (“picam você”) – fez ele, imitando uma picada no braço. E acrescentou:

– Estamos constantemente sendo atacados pelos *brujos*, é importante nos protegermos. Ser ayahuasqueiro é fisicamente perigoso.

– Mas, então, é mesmo verdade que existe risco de cair no lado sombrio?

Juan teve então uma daquelas respostas das quais só ele sabe o segredo:

– Basta ficar do lado bom, tudo depende da pessoa...

Como se fosse assim tão simples. O egoísmo, sob todas as suas formas, rege este mundo. Evitar que os seus aprendizes não se deixem tentar pelos poderes fáceis é um tema de preocupação constante de qualquer bom Maestro. Os índios Secoya, do Equador, por exemplo, acreditam que é importante tomar doses fortes. Segundo eles, se bebermos uma ayahuasca fraca ou em pequenas doses, corremos o risco de nos tornarmos bruxos porque não vamos além do ego e ficamos prisioneiros da nossa própria importância⁶⁴.

Juan, que é o rei da dosagem fina, não compartilha desse ponto de vista.

– Tudo depende da consciência da pessoa – ele repete. Maus feiticeiros existem muitos, são pessoas que utilizam as plantas com ideias ou pensamentos negativos, para fazer o mal.

Eles trabalham com outras plantas, pois “existem plantas diabólicas”.

Por exemplo, o *huicungo*⁶⁵ ou *chonta negra*, uma palmeira negra com espinhos longos e afiados, a catahua, já referida, com o tronco ouriçado de pequenos espinhos, ou ainda a *lupuna colora-*

⁶⁴ Jonathon Miller Weisberger, *Rainforest Medicine*, North Atlantic Books, Berkeley, California, 2013, p. 330.

⁶⁵ *Huicungo: Astrocarium huicungo*.



da⁶⁶, lupuna vermelha de reputação sinistra (não confundir com a lupuna branca ou samamúa, cantada no ícaro dos *palos*).

Os *brujos* ou *curanderos malos* “trabalham com os diabos”, prossegue Juan, insistindo no fato de que é preciso distingui-los dos “bons” *curanderos*. Antigamente, havia quem soubesse matar, mas, hoje em dia, com esse calibre, existem poucos.

– Alguns dizem que sabem fazê-lo, mas não sabem – brinca, sorrindo com ar de quem sabe o que diz.

Os *virotos* são flechas energéticas, dirigidas à pessoa a quem se quer fazer mal.

– É como uma bomba – diz Juan, fazendo um gesto explosivo.

Isso pode ser produzido em cerimônia, entre os cânticos, ou no final da sessão, quando ninguém canta. Além da sensação de uma picada, provoca geralmente um terror intenso na pessoa atingida.

Segundo Juan, essas pequenas flechas ou ficam no corpo da vítima ou atravessam ele, podendo também atingir inocentes. Uma “ferida” assim gera uma perda de energia, doença e, por vezes, a morte, mais ou menos rápida, se ela não for tratada por um curandeiro competente, capaz de diagnosticar o mal.

O tratamento consiste em um remédio caseiro para uso externo na pele com folhas moídas de tabaco e de *datura* ou *toé*⁶⁷, que é renovado três noites seguidas no ponto da picada. Às vezes, é necessária uma sessão terapêutica de ayahuasca para vomitar a “pequena flecha”, em conjunto com uma dieta com essa finalidade utilizando plantas famosas por proteger contra a bruxaria, tais como a *mucura*⁶⁸ ou o *ajosquiro*.

Também é possível aspirar o virote, *chupar* em espanhol, ou extrair por sucção com a fumaça do tabaco. Previamente, é imperativo lavar a boca com *Agua de Florida*, uma água perfumada, e

⁶⁶ *Lupuna colorada*: *Cavanillesia umbellata*.

⁶⁷ No Peru, a denominação *toé* abrange diversas espécies do gênero *Datura* e da sua pendente arbórea *Brugmansia*, mas também algumas ipomeias, especialmente a *Ipomea carnea* (algodão-bravo). Na linguagem usual, todas elas são chamadas de *borrachera* (literealmente, “que embriaga”).

⁶⁸ *Mucura*: *Petiveria alliacea*.



enchê-la com tabaco mapacho, o que evitará engolir a coisa. Esse método perigoso só deve ser aplicado em caso de urgência, explica Brunswick.

Portanto, nesse contexto, o *toé* é terapêutico. Esse vegetal merece a nossa atenção, nem que seja pelo fascínio que exerce sobre numerosas pessoas. Se ele fascina, é porque se trata também de uma planta de poder com duas caras, medicinal e tóxica, dando cura e proteção nas mãos de um bom xamã que a conheça, mas perigosa nas mãos de um *curandero malo*, adepto da manipulação e extremamente perigosa para o psicopata urbano que deseja se aventurar a fazer com ela uma bebida ou chá. Aqueles que tentaram, geralmente guardam uma lembrança abrasadora, um salutar pavor e até mesmo sequelas para o resto da vida.

Do ponto de vista científico, as *daturas* e *brugmansias* – o gênero arbóreo – ocupam um lugar à parte entre os alucinógenos: devido à sua ação no sistema nervoso parassimpático, são classificadas na família dos alucinógenos delirantes. O sujeito deixa de ter qualquer distanciamento em relação às suas visões e fica num estado próximo do sonambulismo, fazendo coisas sem se dar conta, assim como um zumbi⁶⁹. O risco de acidentes, além de dosagem mortal, é importante e a reação individual aos seus alcalóides tropanícos é mito variável.

Chamada de Erva do Diabo, Erva dos Loucos ou ainda Trompeta dos Anjos na Europa⁷⁰, a *datura* é conhecida desde longa data por seus efeitos psicotrópicos, mas também anestésiantes, antiespasmódicos e broncodilatadores. Fabricavam-se cigarros para a asma que acabaram sendo proibidos devido à sua utilização pelos toxicodependentes. São reportados muitos usos tradicionais em vários continentes. Ela ocupa um lugar de destaque na farmacopeia amazônica e é utilizada por algumas etnias como aditivo na ayahuasca.

⁶⁹ A *datura* seria um dos ingredientes do "pó de zombie" utilizado no Haiti. Ler sobre esse tema: Wade Davis, *The Serpent and the Rainbow*, Simon & Schuster, 1985.

⁷⁰ A variante europeia é a *Datura stramonium* ou estramônio.

El toé é um espírito masculino, no qual Juan Flores vê um soldado. “*Lindo soldado*”, canta no ícaro que lhe é consagrado. Para ele, essa planta “tóxica” não deve ser tomada isoladamente nem em grandes quantidades. Ele não a coloca em sua ayahuasca, pois então a dosagem se torna algo delicado, e a preconiza unicamente em uso externo, emplastos ou banhos.

“De uma embriaguez com toé puro, saímos como um bebê”, comenta Juan. Ou melhor, nu, porque muitas vezes a pessoa tira a roupa porque lhe dá uma sensação de queimadura, além de amnésia, com lacunas mais ou menos importantes quanto à recordação da sua experiência. E isso, mesmo que a cerimônia seja muito bem conduzida. No pior dos casos, pode levar desde a cegueira ao coma, e até mesmo à morte.

Com suas grandes flores em forma de trombeta muito perfumadas, a planta é sedutora e o soldado sabe se transformar em princesa para atrair os humanos... Um bom soldado precisa ser comandado e estar em rodeado. Associado a outras plantas xamanicamente mais poderosas, como o tabaco ou a ayahuma, pode se revelar muito útil como proteção, para a limpeza espiritual dos pacientes ou contra os vícios. Com os seus efeitos soníferos, uma flor de *toé* cozinhada com ampuri de tabaco pode assim ajudar no desmame dos fumantes de cânhamo (*cannabis rudelaris*). Ela lhes faz lembrar de maneira agradável a sua planta-fetiche, ao mesmo tempo que lhes permite se libertarem da sua influência. Mas deve ser dosada com parcimônia e necessita de um acompanhamento competente da parte de um xamã que conheça o espírito o *toé*.

Como vemos, o *vegetalismo* é um mundo no qual o preto e o branco se misturam, colidem, confundem e são indissociáveis. A fronteira entre o lado luminoso e o lado sombrio é movediça e a zona cinzenta, enorme. Como assim escreve Jonathon Miller Weisberger, temos a impressão de que, para certas plantas, o bem e o mal são conceitos relativos. Só a energia – a vitalidade que elas difundem – conta⁷¹. Compete então ao iniciado ter isso em consideração e utilizá-las com conhecimento de causa.

⁷¹ Jonathon Miller Weisberger, *op. cit.*, p. 236.



“O bem e o mal estão nas plantas, no mundo”, diz Juan. O curandeiro é constantemente confrontado com casos complexos e potencialmente perigosos para si próprio, aliás, assim com qualquer médico. Mas, trabalhando simultaneamente no plano físico e espiritual, encontra-se duplamente exposto e deve estar constantemente atento. Antes da sessão, o espaço cerimonial e os participantes são limpos com defumações de *palo santo*⁷², uma árvore aromática utilizada como incenso. Em seguida, durante a cerimônia, o xamã policia os espíritos, aqueles que são convidados e aqueles que saem dos participantes. Se for necessário, intervém através do cântico, da fumaça de tabaco ou do perfume.

Alguns ataques de espíritos ou de *brujos* podem ser especialmente difíceis de gerir pelo mestre de cerimônias, que pode ser derrubado, esvaziado de sua energia, ter dificuldade em cantar, perder a sua voz e, inclusive, vomitar. Às vezes, são precisos pelo menos dois ou três cantores para fazer frente. É necessário então se apoderar de novo, se concentrar, chamar os espíritos protetores e cantar ícaros de limpeza.

A prece, os cânticos e a humildade são a melhor das proteções, segundo Juan. Algumas plantas, como o *piñon colorado* ou a *mucuna*, podem ser invocadas. Mas, de qualquer maneira, se queremos mergulhar no xamanismo amazônico, não devemos ter medo de nos expor, de ir para a linha de frente e, ocasionalmente, de morrer e ressuscitar.

– *Así se aprende* (“É assim que se aprende”) – como placidamente me respondeu Henarte no dia a seguir a uma cerimônia na qual eu tinha literalmente ficado na lona devido a um grande demônio que saiu de uma paciente. Naquela noite, eu era o mais fraco dos quatro cantores que lá estavam e foi em mim que ele se fundiu. E, uma vez mais, foi Juan quem me levantou com a soplada.

Defrontar as criaturas da sombra, colocar a mão na massa, confrontar com a luz, sempre com amor, essa é a vocação do curandero. Quanto mais força tiver, mais será atacado pelo lado

⁷² *Palo santo: Bursera graveolens.*



sombrio, ele próprio ou aqueles que o rodeiam. Permanecer vigilante, fechar a porta para as entidades maléficas, ter sempre tabaco consigo, nutrir-se de ampuri como forma de limpeza e proteção são os quatro pilares a partir dos quais se constrói o xamã *tabaquero-ayahuasquero*, sendo a ele permitido se consagrar em plena segurança aos seus pacientes.

“Humildade, amor, perdão, esse é o lema do bom curandeiro. Não se deve ser orgulhoso, mas nobre, tranquilo e ter muito amor por todas as pessoas, desejar compartilhar a luz do conhecimento e do mistério”, disse Juan.

Estudar ao mesmo tempo ambas as vias, ser *curandero* e *brujo*, não é possível. São plantas diferentes, espíritos diferentes e incompatíveis. Trata-se de uma escolha existencial e a duração da formação nos diz muito sobre o tema: se, no mínimo, são necessários cinco anos de trabalho para talhar um curandeiro, para se tornar um *brujo* quatro a seis meses bastam, à custa de plantas com espinhos e peixes vorazes como a piranha.





O MARIRI: A FORÇA DO HOMEM-MEDICINA

O irmão João e aqueles que tinham bebido por inteiro do cálice do espírito da vida, por virtude divina, eram transportados para uma região de vida, de luz e de esplendor.

FRANCISCO DE ASSIS

A proteção do xamã e dos participantes nas suas cerimônias depende em primeiro lugar da força do seu *mariri*, assim como o seu poder de cura. O *mariri* é um dos conceitos mais misteriosos do xamanismo amazônico. Trata-se do fluido xamânico, cantado na maioria dos ícaros, a energia vital ativada em cada organismo, nas células e também em todos os grupos. A vida só é individual de forma relativa, as espécies são aparentadas em diversos níveis, assim como os indivíduos no seio de uma espécie. O *mariri* é essa força mágica, multiforme e multidimensional que estabelece a ligação entre os seres, entre todas as formas de vida.

Na natureza, o *mariri* é “como a eletricidade”, explica Juan Flores: “Vai de baixo para cima”, na casca das árvores, por exemplo. “A *punga* é a árvore que mais tem”, ele nos diz. Uma dieta de flores de *punga* numa infusão de tabaco permite adquirir o seu *mariri* e conhecer os espíritos das águas. O *mariri* se acumula no tórax do *curandero* ao longo da sua prática.



Segundo Juan, não é necessário transmiti-lo de maestro a aprendiz. O mariri é transmitido diretamente e unicamente pelas plantas, pelos espíritos. Qualquer pessoa que tome plantas o adquire. É como uma semente que germina no interior do peito. O mariri está vivo, se conversa, é preciso nutri-lo, sublinha Juan, com fumaça de mapacho, ampiri ou rapé. É por essa razão que o xamã se "nutre" com tabaco.

Tal como os ícaros, o mariri é um presente das plantas para o aprendiz vegetalista e é através dele que se exprime, sob uma infinidade de formas: libélula, colibri (beija-flor), papagaio, boa (serpente), jaguar, tabaco, entre outras. Uma cerimônia conduzida por um ayahuasqueiro que está precisamente utilizando tabaco será mais forte, pois o seu mariri fica ainda maior, assim como o poder dos seus cânticos. Uma planta administrada por um iniciado com seu mariri produzirá mais efeito.

Às vezes, o mariri se manifesta visualmente. Quando estava cantando o ícaro do tabaco a uma jovem, pude nela ver a planta crescendo, as folhas, as flores e as sementes. Depois, com a soplada de perfume, saiu da minha mão uma libélula que entrou no cérebro dela. Em outra ocasião, também durante uma *soplada* de perfume, foi a chacruna que apareceu, com formas serpentinadas azuladas que se transformaram em pequenos espíritos femininos luminosos que batiam as asas e iam iluminar o cérebro da pessoa, que eu conseguia ver de forma transparente através dos cabelos e do crânio, azul luminescente. O puro mariri é de cor branca, mas cada espírito o expressa à sua maneira: a chacruna se manifesta muitas vezes de azul, a ayahuasca de vermelho, a ayahuma de branco e dourado, etc.

Sendo um conceito especificamente amazônico e ligado ao mundo das plantas, o mariri é difícil de precisar e exprimir em palavras. Para tentarmos ter um paralelo com o hinduísmo, ele tem simultaneamente o prana, o sopro vital e o amrita, o elixir da imortalidade de origem vegetal, o néctar dos deuses. Entre os Secoya do Equador, os aprendizes efetuavam retiros de muitos anos na floresta, com o seu mestre, e isso incluía períodos que duravam até quatro meses, no decorrer dos quais não ingeriam qualquer tipo



de alimento. A ayahuasca que bebiam durante todo esse tempo, três noites seguidas de toma e duas de descanso, tornava-se então *el gran alimento*, o alimento supremo que lhes permitia se nutrir unicamente de mariri⁷³.

O mariri é muitas vezes confundido com o yachay⁷⁴. Ora, segundo Juan Flores, os dois termos não são sinônimos. O yachay é, por assim dizer, um mau mariri, o mariri do *brujo*, e corresponde ao *flema*, aquela matéria viscosa na qual o mau feiticeiro conserva as suas pequenas flechas mágicas⁷⁵.

O xamã é um “homem-medicina”, ele é a medicina, carrega ela com ele. Adquirir o seu mariri, fazê-lo crescer e, pouco a pouco, aprender a usá-lo é o objetivo do aprendiz durante seus primeiros anos de prática. Feito isso, ele será progressivamente capaz de comutar as forças com tendências malévolas em energias salutares, ou então de expulsá-las do espaço cerimonial.

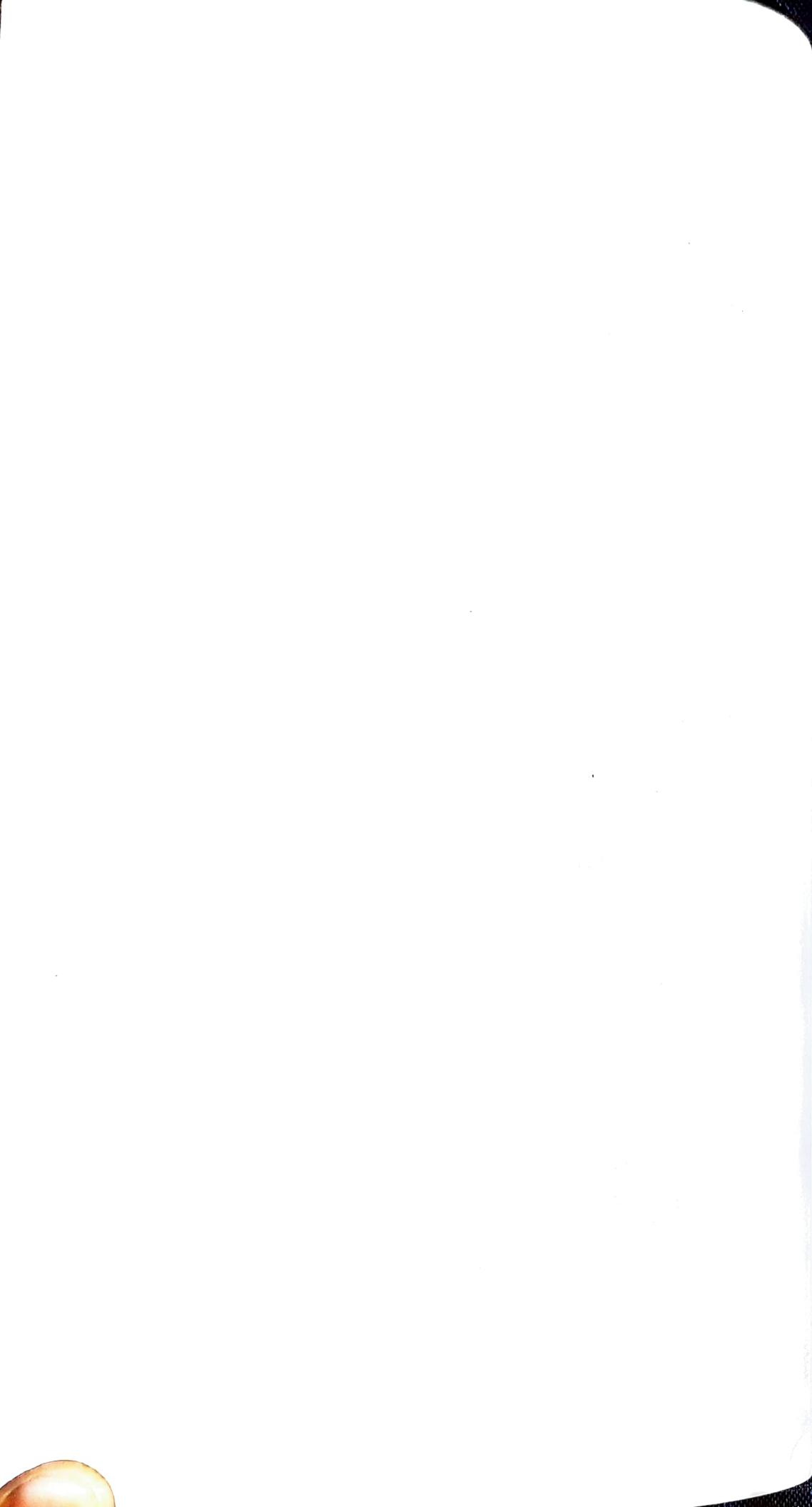
Ao mesmo tempo energia, inteligência e veículo xamânico, o mariri é verdadeiramente a força organizadora e protetora da cerimônia de ayahuasca e passa pelo cântico. A música gravada, como acontece em alguns círculos contemporâneos, não produzirá o mesmo efeito: haverá certamente introspecção, mas sem a estrutura e a proteção dadas pelos cânticos e o sopro de um ayahuasqueiro plenamente formado.

⁷³ Jonathon Miller Weisberger, *op. cit.* p. 127.

⁷⁴ *Yachay*: Do quechua *yacha*, “saber”.

⁷⁵ Muitos autores evocam a transmissão do “saber” xamânico de mestre a aprendiz sob a forma de *flema* e/ou de pequenas flechas mágicas. Ambas as coisas são, por vezes, idênticas. Ler sobre esse tema: Jean-Pierre Chaumeil, *Voir, savoir, pouvoir – Le chamanisme chez les Yagua de l'Amazonie péruvienne*, Georg éditeur, Genève, 2000, pp. 45-49.





A KUSHMA: CONHECIMENTO E PROTEÇÃO

Com a kushma vem o conhecimento.

JUAN FLORES

Uma noite em março de 2012, ao sair de dois meses de dietas severas, tive, como por vezes acontece, um acesso de fraqueza durante uma cerimônia. Se era devido aos sete quilos que havia perdido ou estaria ligado à energia das pessoas reunidas à minha volta, é difícil dizer. Provavelmente um pouco dos dois. Seja como for, tive de efetuar uma longa pausa no final de um ícaro... Dei por mim não conseguindo cantar mais e sucumbindo, perante a estupefação dos participantes, quando senti uma presença atrás de mim que disse:

– Anda, rapaz, canta, canta!

Em seguida vi uma túnica branca com faixas verticais douradas que caiu sobre os meus ombros.

Instantaneamente, como que por um milagre, reencontrei as minhas forças e fui capaz de continuar cantando e levar a cerimônia tranquilamente. Foi apenas no dia seguinte que me dei conta do que havia acontecido. O espírito da *ayahuma* acabava de me entregar a *kushma*, a túnica tradicional ashaninka. Uma *kushma* do astral, no caso presente, invisível, mas que possui no mínimo tanto valor quanto aquela de algodão que me presenteou Juan Flores, aproximadamente três meses mais tarde.



– A kushma é confiada ao aprendiz quando ele é capaz de cantar, conhece as plantas e sabe praticar. Ela é o símbolo do conhecimento e da sabedoria – me explicou então Juan.

– Pude observar nestes últimos anos que você está seguindo um bom caminho – acrescentou, sem mais comentários, precisando simplesmente que a túnica está ligada aos espíritos das plantas porque é tecida à mão pelas avós do seu povo, usando algodão e tinta com extratos vegetais. As linhas coloridas, verticais para os homens e horizontais para as mulheres, são representações simbólicas de animais e plantas.

O recebimento da kushma marca a conclusão da iniciação ativa. Não é, de longe, um fim, mas sim um começo, o início do verdadeiro aprendizado. Dali em diante, o adepto estreia uma segunda fase iniciática, mais passiva, ao serviço do poder misterioso que adquiriu durante o primeiro ciclo. Ele renuncia à ativação de suas próprias cargas energéticas para receber. Pode também começar a dar, curar, fazer o bem e transmitir.

Ter a kushma muda a vida. Enquanto não a temos, tudo é difícil, temos de remar contra a maré, fazer as nossas provas, mostrar a nossa coragem, não termos medo de nos expor. O saber é adquirido na dor e na privação, através do trabalho, da perseverança e da abnegação.

Depois, tudo se torna mais fácil. A kushma é um verdadeiro instrumento mágico, uma tecnologia xamânica de proteção e de aquisição de saber. Com ela, nos sentimos protegidos e o conhecimento vem sozinho. É como se corresse da nascente. Receber a kushma das mãos de Juan já havia sido uma alegria profunda, mas eu ignorava ainda que aquele pedaço de algodão iria me fazer entrar em uma outra dimensão. Constatar a mudança ao longo das semanas seguintes foi uma alegria ainda maior, mesmo que misturada com incredulidade. Tive nitidamente a impressão de que os espíritos vinham ver quem era este novato...

– Os espíritos reconhecem os portadores da kushma e vêm, se manifestando – me indicou Juan certa manhã, enquanto tomávamos o café da manhã na maloca que vigiava o rio quente em

Mayantuyacu, embalados pelo murmúrio das águas cristalinas e pelas lufadas de vapor trazidas por uma pequena brisa.

– A kushma deve ser entregue pelo Maestro ao estudante – acrescentou, deixando bem claro que aquelas que estão à venda nas lojas de artesanato em Pucallpa não têm, evidentemente, o mesmo poder.

E, efetivamente, nos meses que se seguiram, houve como uma aceleração. Tudo estava mais fluido e recebi vários ícaros diretamente das próprias plantas, sem fazer qualquer esforço especial nesse sentido. Certa noite, quando havia acabado de cozinhar um ampiri de tabaco aditivado de mucura fresca algumas horas antes, essa última me acordou por volta das três horas para me fazer cantar o seu ícaro. Eu havia simplesmente lambido o palitinho que servira para remexer a mistura na panela.

O ícaro do shimirosai saiu sozinho, improvisado em plena cerimônia. Mal havia começado a beber uma decocção da sua casca dois dias antes. A mesma coisa aconteceu com a *ajo sacha*⁷⁶. Em suma, eu tinha realmente a impressão de que “muita gente queria entrar” e que muito em breve não iria mais saber para onde me virar: tantas plantas para conhecer e tão pouco tempo para consagrar a cada uma delas!

Com a medicina propriamente dita, a ayahuasca, era como se as válvulas tivessem sido abertas. Em três cerimônias, ela me ensinou a cantar o ícaro *Arkana*, destinado a um paciente bem preciso no qual esse canto de proteção fez um efeito espetacular. A mesma coisa para o ícaro barco-fantasma *Aceropunta*, que recebi e afinei em tempo recorde, com texto e melodia.

Estava ao mesmo tempo estupefato e grato, sabendo que antes teria precisado de meses de trabalho para adquirir certos ícaros. Senti que havia chegado a hora de constituir um repertório mais pessoal, em relação direta com as plantas, e não tanto aprendido com outros. Juan me confirmou que os ícaros devem ser “atualizados e adaptados à nossa própria evolução” e que a improvisação é importante.

⁷⁶ *Ajo sacha: Mansoa alliacea.*



O recebimento da kushma marca nesse aspecto uma nova etapa crucial. Ela inscreve o recebedor numa tradição, numa linhagem de *curanderos*, conferindo a ele também a sua autonomia. Além disso, ela amplifica o poder do seu mariri. Recebê-la é uma grande honra e uma pesada responsabilidade. Assim como atribuí-la.

O critério para obtê-la é evidentemente a observação do aprendiz durante vários anos. No que me diz respeito, Juan acrescentou, sem me avisar, um “teste” bastante simples: durante uma cerimônia, após cinco anos de prática, ele me serviu uma dose dupla de ayahuasca quando, habitualmente, meia *copita* é mais que suficiente. Vi que Brunswick estava atento para não entornar a copita, que estava completamente cheia, quando a trouxe até mim. Sendo costume bebermos o que nos é servido, apenas bebi, sabendo que na hora seguinte eu iria certamente derreter por completo em cima do meu colchão. O que não deixou de acontecer.

Sobreviver à zona da morte, mais uma vez, muito bem, comecemos a conhecê-la: ficar quieto, controlar-se, não gritar, não gesticular, concentrar-se nos ícaros, naquilo que a medicina tem para nos dizer, respirar, beber e deixar os outros cantarem...

Era assim que eu via o programa da noite quando, de repente, Juan, que vagava pela maloca, se aproximou e disse:

– *Ivo, Ivo, canta, Ivo!*

Era uma ordem, e foi um alívio, uma revelação, de fato, não gritar, não dispersar, mas cantar para estruturar a experiência, trocar as fronteiras do espaço cerimonial, utilizar a força da medicina para surfar na onda. Eu me endireitei, dentro do possível, e cantei pela primeira vez em cerimônia o famoso ícaro em línguas shipibo e ashaninka, no qual me transformava regularmente em serpente alguns anos antes e que tinha longamente ensaiado durante o isolamento na floresta.

Nunca antes eu havia cantado nesse estado. O veredito do Maestro foi:

– *Son buenos tus ícaros* (“os teus ícaros são bons”).

Invocado no final do canto, o Bancopuma, o espírito do ja-

guar, respondeu com sua presença. Teste bem-sucedido, Juan queria ver como saíam os meus ícaros sob uma forte *mareación*, ele me disse no dia seguinte. É preciso uma cerimônia potente de vez em quando para fazer "sair" os cânticos, ele acrescentou.

Tendo mostrado que, mais ou menos, é capaz de cantar em qualquer circunstância, o portador da kushma fica dali em diante qualificado para dirigir cerimônias nas quais será capaz de organizar a zona da morte através dos seus cânticos, das suas andanças, da fumaça de tabaco e do uso de perfumes.

Agora ele pode verdadeiramente começar a aprender.





OS PERFUMES: FLORESCER A PESSOA

*Quer que te ensine onde cresce a
planta Balis, que ressuscita os mortos?*

GUSTAVE FLAUBERT

Considerado o rei da floresta e o senhor dos animais, o Chullachaqui⁷⁷ é um brincalhão e poderoso espírito silvestre. Vive com a sua esposa na árvore chamada *chullachaqui caspi*⁷⁸. Tradicionalmente, é a ele que os caçadores se dirigem para negociar suas cotas. Esse pequeno homenzinho de grandes orelhas pontiagudas, que possui um jardim de plantas medicinais, é muitas vezes descrito como tendo os braços para frente e um ou ambos os pés virados para trás. Isso lhe permite deixar pegadas na floresta num sentido, enquanto ele vai em outro, de forma a despistar os caçadores que não tiveram o cuidado de o consultar. Pode assim deixar pegadas de toda espécie de animais, mas também assumir forma humana – de um parente próximo da pessoa encontrada –, por exemplo, ou animal. Surgindo onde menos se espera, é temido pois a sua aparição pode deixar uma pessoa doente ou louca. Também controla os fenômenos meteorológicos

⁷⁷ Do quechua *chulla* ("desigual") e *chaqui* ("pé").

⁷⁸ *Chullachaqui caspi*: *Tomovita sp.* – muitas árvores possuem nomes que acabam em *caspi* ("duro").



e é capaz de desencadear tempestade se for contrariado⁷⁹.

Em Mayantuyacu, não é temido, muito pelo contrário, faz parte da família. Para Juan Flores, o Chullachaqui é amigo de todos, plantas e animais, e o Maestro gosta de dar em dieta o *chullachaqui caspi* às pessoas que ali vêm pela primeira vez. Isso lhes permite, por seu intermédio, serem acolhidas e introduzidas aos mistérios da floresta amazônica.

Foi o que ele fez durante a minha primeira visita em 2007, me entregando uma garrafa com a decocção da casca e me indicando que esse espírito duplo, macho e fêmea, era excelente para atrair a amizade, favorecer a abertura espiritual e aprender a conversar com os espíritos da natureza. No que me diz respeito, nunca tinha ouvido falar do Chullachaqui, ignorava por completo a sua reputação e estava encantado com a ideia de beber o suco da árvore que abrigava o rei da floresta.

Na terceira cerimônia – após duas rodadas de observação, por assim dizer –, enquanto o incansável Henarte cantava as suas doces toadas de final de sessão, vi aparecer diante de mim uma tapeçaria de serpentes entrelaçadas de grande beleza, em tons azuis, verde-esmeralda e dourado. “Olha!”, disse a mim mesmo, “será que voltou o véu que Guillermo tinha levantado?” Inconscientemente, eu me sentei, com os braços para frente, pousados em cima dos joelhos e deixei cair as mãos...

E então, de repente, me dei conta de que as minhas mãos tinham desaparecido. Estava como que amputado. Elas tinham entrado na tapeçaria das serpentes e já não conseguia vê-las. As minhas mãos estavam do outro lado do véu. Um pouco inquieto, sem saber muito bem o que estava acontecendo, girei a cabeça, tentando olhar para outro lugar, sem me mexer muito.

Nesse preciso momento, Juan se levantou e veio até mim, vi como se ele se materializasse através do véu.

– *Manitas!* (“As mãos!”) – me disse, segurando-as para passar nelas *Agua de Florida*, antes de me dar uma soplada com esse perfume. Era simplesmente divino, uma explosão de aromas e de cores

⁷⁹ Amaringo, Luna, *op. cit.*, pp. 78 e 122.



invadiu o meu cérebro e as minhas mãos reapareceram.

No dia seguinte, Henarte me explicou que as minhas mãos tinham passado para o outro mundo e que o Chullachaqui tinha vindo me dar energia. Foi então que percebi que ele havia se incorporado em mim e que eu mesmo tinha assumido a sua posição com os braços para a frente e as mãos caídas. Os espíritos gostam de se incorporar nos humanos. Na cerimônia seguinte, surpresa: depois de alguns ícaros, subitamente Brunswick deixou de cantar e não o ouvimos mais naquela noite. Explicação: visita do Chullachaqui.

Dois dias mais tarde, quando perguntei a Juan, ele me deu a mesma resposta que Henarte: o Chullachaqui havia pegado as minhas mãos para me dar energia. Quanto ao perfume, serve para o “florescimento da pessoa”, ele me disse, e também para favorecer a ligação com o mundo vegetal. Juan integra na sua composição aproximadamente uma dúzia de pequenas plantas com diversas propriedades, para acalmar a raiva, remover bloqueios ou atrair o amor.

A utilização dos perfumes pelos curandeiros amazônicos em particular e latino-americanos em geral é um belo exemplo da plasticidade e da capacidade de integração das práticas xamânicas. Assim como muitos deles adotaram Jesus, Maria ou diversos santos, praticamente todos utilizam uma água de colônia comercializada no início do século XIX por Murray & Lanman em Nova Iorque, sob o nome de *Agua de Florida*, com aromas de laranja, lavanda e cravinho. Considerada mágica, difundiu-se por toda a América Central e do Sul. Nós a encontramos hoje em dia no Peru em todos os mercados, em finas garrafas de plástico de diferentes tamanhos que se adaptam lindamente à soplada.

Alguns a utilizam tal e qual, outros, como Juan Flores, a melhoram acrescentando a ela diversas plantas, sendo que para ele a principal é uma variedade local do manjeriço⁸⁰. Em outros tem-

⁸⁰ Em sua *Agua de Florida*, Juan Flores acrescenta, além do manjeriço local (*Ocimum micranthum*), as seguintes plantas: Sharamachillo (*Ocimum spp.*), mushushillo (*Pavonia leucantha*), bujeo sachá (*Zebrina pendula*), motelillo



pos, os curandeiros do seu povo utilizavam simplesmente o manjeriço fresco em todo o corpo, explica Juan. Também praticavam unções e banhos perfumados com outros tipos de essências: *ajo sachá*, *piñon colorado*, ou ainda a polpa do fruto da ayahuma, de preferência fresco, pois ao fim de dois ou três dias exala um cheiro de cadáver. Esses “banhos de flores” são às vezes propostos em Mayantuyacu antes da cerimônia de ayahuasca.

Alguns *curanderos* fazem um uso imoderado e por vezes espetacular da *Agua de Florida*, cuspiendo e soprando enormes quantidades em seus pacientes, por exemplo. Alguns chegam a bebê-la. Outros engolem uma mistura de aguardente, cânfora e sementes secas de *camalonga*⁸¹, um conhecido alucinógeno. Esses são aromas fortes, mas existem outros bem mais sutis.

Sabe-se já há bastante tempo que os xamãs amazônicos são também *perfumeros*, mas a literatura especializada sobre o tema é extremamente escassa e praticamente inexistente no que diz respeito ao uso tradicional anterior à *Agua de Florida*. Uma investigação seria junto dos curandeiros mais velhos, antes que eles desapareçam, seria bem-vinda. Haveria aí um interessante trabalho de campo a ser realizado por um grupo interdisciplinar composto por um etnólogo, um botânico capaz de identificar as espécies utilizadas, um biólogo especialista em olfação e um perfumista com um “nariz apurado”, por exemplo.

Não estamos exagerando se dissermos que a floresta amazônica está repleta de perfumes, e também não seria nenhum exagero se dissermos que eles têm uma ação profunda no cérebro dito “reptiliano”. Hoje em dia esse termo caiu em desuso, mas é de fato verdade que o bolbo olfativo faz parte das estruturas cerebrais mais antigas na evolução. As plantas e os animais se comunicam com o auxílio de moléculas odorantes, não apenas no seio das

(*Fittonia verschoffeltii*), shimi pampane (*Maranta arundinacea*), dormilona (*Mimosa pudica*), mano abierta (*Xanthosoma heleborifolium*), cresta de gallo (*Warszewiczia spp.*), isanguillo (*Pilea spp.*), lengua de perro (*Gnaphalium calveceps*), zebritá (não identificada) e bolsaquiro (não identificada).

⁸¹ *Camalonga*: *Thevetia peruviana*.



espécies, mas também entre elas. Também as feromonas desencadeiam reações instintivas e inconscientes, cujos efeitos no ser humano ainda não estão demonstrados. Mas, de longe, isso não é tudo.

Henarte me contava que quando era adolescente junto dos Ashaninka, antes de ir à caça, untava o corpo com a polpa do fruto a ayahuma, que tinha como efeito, além de tingi-lo de azul, mascarar o seu próprio cheiro. Como já foi dito, a ayahuma é conhecida por conceder a invisibilidade. Então, ele ia sozinho, nu, com o seu arco e as suas flechas, após ter mascado um bom punhado de tabaco para “ver mais longe”, “apontar melhor” e aguçar o seu olfato

Nós já não somos caçadores-recolectores. No ser humano moderno, o olfato já não é tão desenvolvido, tendo perdido a sua importância em termos de alimentação e sobrevivência. Mas, sob a ayahuasca, esse meio de comunicação arcaico recupera todo o seu sentido pelo fato das fronteiras entre espécies se tornarem porosas.

As fronteiras entre espécies, mas também as fronteiras entre os mundos. Segundo Pablo Amaringo, os espíritos mais elevados se alimentam unicamente dos perfumes das plantas aromáticas⁸². Consequentemente, e se trata de uma opinião amplamente difundida entre os ayahuasqueiros amazônicos, eles não apreciam de forma alguma o cheiro do ser humano, em particular o do sexo⁸³. Só à custa de longas dietas e do uso de perfumes é que podemos nos livrar dos nossos maus cheiros e estabelecer um contato com eles.

A nível xamânico curativo, o perfume se serve de um princípio transformador e regenerador. Pude constatar em várias ocasiões que ele remove bloqueios, no sentido em que dissocia aquilo que já não se quer viver daquilo que se quer. Ele liberta as energias sobrecarregadas pelo peso da matéria, dissolve aquilo que deve regressar ao caos e ajuda a fazer florir aquilo que deve florir.

⁸² Amaringo, Luna, *op. cit.*, p. 60.

⁸³ Daí as instruções de abstinência sexual, de duração variável, impostas à maioria dos ayahuasqueiros antes e depois de uma cerimônia, assim como durante as dietas de plantas.



Durante uma cerimônia de ayahuasca, perfumar uma pessoa que está afundada em uma situação aparentemente inextrincável, atormentada por seus medos, os seus demônios e sem saber como sair dali tem muitas vezes um efeito libertador. O sofrimento pode ser enorme e o alívio está na mesma proporção da provação. Por vezes, é um verdadeiro renascimento.

O tabaco faz a limpeza, o perfume efetua a transformação energética. Tal como a árvore deixa cair os seus ramos mortos e faz florescer os outros, a pessoa encontrará em si mesma o caminho a seguir.

Cabe ao xamã “ver”, durante a cerimônia, em relação ao que acontece, se deve intervir mais com o perfume ou mais com o tabaco. A dúzia de pequenas plantas acrescentadas à sua mistura por Juan Flores não deve ser subestimada. Plantas de amor e de paz, elas asseguram além disso a proteção da família e do ambiente da pessoa, ele nos assegura.

A SERPENTE E O JAGUAR

Quanto mais procuramos realizar a nós próprios, mais devemos integrar a alteridade radical, essa é a regra. E quanto mais a integrarmos, mais iremos descobrir que sermos ou nos tornarmos nós mesmos é uma coisa que se aprende através do olhar imóvel do jaguar.

MARC LENAERTS⁸⁴

A serpente que incitou a morder o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal simboliza a aspiração do homem a se elevar, a se aproximar dos deuses e a divinizar a ele mesmo. Embora tenha sido amaldiçoada pela Igreja, a serpente sempre teve um lugar de destaque entre os iniciados de diversas tradições enquanto símbolo do conhecimento, da medicina ou simplesmente da energia vital. Com o seu “duplo mercúrio”, representado através de uma dupla serpente ou de uma serpente com duas cabeças, os alquimistas simbolizavam a vitalidade construtiva e organizadora.

Sob a ayahuasca, as visões de serpentes entrelaçadas, se desdobrando ou se multiplicando, são muito frequentes. Muitos relatos de primeiras experiências descrevem encontros com uma serpente, o cipó se manifesta dessa maneira. Ainda que possa ser sentida

⁸⁴ Marc Lenaerts, *op. cit.*, p. 260.



como ameaçadora, é um bom sinal: isso indica que foi feita a conexão com a planta e que ela está disponível para trabalhar sobre e com o indivíduo em questão.

Pois um dos aspectos mais misteriosos da ayahuasca é ela não fazer qualquer efeito em algumas pessoas: aproximadamente uma em cada dez pessoas não sente nada em particular, mesmo com doses fortes e repetidas tomas. Outras, pelo contrário, podemos dizer que são abençoadas pelos deuses e vivem, desde o início, experiências muito profundas. Por exemplo, a jovem mencionada no capítulo 4, que foi queimada por dentro pelos espíritos do fogo logo na sua segunda cerimônia. Na terceira, ela me contou que pediu à medicina para curar o seu coração para poder dar muito amor e sentiu e viu o seu braço ondular de uma forma estranha, e se deu conta de que estava entrando nela uma serpente dessa maneira. Segundo as suas próprias palavras, saíram “pequenos doutores” que lhe fizeram uma “operação no coração”⁸⁵, após a qual ela se sentiu morrendo numa explosão de amor. A medicina lhe disse ainda para guardar um pouco desse amor para ela mesma.

A título pessoal, o encontro com o espírito da anaconda no espaço de Guillermo Arevalo havia sido fundacional e o renascimento no “ovo filosófico”⁸⁶ da serpente com Juan Flores foi a sequência lógica. Na Amazônia, a serpente é temida e respeitada, embora as espécies perigosas sejam eliminadas sem piedade. No mesmo dia, eu havia assistido a morte de uma pequena serpente verde, venenosa, que tinha caído do telhado da cozinha, com golpes de facão por um dos operários de Mayantuyacu. De noite, na cerimônia, ela renascia em mim. Em uma outra ocasião, eu havia sido perturbado com uma grande tarântula durante o dia. Ela não deixou de se manifestar na cerimônia daquela noite, quando antes eu nunca havia tido visões com aranhas em especial. Quando tomada durante um tempo, a ayahuasca favorece essa permeabilidade entre as espécies. É assim que se aprende.

⁸⁵ Pablo Amaringo descreve igualmente em uma de suas pinturas uma operação desse tipo que aconteceu com ele: Amaringo, Luna, *op. cit.*, p. 102.

⁸⁶ Termo alquímico que designa um processo de purificação durante o qual o adepto se liberta dos seus invólucros grosseiros.

“Há várias categorias de serpentes com diferentes tipos de energia”, explica Juan. O *Sachamama*, ou “serpente da terra”, e o *Yacumama*, “a serpente das águas”, ambos são muito temidos pois “podem matar”. Juan adora contar aos visitantes incrédulos histórias de anacondas que vão até aos 40 ou 50 metros de comprimento e que vivem em lagoas perdidas nas profundezas da floresta, capazes de hipnotizar as suas presas. A única forma de escapar delas – e talvez até vê-las, pensei – seria tomar plantas:

– Se você se transformou o suficiente em planta, deixam de ver você como uma presa – afirma.

Segundo ele, alguns animais igualmente usam essa estratégia.

Juan não é de longe o único a contar essas histórias. Uma paciente peruana, que era professora e tinha trabalhado com as comunidades indígenas no rio Ucayali, também me disse ter visto com os seus próprios olhos uma boa⁸⁷ gigantesca, com mais de um metro de diâmetro, sair do rio, atravessar a aldeia e que era insensível aos tiros de espingarda. Quando um guia turístico dando uma de esperto nos conta uma história assim é uma coisa, mas vinda de pessoas com as quais desenvolvemos uma relação de confiança, que costumam dizer coisas sensatas e verificáveis, e que não têm qualquer interesse em nos enganar, isso não deixa de suscitar uma certa perplexidade. O que está claro é que, na Amazônia, os mundos físicos e espirituais se interpenetram de forma tão profunda e natural que nunca sabemos se o nosso interlocutor está nos falando de entidades que um gringo classificaria como “reais”.

Existe também uma serpente celeste, a *Mantona*, a jiboia-constritora, benevolente, do espaço, que tem uma coroa de estrelas e que “não mata”. A primeira vez em que ouvi Juan cantar o seu ícaro em cerimônia, as visões se tornaram instantaneamente serpentiformes, logo que ele entoou a melodia e antes mesmo de ter pronunciado as palavras *linda mantonita*, “linda jiboiazinha”.

Quanto mais o aprendiz adquire conhecimento por intermédio da ayahuasca/serpente, mais capaz será de o utilizar através do

⁸⁷ O termo *boa* (*boa negra* / *boa amarilla*) designa na linguagem comum a anaconda, enquanto a *boa constrictor* é a *mantona*.



tabaco, jaguar. O saber anda junto com o poder, e é por essa razão que a serpente forma par com o jaguar⁸⁸. O saber anda lado a lado com o poder e é por isso que a serpente forma um par com o jaguar e a ayahuasca com o tabaco, o pensamento com a ação, numa simetria indissociável e entrelaçada.

Para Juan Flores, a ayahuasca e o tabaco são “amigos”. É indiscutivelmente mais difícil acessar ao segundo, devido à sua toxicidade. Aguentar doses fortes requer treino e a purga do tabaco não deixa de ser um exercício de abnegação. No que me toca, me dediquei com ele de forma muito natural a fazer ampuri, uma pasta feita a partir de uma decocção de plantas frescas de *Nicotiana rustica*, cuja receita me foi dada por Juan, “me nutrindo” dele regularmente. É um tipo de consumo relativamente agradável e que evita intoxicarmos os pulmões com a fumaça. Foi assim que, pouco a pouco, o jaguar chegou até mim.

Assim como existem diferentes gêneros de serpentes “xamânicas”, também há dois tipos de jaguares: o *Yanapuma*, o jaguar negro das águas, e o *Bancopuma*, o jaguar pintado da terra⁸⁹. A primeira vez que senti claramente a presença do espírito do jaguar remonta a 2012. Juan havia me dado de beber uma mistura de 30 árvores e plantas, à qual chama de 30 palos, evidentemente colocado em isolamento e com uma dieta de aveia sem sal, nem açúcar, nem frutas. Ele então me explicou que essa combinação continha todos os “grandes doutores” da floresta – incluindo ayahuma, ajosquiro, supunha e shihuahuaco – e que era como uma ayahuasca sem ayahuasca nem chacruna, mas que produzia o mesmo efeito.

Eu já havia várias vezes ouvido falar dessa decocção de 30 palos, que tinha uma certa aura e reputação de Santo Graal em Mayantuyacu. Então, parti alegremente rumo ao meu tambito, com a garrafa na mão, o facão na outra, algo para ler e, contudo,

⁸⁸ Nota do Editor: No Brasil, é mais conhecido como “onça pintada”.

⁸⁹ Na biologia, trata-se da mesma espécie (*Panthera onca*). Cerca de 6% dos jaguares têm uma pelagem negra, sob a qual as manchas ficam visíveis mesmo assim.

sentia uma leve apreensão com a ideia de ficar sozinho no meio da floresta durante 20 dias com uma coisa assim.

Pude logo perceber que beber aquela mistura de manhã e à noite provocava uma maré contínua e que é praticamente impossível dormir por causa das visões, sem falar do fato de que a cama em tábuas de madeira de *tahuari*⁹⁰, duras como metal, era uma penosa companheira para os meus ossos. Durante o dia, eu dormitava na cama de rede que dava para o rio e várias vezes voltei a mim de sobressalto com a sensação de que o mundo dos sonhos invadia o mundo físico. E, ao fim do terceiro dia, já não era capaz de fechar as pálpebras sem instantaneamente ter visões de jaguares.

Quando compartilhei isso com Brunswick, que todas as manhãs me trazia a minha sopa de aveia para o dia, ele me disse:

– *Sí, sí, otorongos*⁹¹, os jaguares, eles gostam de você.

Outro fato marcante era que eu podia chamar à vontade qualquer visão que fosse. Bastava eu pensar no guacamayo, a grande arara, e logo ela aparecia; na anaconda, e ela estava lá; e o mesmo para o pequeno papagaio verde amazônico, o meu gato que estava na Suíça e a planta do tabaco. A mesma coisa para as pessoas.

Era uma grande estreia, uma etapa maior. Pela primeira vez, eu podia escolher as minhas visões e mergulhar nelas a pedido. Até aqui, isso nunca havia acontecido: era possível de fato eu intervir para afastar energias negativa com a fumaça do mapacho ou perfume, ou ainda cantando um ícaro bem preciso, mas em última análise era sempre a medicina que acabava definindo a programação.

Em uma noite de cerimônia, quando uma violenta tempestade açoitava a maloca, cujo telhado de folha de palmeira começava a pingar, vi Juan como jaguar à luz de um relâmpago. Um enorme felino dirigia a cerimônia, algo de um poder inimaginável. No ícaro que invoca o Bancopuma e o Yanapuma, Juan os coloca um em

⁹⁰ *Tahuari*: *Tabebuia serratifolia*.

⁹¹ *Otorongo*: "Jaguar", em quechua.



cada lado da porta de entrada da maloca como guardiões. O Bancopuma no lado terra e o Yanapuma no lado rio. Quando perguntamos a Juan quanto tempo eles ficam lá, ele respondeu:

– *Toda la vida!* (“A vida inteira!”)

Juan é muito jaguar. O seu rosto tem algo de felino. O xamanismo que pratica é sincrético, ashaninka e shipibo, principalmente. Se os Shipibo, que tradicionalmente vivem mais à beira dos rios e estão associados em primeiro lugar à serpente, os Ashaninka, que se estabelecem nas alturas, trabalham mais com o tabaco e o jaguar. Mas, evidentemente, quer seja de um povo ou do outro, “o *curandero* usa as duas energias, sendo ambas necessárias”, diz Juan.

As transformações de jaguar são uma coisa muito impressionante. Elas podem ser produzidas mesmo que a pessoa não se dê conta. Esse animal é um predador temido, está no topo da cadeia alimentar, mas é extremamente discreto. Do mesmo modo, o seu espírito se insinua às escondidas na cerimônia ao sabor dos ícaros, trabalhando com os participantes, insuflando-lhes a sua energia e lhes transmitindo a herança imemorial dessa tradição.

Quando se manifesta, geralmente é por uma razão bem específica, porque a pessoa precisa de uma boa lição, por exemplo. E na maior parte das vezes é arrepiante. Conheço várias pessoas que sentiram crescer nelas garras ou os caninos, o seu olfato se apurou e tiveram uma vontade repentina de comer carne crua. Por vezes, o espaço cerimonial fica repleto de cabeças de jaguar. Um Maestro com muita experiência será capaz não apenas de invocar essa energia, mas também de provocar tais transformações nos outros e nele próprio, com a supervisão e o acompanhamento que se impõe, pois muitas vezes o indivíduo com quem isso acontece pede socorro, cai no chão e chega a se deslocar como se tivesse quatro patas enquanto faz grunhidos.

Ao longo da minha dieta de 30 *palos* e das cerimônias que a pontuaram, senti várias vezes o jaguar negro, em particular, passar levemente em mim enquanto cantava. Isso não me impedia de continuar o meu ícaro, muito pelo contrário, acontecia com muita suavidade e a sua energia irradiava na maloca.

Quanto ao Bancopuma, é um dos espíritos mais poderosos do



milagre curativo amazônico. Sente-se que ele é o depositário emblemático dessa tradição, de uma ligação única entre o homem e o animal, perpetuada por um número incalculável de *curanderos*, *bancomurayas* que o conheceram, respeitam e veneram. Quando se canta o Bancopuma, não é unicamente o jaguar pintado que invocamos, mas igualmente todos os maestros falecidos que nele se transformaram e nos quais ele se incorporou.

Como diz Juan: "O jaguar é o rei da floresta." E, se os 30 *palos* trabalham tanto sobre o jaguar, é porque essa decocção contém "toda a energia da floresta". No final dessa estada, tendo-me definitivamente ensinado o seu ícaro, esboçado no ano anterior, o Yanapuma e o Bancopuma se manifestaram ainda por trás das minhas pálpebras, na sala de espera do aeroporto de Pucallpa, enquanto meditava ao aguardar o meu avião para Lima, que estava atrasado devido às tempestades, como se me dissessem: "Vamos com você, de hoje em diante não iremos mais nos separar".





O TABACO: O SÓCIO DO PATRÃO

Não há cura sem tabaco.

HENARTE SEIJAS GUERRA

Embora tomem tabaco em quantidades consideráveis de todas as maneiras e, podemos até dizer, por todos os orifícios⁹², não conheço nenhum *curandero* que esteja viciado nele. O ayahuasqueiro nutre o seu mariri com tabaco mas é capaz de passar sem ele sem qualquer problema. É o paradoxo dessa planta que, em nossas terras, sujeita milhões de pessoas à escravidão e é considerada como a planta viciante número 1, enquanto que, na Amazônia, é exatamente o contrário, ela é a planta curandeira número 1, sem a qual nada se faz. E mais, é utilizada para nos livrarmos dos vícios.

Assim, Brunswick se gaba de ser o *curandero* que não fuma. Se ele acende o mapacho, sem inalar a fumaça, é unicamente por razões utilitárias, como fazer uma *soplada*, afastar maus espíritos, se proteger, se preparar para uma cerimônia ou ainda para agradecer a uma árvore da qual recolheu a casca. No resto do tempo, ele toma ampiri.

⁹² Algumas etnias como os Aguaruma (Jivaros) praticam o clister com uma mistura de tabaco e ayahuasca. Ler sobre esse tema: Christian Rättsch, *Enzyklopädie der psychoaktivem Pflanzen*, AT Verlag, Aarau, 1998, p. 385.



A fumaça do tabaco atrai os bons espíritos e afasta os maus, porque “o próprio tabaco é curandeiro”, diz Juan. Ele é “o chefe de getalista. Toda a medicina deve ser “icarada” e receber uma soplada com a fumaça do tabaco para ter mais força. E é assim que o mariri passará da planta para o corpo do paciente.

Mais uma coisa é importante: “o *curandero* deve fumar tabaco natural”, insiste Juan. Um xamã que fume cigarros industrializados é altamente suspeito:

– *No vale!* (“Não serve!”)

Duas espécies de tabaco foram domesticadas pelo homem – ou será o contrário? – na América do Sul: *Nicotiana rustica*, o “pequeno tabaco” com flores amarelas, e o tabaco comum *Nicotiana tabacum*, ou “grande tabaco” com as flores cor de rosa. Foi o segundo que conquistou o mundo com as suas grandes folhas longas e pontiagudas, que possuem um rendimento muito maior do que as folhas ovais e menores do *Nicotiana rustica*. Além disso, é também o preferido dos fumantes.

Assim, os tabacos vendidos nos mercados de Pucallpa são geralmente fabricados com *Nicotiana tabacum*. No entanto, o *Nicotiana rustica* era usado tradicionalmente pelos xamãs em vastos territórios, dos Andes – a sua região de origem – até à Amazônia antes de conquistar a América do Norte. Com os seus 9% de nicotina (em comparação com 1% a 4% do *Nicotiana tabacum*) e uma complexidade química⁹³ muito maior, essa espécie se presta particularmente bem à confecção do ampíri.

Trabalhar com as plantas nos ensina a tomarmos o seu ponto de vista e, quando falamos em “domesticação” de uma espécie por outra, por exemplo, do tabaco pelo homem, a mudança de perspectiva é interessante. Eis uma planta que, permitindo ao homem

⁹³ O *Nicotiana rustica* é muito rico em nicotina, com taxas situadas entre 4% e 9%, até 16% nas folhas secas. À semelhança da ayahuaca (*B. caapi*), contém, além disso, alcalóides do grupo dos harmanos, que atuam como inibidores da monoamina oxidase. Ler sobre esse tema: Christian Rátsch, *op. cit.*, pp. 376-380.



acessar os estados alterados de consciência, conquistou em um primeiro tempo os povos de tradição xamânica da América do Sul e do Norte, antes de conquistar, com a ajuda dos europeus, o mundo inteiro e principalmente o mundo profano, fora de qualquer contexto ritualístico.

E foi apenas no século XX, ou seja, um pouco mais de quatro séculos depois de ter sido descoberta, que o homem branco se deu conta de que tinha se tornado escravo dessa planta, da qual ignora completamente o seu comportamento sutil e à qual consagra imensos territórios e toda uma indústria, com os problemas que todos sabemos. O modo de consumo edulcorado, *light*, foi adaptado à grande maioria, com um tabaco para cigarros pobre em nicotina e recheado de aditivos para tornar a fumo mais agradável.

Isso é exatamente o oposto do modo amazônico. É impressionante constatar que, na discussão em torno dos malefícios do tabaco, ninguém se refere ao fato de, em altas doses, ele ter propriedades alucinógenas. Se os fumantes soubessem que o seu cigarro não é nada mais, nada menos do que um alucinógeno em dose baixa...

Evidentemente, em primeiro lugar foi a utilização pervertida que o ser humano fez dele que é responsável pelos malefícios e de nada serve demonizar a planta ou os seus utilizadores. O "chefe de todas as plantas", que possui agora um complexo agro-industrial mundial a seu serviço, tem a sua própria agenda, a qual se desenvolve em eras incapazes de conceber para o ser humano. Como foi mencionado, as plantas já estavam neste planeta bem antes de nós. Elas possuem centenas de milhões de anos de avanço sobre nós em termos de interações com as outras espécies, que seja sob a forma de guerra química, de colaboração ou de sedução.

Essa mesma reflexão pode ser aplicada a outras plantas-mestras que foram objetos de culto, como a coca ou, em nossa esfera cultural, a vinha. Por toda a parte e sempre, o ser humano se associou às plantas inebriantes, permitindo-lhe transcender a sua condição e se religar ao mundo espiritual. Isso inclui os seus usos problemáticos na história recente, marcada pela industrialização, o consumismo e o materialismo.

A materialidade é a fonte da ilusão e da impostura, e o tabaco



permite ver isso com clareza. É algo que os curanderos amazônicos entenderam bem e utilizam essa planta para lutar contra as forças ocultas ligadas à animalidade. “O tabaco nos livra da preguiça. Em vez de castigar as crianças, os antigos Ashaninka nos faziam tomar tabaco”, conta Juan Flores. A cada lua nova, purga de tabaco para os *muchachos*! Isso lhes dava mais força, energia e flexibilidade, assim como também os protegia das doenças, ele nos diz⁹⁴.

O tabaco faz uma purificação geral do corpo e do cérebro, continua Juan:

– Ele faz sair os maus pensamentos e os maus espíritos que se alojam nos intestinos. É uma planta muito poderosa para curar o corpo.

Quando é tomado regularmente, assegura a “proteção contra as doenças”, em parte graças aos seus efeitos purgativos e antimicrobianos, mas também devido a outros efeitos bem mais sutis.

– Por vezes, os espíritos que estão no corpo da pessoa originam doenças e é preciso fazê-los sair – diz Juan.

Tendo eu próprio tido a oportunidade de ver sair das pessoas tais espíritos, mais ou menos inquietantes, um dia perguntei a Juan qual seria a porcentagem de seres humanos “habitados”.

– *Casí todos!* (“Quase todos!”) – foi a sua resposta.

Para aprofundar a conversa, ele me explicou que as consequências podem ser variáveis. Isso até pode ser positivo – os próprios xamãs “coabitarem” em parte com seus espíritos aliados –, mas pode também disparar toda uma série de conflitos potenciais, desde a impossibilidade de sermos nós mesmos, até vários tipos de dores e doenças, incluindo a presença de *diablitos*.

Em cerimônia, gosto de observar a *soplada*. É um momento privilegiado, Juan oficia com o tabaco, um dos seus aprendizes o antecede com perfume e dão uma volta pelos participantes para encerrar os trabalhos. Nas noites sem luar, por vezes é necessária a presença de uma terceira pessoa para iluminar discretamente

⁹⁴ Segundo Marc Lenaerts (*op. cit.*), a preguiça e a avareza são sistematicamente corrigidas nos adolescentes ashaninka.

os oficiantes com uma lanterna. Não podemos nos esquecer de que, nesse momento, eles mesmos estão ainda na embriaguez da medicina.

Foi assim que, em uma noite de dezembro de 2011, quando eu estava olhando na direção de uma jovem que tinha chegado dois dias antes, tive a surpresa de vê-la com dois pequenos chifres na cabeça e uma fisionomia diabólica, na hora em que Juan acendeu o mapacho. A visão não durou mais do que alguns segundos, o tempo de Juan apagar o seu fósforo. Na altura, não tive a menor vontade de me envolver na questão e voltei a mergulhar em minhas próprias preocupações...

No outro dia, porém, fiz a seguinte pergunta a Juan:

– Maestro, aquela jovem tem um problema, não tem?

E não lhe disse mais nada. Depois de ter refletido por alguns instantes, pesando bem as suas palavras, como de costume, ele respondeu:

– *Si, si, vamos a sacar el diablito* (“Sim, sim, vamos tirar o diabinho”).

Em suma, os assuntos comuns na rotina do *curandero*! Embora fosse o início de um longo trabalho, isso não parecia de modo algum inquietá-lo. Tendo vindo a Mayantuyacu por duas semanas, a jovem em questão acabou ficando três meses.

Juan me explicou que esses diablitos ora são gerados e alimentados pela própria pessoa, ora são hereditários. O método para fazê-los sair é, evidentemente, a purga, com tabaco ou *waneawi*, mas alguns são mais resistentes que outros e acabam saindo durante as cerimônias de *ayahuasca*. Isso pode dar lugar a cenas extremamente espetaculares e impressionantes, com os pacientes vomitando e gritando enquanto essa parte deles é arrancada com uma grande quantidade de fumaça de mapacho e de perfume. Às vezes, dois ou três *curanderos* não são demais para tratar de casos difíceis e Juan tem sempre um plano de ação debaixo da manga para por em prática em caso de necessidade, com pessoal do lado de fora da maloca para tomar conta dos pacientes que precisam apanhar um pouco de ar fresco ou que seja preciso colocar no



chuveiro.

Todas as vezes, fico impressionado com o resultado no dia a seguir, a pessoa fica metamorfoseada, muitas vezes o seu rosto fica alterado e, embora possa ainda estar em estado de choque e não exiba mais do que um tímido sorriso, é uma nova vida que começa.

Acontece de alguns pacientes estarem enfraquecidos demais para suportarem esse tipo de tratamento. Em vez da purga com tabaco, a alternativa é então lhes administrar ampiri. Essa mítica representa “o tabaco em sua forma mais nobre”, como gosta de dizer um amigo conhecedor. Embora seja conhecido e amplamente evocado na literatura antropológica, é algo que não se consegue encontrar. Na Amazônia, nunca me propuseram e nunca o vi nas barracas nos mercados especializados. Somente vi Juan cozinhá-lo uma única vez, e foi a meu pedido.

Partindo do princípio segundo o qual “se quer algo bem feito, faça você mesmo”, eu me pus a fazê-lo com *Nicotiana rustica*, após ter finalmente obtido a receita de Juan. Submetei a minha primeira safra para a sua aprovação e o veredito foi:

– *Es bien preparado, tiene poder* (“Está bem preparado, tem poder”).

Um reconhecimento bastante raro, da boca de Juan.

Convém deixar claro que se trata de tabaco sob uma forma extremamente concentrada, obtida por decocção, filtragem e redução. Uma grande panela na qual se possam cozinhar entre sete a oito plantas inteiras, incluindo as raízes, no final não dará muito mais do que 0,05 litro de ampiri. Nós nos servimos dele em minúsculas gotas na ponta de um palito.

Pude rapidamente observar as espantosas virtudes desse preparo. Em primeiro lugar, pode-se tomar a qualquer hora do dia ou da noite, não tira o sono. Muito pelo contrário, produz efeitos indutores de sonhos extremamente interessantes. Depois, o ampiri relaxa, acalma as pessoas nervosas, dispersas e favorece a concentração. É, por assim dizer, uma Ritalina para adultos. E, por fim, administrado durante várias semanas, com uma dieta estrita e

eventualmente também com plantas suplementares, permite precisamente fazer uma limpeza física e espiritual em pacientes frágeis demais para tomar ayahuasca. Segundo os efeitos desejados, é igualmente possível colocar diretamente no ampuri diferentes aditivos como a ayahuma, o chiric sanango, a mucura ou o toé, dentre outros.

Mas, sobretudo, o ampuri protege interior e exteriormente. Resguarda a pessoa tanto de más influências vindas do exterior, como dos seus próprios demônios. Ao *curandero* que dele se nutre, assegura força e proteção, ao mesmo tempo que lhe mostra o caminho.

Sob todas as suas formas, o tabaco é verdadeiramente o sócio do patrão. Brunswick, que lhe chama “o guardião do curandero”, já o dietou inúmeras vezes, “estudando” seletivamente as diversas partes da planta, o caule, as folhas, as flores, e, para finalizar, a raiz, considerada geralmente como o cérebro do vegetal.

Foi assim que ele se tornou um *sheripiari*, termo ashaninka que designa “aquele que cura com o tabaco”. E foi durante a dieta da raiz que ele “viu” o espírito do tabaco: um homem entre os 40 e 50 anos, vestido com uma camisa branca, com sapatos, um terno completo e um chapéu marrom, a cor da folha de tabaco seca.





A CURA: DAR ESPAÇO AO CORPO

É próprio da magia objetivar o subjetivo.

JEAN-PIERRE AUGIER

Valérie chegou a Mayantuyacu em outubro de 2010 com onze tumores no seio direito. A psicóloga hospitalar tinha 46 anos e não queria ser operada. Ela tinha a certeza de que a medicina alopática não podia fazer nada por ela e que se fizesse uma quimioterapia, morreria. Conhecia a ayahuasca pois já havia tomado três vezes na Europa, antes de adoecer.

Dez dias após o diagnóstico, a sua decisão estava tomada: ia partir para o Peru. A sua primeira estada no espaço de Juan Flores durou três meses. Quando regresso à França, os médicos puderam constatar que restavam apenas dois tumores. Mas, infelizmente, um fiscal da alfândega confiscou suas garrafas de *tamamuri*⁹⁵ e de *chiric sanango* que Juan lhe havia preparado para continuar o tratamento.

Em novembro de 2011, Valérie decide então voltar a Mayantuyacu. Ao fim de sete semanas, no dia 24 de dezembro, ela mesma sente que os dois tumores haviam desaparecido. Juan e Brunswick declaram que ela está curada. Um momento de grande emoção e um magnífico presente de Natal. Em fevereiro, ela volta para a

⁹⁵ *Tamamuri: Brosimum acutifolium.*



França, onde os exames médicos confirmam que já não havia mais nada. “Eu estava em plena forma”, ela nos diz.

Mas, dois meses depois do seu retorno, manifestou-se uma outra forma de câncer no mesmo seio, um câncer inflamatório. “O médico não entendia por que ele estava voltando de outra maneira. Ele me disse: ‘Ou operamos imediatamente ou volte lá ao Peru, mas não demore!’”

Ela regressa a Mayantuyacu no fim de março de 2012: “Eu não me sentia nada bem, tinha muita febre. Brunswick, sem dizer uma palavra, me tomou pelos braços e me instalou na casa de vapor, numa pequena ilha no meio do rio quente e me disse: “Vai ficar tudo bem”.

No dia seguinte, Juan dá a ela *ajosquiro*, o famoso palo que não tolera qualquer compromisso e cuja dieta é excessivamente perigosa. “E então comecei a me mexer”, conta Valérie, “e voltei a me erguer”. Brunswick ainda estava presente:

– Não se preocupe, deixe ele trabalhar – disse.

No décimo primeiro dia de febre, quando já não aguentava mais e estava pensando em ir embora, Juan veio lhe dizer:

– Mas, Valérie, é a febre que está curando você. Se está aqui, é preciso que confie.

“Em Mayantuyacu não nos paporicam, temos de tomar conta de nós mesmos”, assinala Valérie. “O fato de não ter sido carregada me ajudou muito. Muitas vezes os doentes são muito protegidos, infantilizados, tirado-se deles qualquer iniciativa. Juan Flores conduz você ao melhor de si mesmo, mas você antes tem de passar pelo pior. Ele te empurra até às últimas, até às resistências se quebrarem. A um dado momento, eu disse a ele que aceitava morrer. Ele ficou furioso e me respondeu: ‘Nunca ninguém saiu daqui morto’”. Depois me envolveu em seus braços”

Depois de um mês de *ajosquiro*, segue-se um mês de *ayahuma*, a árvore com os espetaculares cachos de flores vermelhas, delicadamente perfumadas. “Durante uma cerimônia, senti o perfume da flor de *ayahuma* e depois um homem de branco sem cabeça”, conta Valérie. “Entrou em mim na altura do plexo e então me transfor-

mei em uma flor de ayahuma. Foi maravilhoso! Eu dançava sentada, tal como a flor na ponta do seu ramo. Estava sempre presente o perfume e também as melodias, que não eram as mesmas que as dos ícaros. Eu tinha a impressão de ser pura, chorei demais.”

“Então, soube que se aproximava o fim, que estava chegando ao final das minhas mágoas”.

Outras visões pontuaram o percurso da cura de Valérie, sendo que uma, no início do tratamento, aconteceu “em câmara lenta”: ela viu uma “pequena serpente fêmea”, fininha, branca e cinzenta, que veio ondulando até ela, tendo em seu corpo a dupla hélice do DNA como motivo. Dirigiu-se até o seio que estava doente. “Da sua cabeça saía um filamento de DNA que se ligava ao meu próprio DNA, com o objetivo de curar as células cancerígenas. Isso durou bastante tempo, eu estava calma e não tive medo”, recorda Valérie.⁹⁶

Em outra ocasião, também no início do tratamento, ela viu um beija-flor que vinha cortar, com o seu bico, os vasos sanguíneos que alimentavam os tumores...

Cada dia, ao amanhecer, mesmo antes que a selva acordasse, Valérie ia com Brunswick até junto de uma árvore chamada *sucuba*⁹⁷, onde recolhia um pouco de resina branca para cobrir o seio, de forma a secar os tumores. Ela bebeu igualmente litros e litros de *tamamuri* para limpar o sangue e extratos de raiz de *huasai*⁹⁸ para fazer a mesma coisa com o fígado e os rins.

Tomou também *chiric sanango* para reabsorver as metástases ósseas que lhe faziam sofrer muito. No entanto, é preciso saber que essa planta muito poderosa, quando tomada em conjunto com a *ayahuasca*, provoca aquilo que os indígenas chamam de uma *doble mareación*, ou seja, uma dupla embriaguez. “Para cada boa ceri-

⁹⁶ A esse respeito, é interessante realçar que Valérie não tinha lido o livro “A Serpente Cósmica” de Jeremy Narby (op. cit.), nem ouvido falar da hipótese nele formulada, que evoca uma possível ligação entre as serpentes de diversas mitologias e o DNA.

⁹⁷ *Sucuba*, também chamada de *Bellaco caspi*: *Himatanthus sucuuba*.

⁹⁸ *Huasai*: *Euterpe oleracea*.



mônia, havia outras quinze bem difíceis”, lembra Valérie.

“A minha perseverança compensou”, ela nos conta, atualmente em remissão. Assim como a confiança, que nos diz ter tido desde o início. A abertura do espírito e a entrega fizeram o resto.

Entre os elementos decisivos para o sucesso de uma cura assim, Valérie menciona em primeiro lugar a necessidade de deixar o seu meio familiar e profissional. Ela se deparou com duas questões fundamentais: Você tem vontade de viver? O que você está disposta a deixar para ficar melhor? “A ayahuasca me colocou perante tudo aquilo que impedia a minha cura”, afirma, fazendo uma retrospectiva.

O segundo elemento: a restrição alimentar, que faz “redescobrir o prazer dos sentidos”. “Eu saía da minha dor, do meu medo. Em Mayantuyacu, reencontrava os aromas, os sons e as coisas belas da natureza que davam nova vida ao meu corpo”.

“O corpo tinha espaço, é preciso criar o vazio para permitir que as células se restaurem”. A dieta, o isolamento, a mão de ferro do Maestro e Brunswick como anjo da guarda foram os ingredientes dessa “história do arco da velha”, como expressa a própria Valérie. Ela estima que a experiência modificou a estrutura do seu corpo. Ela passou de 65kg para 45kg antes de repor progressivamente o seu peso. Quando Brunswick perguntou a ela qual foi o elemento determinante da cura, Valérie respondeu: “O conjunto das coisas”.

“Apreendi muito, foi uma escola de vida”.

*

E, de fato, aqueles que, como eu, tiveram o privilégio de estar ao seu lado e acompanhá-la nessa caminhada ficaram impressionados e com uma profunda admiração. Na época mais forte da sua cura, Valérie recebia, como já mencionei antes, um coquetel de plantas cujos efeitos psicoativos acumulados eram tais que ela “partia” praticamente 24 horas por dia. Várias vezes nos revezávamos ao seu lado durante o dia, para lhe dar a mão enquanto ela estava em sua cama de rede, na zona da morte, chamando as estrelas como amigas íntimas.



A medicina convencional chamaria isso de “efeitos colaterais”, mas a cura xamânica passa por isso. É um todo do qual não se pode escapar. “Primeiro é o espírito que adoce e depois o corpo”, diz Juan Flores. Trata-se então de, em primeiro lugar, curar o espírito.

Em Mayantuyacu, muitas pessoas ficam admiradas pela aparente leveza com que são acolhidos pacientes que sofrem de doenças gravíssimas. Enquanto esperam ser tratados de imediato, eles têm de se contentar com a infusão de *hierba luisa*⁹⁹ ou de *paico*¹⁰⁰ que lhes é servida, sendo-lhes dito para descansarem ou irem até o rio tomar um banho de vapor. Muitas vezes, é só no segundo ou terceiro dia que o Maestro aparece no café da manhã para uma conversa mais aprofundada.

Desestressar, entregar-se, dar espaço ao corpo e ao espírito e retomar o contato com a natureza constituem o primeiro passo no caminho da cura. E isso leva o seu tempo.

O seguimento é uma consequência. Lembro-me da primeira experiência de morte iminente de Valérie, em uma noite de cerimônia, quando ela estava em seu colchão – aterrorizada, depois de ter vomitado muito –, nos braços de uma outra participante que tinha vindo cuidar dela. Mais para o final da sessão, saí e fui ao encontro de Juan, que estava fumando um mapacho ao luar nas escadas em frente à maloca. Eu lhe disse que a noite havia sido muito dura para Valérie e ele me respondeu com um grande sorriso:

– Sim, Valérie deve aprender a voar, como os papagaios!

E Valérie, pouco a pouco, foi aprendendo a voar. Com suas próprias asas.

*

⁹⁹ *Hierba luisa*: *Lippia citriodora*.

¹⁰⁰ *Paico*: *Chenopodium ambrosioides*.



Quando o ego fica assim aniquilado pela provação da doença e, além disso, a ayahuasca lhe acrescenta mais uma camada, só resta nos entregarmos à providência. Mas não só. O leitor que tem nos acompanhado até aqui já deve ter entendido que o xamanismo amazônico é constituído por um conjunto de técnicas, com uma componente de subjetividade, é certo, mas ainda assim com técnicas, muito sofisticadas e que deram provas do seu valor.

A confiança é um elemento fundamental na equação, tanto para o paciente que decide empreender essa via, como para o curandeiro. Ao longo dos anos, com a experiência, esse último aprende a confiar na medicina, a seguir as suas orientações e a sua inspiração. E é necessário confiar na medicina para administrar certas plantas a pessoas que estejam gravemente doentes e enfraquecidas.

Um dos problemas com os quais os *curanderos* amazônicos se veem confrontados é que há pacientes que sofrem de doenças muito graves que só chegam a procurá-los depois da medicina tradicional já ter queimado os seus últimos cartuchos. E então, muitas vezes, é tarde demais. Quando perguntamos a Juan quais são as doenças que ele consegue tratar com êxito, ele responde: “A maior parte delas”. O câncer é o mais difícil e quando se encontra em estado terminal “não se pode fazer mais nada”.

De modo geral, “isso depende do tempo que a pessoa dispõe e da sua vontade”, salienta. Pois enquanto os peruanos podem ficar o tempo que for preciso, são muito poucos os gringos que têm a possibilidade e a coragem de passar meses e meses no local, com um conforto relativo. A maior parte vem passar entre dez a quinze dias ou um mês, no máximo.

Ora, as plantas trabalham ao seu próprio ritmo, ou seja, lentamente. Juan Flores se adaptou a essa procura recente e prepara concentrados sob a forma de pastas que as pessoas podem levar para casa e depois diluir em água para continuar o tratamento. Por exemplo, a triterapia vegetal *tamamuri* / *chuchuwasi* / *came renaco*¹⁰¹, utilizada contra várias formas de câncer, a esclerose múltipla e o Parkinson.

¹⁰¹ *Chuchuwasi*: *Maytenus krukovii*. *Came renaco*: Figueira-estranguladora, espécie indeterminada, provavelmente do género *Ficus*, *Clusia*, ou *Coussapoa*.

Depois do paciente ir embora, Juan continua o tratamento espiritual à distância. Em cerimônias, ele chama o espírito da pessoa, das plantas que são administradas e faz uma *soplada*. Dessa maneira, “a força dos ícaros chega até a casa delas”, ele nos diz.

É depois aconselhado fazer uma segunda estada algumas semanas ou meses mais tarde, de forma a completar a terapia com as plantas para a convalescença, como a *ayahuma* ou o *ajosqui*, que dão força e fazem uma limpeza geral.

É certo que em Mayantuyacu existe um livro de ouro, mas nunca foi feita qualquer estatística. Portanto, é impossível afirmar o que quer que seja sobre uma qualquer taxa de sucesso. A cura de Valérie, feita unicamente através das plantas, é o caso mais espetacular que já pude assistir. Foram publicados outros testemunhos, como o da jovem chilena curada de um tumor no cérebro¹⁰².

Para algumas doenças, Juan se limita a indicar que podemos deter a sua evolução. É o caso, por exemplo, dos diabetes, do Parkinson, da esclerose múltipla em estado avançado ou ainda da AIDS, sobre a qual afirma poder conter o vírus.

Há somente uma que ele diz que as plantas não podem fazer nada: a esquizofrenia. Pelo contrário, “agravam-se as coisas”. Em contrapartida, a depressão, assim como os distúrbios bipolares, que são uma forma de depressão, curam-se bastante bem com a *ayahuasca* que, ao atuar nos receptores de serotonina, é ela em si um antidepressivo. Com uma única condição: parar com qualquer tratamento com medicamentos três semanas antes. A ação conjugada da *ayahuasca* e dos antidepressivos, que inibem a recaptação da serotonina, pode efetivamente induzir a uma síndrome serotoninérgica com consequências potencialmente mortais. Essa é uma das contra-indicações da *ayahuasca*, além das doenças do coração e do fígado.

Para os vícios, o tratamento é de três meses, com uma purga hebdomadária de *wancawi* e *tabaco*, cerimônias de *ayahuasca* e dietas de *chiric sanango* e *camalonga*, nomeadamente. O *chiric sa-*

¹⁰² Ler sobre esse tema: Robert Tindall, *The Jaguar that Roams the Mind*, Park Street Press, Rochester, 2008, pp. 187-199.



nango limpa e reforça o organismo, atua sobre os ossos, as articulações e todos os pontos dolorosos, enquanto a *camalonga* trabalha com o cérebro da pessoa. Evidentemente, é preciso da participação desses pacientes, ainda mais do que dos outros, de uma vontade de se libertarem. De forma ideal, ficam “internados” e lhes são atribuídas tarefas como desbravar o mato com o facão, por exemplo, de forma a não pensarem muito em sua dependência, nos diz Brunswick, ex-alcoólatra, que fala com conhecimento de causa.

Uma das coisas que os novatos têm dificuldade em compreender, quando pensam em adquirir instantaneamente uma saúde de ferro ao tomar essa medicina, cujos méritos são gabados na Internet, é que por vezes ela poderá revelar doenças latentes e adormecidas. Como a história do rapaz que começou a sofrer de um rim, quando em sua vida nunca havia tido problemas nos rins. Ele aguentou esse martírio durante duas semanas até o tratamento à base de raiz de *huasai*, prescrito por Juan, fazer efeito.

Ou como a adepta que, quando começou a beber *ayahuasca* regularmente, teve durante seis meses todos os problemas de saúde do mundo, incluindo infecções urinárias, pedras nos rins e conjuntivite, quando antes nunca ficava doente. Ou ainda a moça que, cada vez que tomava a medicina, via piorar o seu eczema.

A *ayahuasca* não é nem nunca será uma droga recreativa. Ela é uma medicina repleta de surpresas, que mete o dedo onde é preciso, ao nível físico e psíquico, e que indica ao xamã se é necessário um tratamento, assim como as plantas a utilizar.

Só depois de cinco anos de prática intensiva é que o ayahuasqueiro será capaz de começar a tratar os doentes. Deve primeiro se curar e se purificar, e depois aprender o seu ofício de guia e de cantor. São as plantas que curam e que, ao mesmo tempo, operam tomadas de consciência no paciente, enquanto ele deve ser capaz de cantar com eficiência, modulando os seus ícaros em função do estado e da evolução dos seus doentes. Ele deve também aprender a arte da *soplada* que, no final de cada cerimônia, volta a fechar aquilo que foi aberto, encerrado um capítulo no caminho da cura e assegurando a proteção da pessoa.

A esse respeito, conforme sublinha Brunswick, é fortemen-

te desaconselhado ir ter com outro *curandero* quando iniciamos um tratamento continuado. Há um risco considerável de arruinar todo o trabalho já realizado e de ser necessário recomeçar do zero. Com efeito, cada ayahuasqueiro tem as suas próprias técnicas, os seus próprios espíritos aliados, as suas plantas prediletas e uma tendência, bastante generalizada, de começar por fazer tábua rasa e desfazer aquilo que foi feito pelos outros. E eu sou o primeiro!

*

A maior parte das plantas medicinais amazônicas têm várias indicações, mas há algumas que se consideram “boas para todas as doenças”, diz Juan. É o caso do *shimiro*, já referido, e também da *mucura*¹⁰³, cuja raiz com sabor de alho é considerada uma verdadeira panaceia. As suas propriedades antibacterianas, antivirais, antifúngicas, anti-inflamatórias, vermícidas, imuno-estimulantes, analgésicas, diuréticas e abortivas são bem conhecidas na medicina tradicional em toda a América Central e do Sul. Ela contém também compostos ativos contra determinados tipos de câncer e uma ação hipoglicêmica. Além disso, são atribuídas a ela virtudes contra a depressão e a ansiedade, e para melhorar a memória. Em uso externo, nos bovinos e equídeos, por exemplo, é eficaz contra a sarna e os carrapatos. Por fim, protege também da bruxaria e do *virotes*.

É uma das plantas-fetichê de Brunswick e ele adora servi-la aos outros a qualquer hora do dia. Juan diz ainda sobre a *mucura*: “É uma planta pequena mas com muita sabedoria e conhecimento. Ela dá a você tudo aquilo que quiser”.

Ainda assim, é preciso ter atenção às doses altas, uma vez que, ao fim de alguns dias, ela provoca insônia radical, tal como pude me dar conta quando a dietei. Torna-se então alucinógena e, tomada em conjunto com a ayahuasca, gera uma *doble mareación*, em cerimônias que podem acabar durando mais de doze horas!

¹⁰³ Também conhecida como *anamú* no Brasil.

Da mesma linha, entre os *palos*, Brunswick cita o *ojé*¹⁰⁴, uma árvore medicinal ainda mais temível do que o *ajosquiro*, utilizada contra os parasitas intestinais, a AIDS e a anemia em crianças. “Ele limpa o sangue e dá força”, nos diz. Toma-se uma dose única da resina e depois se fica um mês de cama, debaixo do mosquiteiro, com uma dieta estrita, um balde para fazer as necessidades e a interdição de se levantar. Se a pessoa tem o azar de tentar se levantar, fica amarela, incha e morre. “Ela fala com você”, diz Brunswick.

– Se você me dietar direito, eu te curo; senão, você morre.

¹⁰⁴ *Ojé: Ficus insipida.*

A TRANSMISSÃO: OS "ARTISTAS DA METAMORFOSE"

*Só o mestre que verdadeiramente procura
aquele que irá ultrapassá-lo merece tal título.*

JEAN-BERNARD LÉVY

“Transmite-se em vida, ensina-se quando se está morto”. Foi o que me segredou telepaticamente a medicina em Mayantuyacu em uma noite de novembro de 2010. Eu havia acabado de chegar pelo quarto ano consecutivo e havia uma cerimônia naquela mesma noite.

Bem-vindo à Escola dos feiticeiros, sétimo trimestre! Pensei com muita intensidade: “Muito obrigado, é muito amável, mas por esta noite já chega, podemos passar para outro assunto?” E assim foi feito.

É verdade que o xamã amazônico transmite mais do que ensina. Ele é como um guia que vigia a segurança da expedição e assegura o segundo na escalada, mas cabe a ele encontrar os pontos de fixação se almeja escalar a montanha. O saber vem das plantas, são elas que ensinam. “Tudo está nelas”, diz Juan Flores.

É necessário lembrá-lo, trata-se de uma tradição puramente oral. Essa transmissão, efetuada de mestre a aprendiz há séculos, passa pelos cânticos. “A pessoa que toma a medicina deve estar muito atenta aos ícaros para receber a transmissão do saber”, explica Juan. Há ícaros da terra, que invocam, por exemplo, o Chulla-



chaqui, aqueles que chamam os espíritos das águas, as sereias e o Sumiruna, e os do céu, que passam muitas vezes por intermédio dos pássaros. A arara, o pequeno papagaio amazônico, o tucano e o beija-flor que se alimenta de frutos, de flores e de néctar, são portadores de mariri e estão ligados aos grandes espíritos celestes, segundo Juan.

É assim que o aprendiz, bem concentrado em seus cânticos, irá ver. E é também por essa razão que, até a soplada, só o Maestro e os seus aprendizes já aguerridos estão autorizados a cantar, de forma a evitar, na medida do possível, interferências, erros nos ícaros ou simplesmente que nada aconteça. Porque se a pessoa que cantar não tiver formação suficiente, os seus cânticos não serão verdadeiros ícaros conectados ao mundo espiritual e não haverá cura nem transmissão.

Já mencionei o ícaro da jibóia, que produz instantaneamente visões serpentiformes. Numa outra ocasião, quando Brunswick cantou o do *chiric sanango*, fiquei logo congelado. No entanto, não havia ainda tomado essa planta, cujo extrato da raiz provoca uma sensação de frio que nos gela até os ossos durante o meio-dia. É um bom exemplo de um ícaro perfeitamente religado e impecavelmente executado, transmitindo a essência da planta, mesmo que os participantes não a tenham tomado.

Essa transmissão imaterial, através da telepatia musical e da iluminação mística, poderíamos assim dizer, é completada pelo conhecimento das plantas, da sua dosagem e da sua boa preparação.

Mas além dos espíritos das plantas e dos animais, o ensinamento vem igualmente dos mestres passados do outro lado do espelho. Juan invoca “reuniões de maestros falecidos que cantam”. E existem técnicas para contactá-los de forma orientada. Nos anos 1980, na época Juan era um curandero e, juntamente com um médico austríaco e outros curandeiros, encontravam-se em um cemitério inca, perto de San Pedro de Casta, nos Andes peruanos. Durante um mês, tomaram ayahuasca todas as manhãs às 7h – pois à noite, a mais de 3.000 metros de altitude, faz muito frio, precisa Juan – com o intuito de estabelecerem contato com os antigos médicos incas.

Segundo Juan, desse modo é possível nos ligarmos a qualquer tradição e recuperar o saber espiritual perdido. Nesse caso, o resultado foi um ícaro no qual ele canta o império inca e Manco Cápac, o seu primeiro imperador, assim como a sua capacidade de efetuar, segundo as suas palavras, operações de "cirurgia espiritual". Porém, realça que se tratam de espíritos muito poderosos e que não devemos recorrer aos seus serviços por ninharias.

*

Um elemento fundamental desse ensinamento é a inteligência. Essa medicina, que atua sobre os neurotransmissores, faz trabalhar o cérebro a uma grande velocidade e muitos adeptos sustentam, empiricamente, que as plantas os tornaram mais inteligentes. Assim, uma jovem me dizia ter tido a experiência de uma outra forma de inteligência que não a sua, era mais "quadrada", ao deitar alguns *palos* como a ayahuma.

Brunwick é um bom exemplo disso. Aqui está um jovem que deixou a escola e a sua família com a idade de 14 anos para ir trabalhar como lenhador, depois entrou no exército e, hoje em dia, com mais de 30, é um curandeiro com uma delicadeza e uma inteligência notáveis, dotado de uma grande empatia, capaz de fazer evoluir os seus cânticos, a sua prática e de traçar a sua via em total independência.

Também Juan, *curandero* itinerante desde os 15 anos, me impressiona sempre pela sua forma de tratar, com muita diplomacia e poucas palavras, os gringos mais ou menos neuróticos e lunáticos, mais ou menos exigentes, de todos os horizontes sócio-culturais – por vezes até cientistas renomados – e de todas as proveniências: americanos, russos, espanhóis, australianos, israelitas, ingleses, franceses, italianos, dentre outros.

Como postulava o escritor e filósofo austríaco Elias Canetti¹⁰⁵, a capacidade de transformação e de metamorfose, principalmente nos outros, está na base de toda a comunicação no seio da espécie

¹⁰⁵ Elias Canetti (1905-1994), prêmio Nobel da Literatura em 1981.



humana. Em larga escala, evita pensar que os outros estão loucos. Essa faculdade, há quem a tenha e quem não a tenha, ou pouco.

Manifestamente, os xamãs da Amazônia a têm. Eles, sabem mergulhar com inteligência nos territórios humanos desconhecidos para tentar compreendê-los e daí tirar um sentido. Chegam a ir bem mais longe, pois conseguem se transformar em outras espécies. Eles são “artistas da metamorfose”, para pegar em uma expressão de Canetti.

*

Do alto dos seus 15 anos de experiência em Mayantuyacu, Juan observa que a transmissão aos gringos é mais rápida. Por um lado, porque já tiveram educação, por outro, porque são mais motivados do que os peruanos. Descobrir os iniciáveis está na base de qualquer tradição esotérica e a tarefa está longe de ser evidente. “Muita gente quer aprender, mas poucos metem as mãos na massa”, constata Juan. Do mesmo modo, “poucos curanderos sabem transmitir e ensinar”.

O bom Maestro sabe dar aos aprendizes a liberdade para darem provas da sua iniciativa. A esse respeito, é necessário sublinhar que não é o número de cerimônias que importa, mas bem mais a qualidade do mestre e do seu aprendiz, a qualidade da relação que desenvolvem e os laços estabelecidos em comum com o mundo espiritual. É verdadeiramente quando começa a transmitir os seus conhecimentos e os seus poderes que o vegetalista se torna um mestre.

Antes de crescer, as plantas criam raízes. Muitos principiantes desconfiam quando a medicina faz sair doenças latentes e cria um caos e uma confusão que podem durar meses. É aí que intervém o acompanhamento e o seguimento do Maestro, ao longo de um trabalho paciente e sem apressar muito as coisas. Ter uma ancoragem sólida com a realidade através de uma família, dos amigos ou de um lugar é importante, e não é se desenraizando, se lançando às cegas no astral e entrando numa longa fila de cerimônias, como



muitos gringos têm a tendência de fazer, que se chega lá¹⁰⁶. Chegou a acontecer de me perguntarem se eu já havia participado de 50 cerimônias, como se esse número pudesse significar alguma coisa...

Por outro lado, a transmissão é sempre acompanhada de uma proteção. É ao efetuar dietas estritas, à moda antiga, com o fechamento apropriado e respeitando a pré-dieta e a pós-dieta, que o aprendiz irá se fortalecer e ficar fora do alcance dos maus feiticeiros. Brunswick, que quanto a esse ponto sofreu bastante, é nessa questão de uma vigilância e de um rigor excepcionais.

Só em 2014, ou seja, sete anos após a minha primeira visita a Guillermo Arevalo, foi que compreendi o que ele queria dizer com o seu "às vezes é necessário"¹⁰⁷. De fato, às vezes a medicina pede, de certa forma, a autorização para entrar na pessoa e fazer efeito nela. Nesse caso, se impõe uma *soplada* com tabaco e geralmente o trabalho começa. Isso pode se dever a uma falta de concentração, de excesso do mental, de expectativas desmedidas ou ainda de necessidade de purificação. Mas pode também ser uma questão de abrir a visão, de fazer o adepto passar para um grau suplementar. Isso também faz parte das técnicas de transmissão.

A *soplada*, que é recebida do nosso mestre por centenas de vezes ao longo do aprendizado, desempenha um papel extremamente importante ao nível de proteção e, sobretudo, ao nível da passagem das influências espirituais. Ela pode ser mais ou menos elaborada, precedida de um cântico pessoal, por exemplo: muitas vezes, quando um aprendiz dieta uma planta específica, o seu mestre, que já a conhece, canta para ele o ícaro dessa planta, chama o seu espírito e é sob o amparo e na presença do espírito da planta que se efetua a *soplada*. Depois, as eventuais afinidades entre o aprendiz e a planta em questão fazem o restante, conduzindo a uma relação forte e duradoura, ou não.

Assinalemos ainda que o Maestro ashaninka e os seus apren-

¹⁰⁶ Como salienta Jimmy Weiskopf: "A ayahuasca não é um atalho milagroso para a realização pessoal", *op. cit.*, p. 415.

¹⁰⁷ Ver o prólogo, p. 31.



dizes só recebem *sopladas* de *curanderos* da sua própria linhagem. Sobretudo, nem pensar de um Shipibo, por exemplo... E se formos convidados a uma “reunião”, tomamos a nossa própria medicina, aconselha Juan Flores.



INTERDIÇÕES E RESTRIÇÕES

Se o exercício do poder mágico impõe a castidade, é porque o instinto genético desempenha um papel capital no jogo das influências ocultas.

OSWALD WIRTH

Tradicionalmente, em diversas etnias amazônicas, as mulheres em período menstrual ficam impedidas de participar das cerimônias¹⁰⁸. Para Juan Flores, adepto de um xamanismo voltado para o futuro, isso já não tem razão de ser.

“São coisas do passado, estamos em outra época. Não é o sangue que importa, é a consciência das pessoas”, ele nos diz. “O que é importante é que as pessoas tomem as suas plantas”. Desse modo, as mulheres grávidas podem também beber ayahuasca, em doses moderadas, nota Juan, e durante os três primeiros meses. Depois, rigorosamente nada.

Da mesma forma, no que diz respeito à abstinência sexual antes, durante e depois da cerimônia, Juan é comparativamente mais tolerante. “Nada de sexo no próprio dia, no dia seguinte pode, com sua companheira legítima”. Outros curandeiros são mais restritivos, impondo uma abstinência sexual total durante dez dias antes e dez dias depois, por exemplo.

¹⁰⁸ Muitas vezes, as mulheres eram também excluídas da preparação da ayahuasca. Ler sobre esse tema: Jean-Pierre Chaumeil, *op. cit.*, p. 110.



“A ayahuasca é familiar, ela não é muito delicada”, acrescenta Juan. “Não devemos manter as pessoas em crenças que lhes dão medo. O sexo contribui para a harmonia familiar, o que favorece um bom trabalho do Maestro que prepara as plantas.”

Não obstante, qualquer prática espiritual requer uma preparação, uma disciplina e a ayahuasca não é exceção. Em Mayantuyacu, a alimentação é vegetariana, com muito pouco ou nenhum sal, nada de açúcar artificial e, excepcionalmente, um pouco de frango “orgânico” ou alguns peixes “de dieta”.

Em princípio, cinco dias antes e cinco dias depois de uma cerimônia, a carne vermelha, os laticínios, o açúcar artificial, o sal em grandes quantidades, as frituras e o álcool devem ser evitados. Para Juan Flores, o problema número um é o álcool: “No Peru, a maior parte dos curandeiros é alcoólatra”, segundo ele. Ora, “o álcool afasta os espíritos; você põe algo muito forte em seu corpo e os espíritos vão embora”.

Quanto aos medicamentos, os antibióticos, por exemplo, são suspensos três dias antes, de preferência, ou até três semanas, no caso de antidepressivos que atuam ao nível da serotonina que, como já foi mencionado, podem entrar em sinergia com a ayahuasca. A esse respeito, podemos salientar que a descrição clínica da síndrome serotoninérgica, quer seja náusea, diarreia, aceleração do ritmo cardíaco, elevação da pressão arterial, distúrbios do comportamento, agitação, hipertermia e alucinações, em particular, corresponde em todos os pontos ao estado de uma pessoa sob forte efeito da medicina.

A título pessoal, teria portanto a tendência de pensar que uma sessão de ayahuasca com doses elevadas não passaria de uma síndrome serotoninérgica, pelo menos em parte. Dito isso, mais vale sermos cautelosos e aguardar por pesquisas mais desenvolvidas sobre essas questões, desde que um dia lhes sejam consagrados fundos.

Aqui, a responsabilidade do Maestro fica comprometida. Como vê chegar a Mayantuyacu todo o tipo de pacientes, sofrendo das mais diversas patologias, Juan aprendeu a dosar com moderação e sutileza, focando-se sobretudo no mariri em vez dos prin-

cípios ativos, poderíamos dizer. Arriscando-se, assim, a frustrar certas pessoas.

As drogas sintéticas devem ser suspensas. A cocaína, em relação à qual o Peru rivaliza com a Colômbia o título de primeiro produtor mundial?

– *Se vomita* – diz Juan.

O cigarro? “Veneno”, é proibido em cerimônia. Só está autorizado o mapacho.

O café? Um pode ser, mas como é um estimulante cardíaco, é preferível evitá-lo no próprio dia.

A cannabis?

– Não conheço essa planta – responde Juan, diplomaticamente.

Como não é nativa, nem legal, não tem direito de cidadania em Mayantuyacu.

Retomando o tema ao café da manhã, Juan, que apesar de tudo viu desfilar em seu centro uma série de consumidores de marijuana, acaba por afirmar que essa planta “é medicinal”. Preparada em ampuri, teria propriedades anticancerígenas, segundo um curandeiro brasileiro amigo seu.

E anuncia a dosagem: “Uma gotinha debaixo da língua todas as manhãs”.

Virtudes essas, diga-se de passagem, demonstradas por recentes estudos *in vitro* e em animais: o THC e outros canabinóides, em doses elevadas, podem travar o crescimento e provocar a morte de células cancerígenas, particularmente em tumores no cérebro¹⁰⁹.

Enquanto a ayahuasca é fundamentalmente benevolente e curadora para o ser humano, a cannabis, em contrapartida, é um espírito bastante pesado que pode ocupar o seu espaço na pessoa. Na prática, o que observamos é que um número significativo de grandes consumidores de cânhamo tem dificuldade em acessar às profundezas da experiência com ayahuasca, especialmente a nível

¹⁰⁹ M. Salazar et al., (2009): “Cannabinoid action induces autophagy-mediated cell death through stimulation of ER stress in human glioma cells”, *Journal of Clinical Investigation*, 119: 1359-1372.

visual. Existem exceções, mas muitas vezes se constata um bloqueio que poderá ser tratado, desde que a pessoa assim o queira, com purgas de tabaco e wancawi, dietas de chiric sanango e mucura, por exemplo, assim como é feito para outros vícios.

Quanto às modestas restrições básicas à maneira de Juan Flores, é isso. Em contrapartida, se nos atirmos para dietas específicas, dos palos, por exemplo, impõe-se uma disciplina de ferro. É uma questão de vida ou de morte.

Em diversas áreas – e no aprendizado xamânico em particular, que é uma coisa tão subjetiva –, a indisciplina é uma virtude, pois anda geralmente de mãos dadas com a motivação. Por em causa o que diz o Maestro é uma atitude sã e muitos aprendizes testaram todo o tipo de hipóteses ligadas às interdições. É assim que se avança e que, por vezes, o aluno ultrapassa o mestre. Mas há limites, pessoalmente, que eu não me atreveria a brincar com o *ajosquiro*.

O xamanismo amazônico é uma senda repleta de armadilhas potencialmente mortais. Uma das primeiras coisas que a medicina nos ensina é a desconfiar de todo mundo, sem exceção. O que não impede de escutar “os que sabem” e lhes dar ouvido, sobretudo quando as suas declarações parecem contraditórias.

ENTRE XAMÃS

Os nosso medos mais profundos são os dragões que guardam os tesouros mais preciosos escondidos em nós mesmos.

Uma adepta, citando livremente RAINER MARIA RILKE

Em uma das telas intitulada *El Solitario*, Pablo Amaringo pintou um vegetalista sozinho tomando ayahuasca na floresta amazônica. Tranquilamente instalado em seu tambito de isolamento à beira de uma lagoa, enquanto fuma o cachimbo, ele se encontra rodeado pelos seus espíritos protetores, a serpente Yacumama, uma enguia elétrica, uma sereia, uma mulher inca, fadas, um tucano... Em segundo plano, distingue-se ainda uma nave espacial e gigantes oriundos de Antares¹¹⁰, segundo a descrição sempre muito precisa de Pablo Amaringo.

Tomar ayahuasca sozinho é fortemente desaconselhado. Nunca sabemos aquilo com o qual arriscamos a ser confrontados. “Não antes de cinco anos de prática”, diz Juan Flores. É o tempo necessário para que *El Solitario* já não esteja sozinho, mas acompanhado e protegido por seus espíritos aliados¹¹¹. A partir

¹¹⁰ Amaringo, Luna, *op. cit.*, pp. 64-65.

¹¹¹ Todavia, devemos realçar que há casos registrados de xamãs que se afirmam totalmente autodidatas. O antropólogo francês Jean-Pierre Chaumeil menciona, por exemplo, o aprendizado solitário de um xamã e líder tribal yagua que aprendeu de forma autônoma bebendo “suco de tabaco e essência

de então, alguém pode começar a se aventurar nessa prática de formação contínua.

De fato, durante as cerimônias, o xamã fica muito absorto por aquilo que acontece e pelas necessidades dos participantes. Ele deve se abstrair das suas próprias. Em contrapartida, durante uma sessão solitária, ele poderá contactar novos espíritos e mergulhar em suas visões, sem ter forçosamente a necessidade de cantar. Deixar trabalhar a medicina, com suavidade, se concentrar em sua ação, escutar o silêncio, os sons da floresta, deixar vir novos ícaros, esses são momentos privilegiados.

É nessas ocasiões que às vezes é possível ouvir coisas surpreendentes, como cânticos no sibilar do rio, ao amanhecer. “São as sereias”, diz Juan, “elas embarcam cedo pela manhã no barco Aceropunta e descem o rio cantando até chegar ao Ucayali. São elas que fazem a ligação entre a água e o cosmos, Deus.”

Tomar ayahuasca sozinho é também um excelente treino para se vencer os seus próprios medos ou, pelo menos, para tentar não ter medo de ter medo. O medo é um péssimo conselheiro, tanto em cerimônia quanto na vida diária. Tal veneno se insinua nas visões, que se tornam então mais sofridas do que dominadas, escancarando as portas da auto-sugestão. Aprender a trabalhar sozinho, sem rede, é muito importante. É útil ter à mão todo o seu material, especialmente o tabaco e o perfume, assim como algo para beber em quantidade suficiente.

De qualquer maneira, a via xamânica é uma via solitária, um chamado, uma vocação que não se deixa atrapalhar por compromissos. Todavia, segundo Juan: “É bom que o curandero seja acompanhado por uma mulher que goste de plantas, para fazerem o caminho juntos. A mulher traz a sensibilidade feminina ao casal de curanderos.”

Por certo... embora o xamanismo amazônico não deixe de ser um mundo de homens.¹¹² As verdadeiras *curanderas* são ra-

de toé” e que alcançou dessa maneira “o topo da hierarquia xamânica”: *op. cit.*, pp. 60 e 63.

¹¹² Ler sobre esse tema: Jean-Pierre Chaumeil, *op. cit.*, p. 55.

ras, sobretudo porque até uma idade avançada, entre a cozinha e os filhos, elas têm outras ocupações. Maria, a mãe de Guillermo Arevalo, ela própria uma xamã, contava com perto de 90 anos e só há cerca de dez é que os homens a deixaram em paz e ela pode se consagrar um pouco mais à sua prática...

Além disso, a companheira do *curandero* é um alvo privilegiado dos *brujos*. Quando ele está suficientemente fortalecido para ficar imune às pequenas flechas mágicas, é a ela que tocam. Fui pessoalmente confrontado com essa questão e Brunswick também: “Gente invidiosa” (“Gente invejosa”), disse-me ele.

É preciso saber que se trata de uma tradição muito comum no xamanismo amazônico exibir os seus poderes, testar a resistência dos seus pares e até procurar enfraquecê-los, o que inclui atacar o seu entorno. Não se deixar arrastar para o mesmo terreno exige muita abnegação¹¹³.

Quando foi confrontado por *brujos* que lhe desejavam mal e tinham se juntado contra ele, Pablo Amaringo tomou uma decisão radical: ao longo dos últimos 30 anos da sua vida, parou completamente de tomar ayahuasca. Foi ele mesmo quem disse que, se tivesse continuado, não teria tido outra escolha senão matar os seus inimigos ou ser morto por eles¹¹⁴. Optou por essa terceira via, renunciando à sua prática de curandeiro para se focar em sua arte e na escola de pintura que fundou.

Esse confronto com o lado sombrio, comum a partir de um certo nível, é um tema tabu sobre o qual unicamente se fala entre xamãs, sobretudo no que diz respeito a aspectos práticos. Juan Flores, por exemplo, não gosta de se expressar abertamente sobre esse tema, partindo do princípio, que não é totalmente infundado, de que quanto mais se fala sobre isso, mais importância se dá a ele. Só com os seus aprendizes que recebem a *kushma* é que ele se mostra mais eloquente.

¹¹³ Há técnicas para lutar contra os colegas maldosos e até mesmo “neutralizar” os *brujos*. Ler sobre esse tema: Jonathon Miller Weisberger, *op. cit.*, pp. 50-51.

¹¹⁴ Citado por Dennis McKenna em Pablo Amaringo, Howard G. Charing, Peter Cloudsley, *op. cit.*, p. 7. Fundador da escola de pintura Usko-Ayar em Pucallpa, Pablo Amaringo faleceu em 2009.

Como já foi mencionado, receber virotes é extremamente desagradável, até mesmo aterrador e pode gerar um clima de paranóia. Pessoalmente, conheço alguém que ponderou tomar a mesma decisão que Pablo Amaringo no seguimento de ataques semelhantes.

Além disso, muito concretamente, isso requer cuidados. Portanto, os *curanderos* organizam às vezes cerimônias terapêuticas, em dupla ou em pequenos grupos íntimos, para fazerem a sua própria limpeza, a garantia de um bom trabalho em cerimônia com os seus pacientes.

Voltar a mergulhar na luz e na sabedoria das plantas, vivificar o corpo e o espírito, desenvolver a relação mestre-discípulo, adquirir sempre mais força, tal é o objetivo dessas cerimônias, muito diferentes das outras.

USOS TRADICIONAIS E USOS ATUAIS: "EL GRINGO"

O segredo não tem outra aspiração senão afastar o profano comum, ao qual o Vinho da Verdade seria suscetível de embriagar e incitar, talvez, a atos atormentadores.

Ditado iniciático

"Você pode ir às comunidades mais remotas nas profundezas da floresta e eles terão álcool, mas não medicina. Uma parte do saber dos anciãos se perdeu por causa do álcool", diz Juan.

De certa maneira, estamos assistindo à ressurreição mundial de uma tradição em vias de desaparecimento. Até aos anos 1980, a ayahuasca era apenas conhecida por alguns raros antropólogos, exploradores e botânicos, como o professor da Universidade de Harvard, Richard Evans Schultes, ou por poetas da Beat Generation, como William Burroughs e Allan Ginsberg. Mas nem os trabalhos do primeiro, a partir dos anos 1940, nem o livro dos segundos, *The Yagé Letters*, lançado em 1963¹¹⁵, tinham suscitado essa corrida à Amazônia.

Contudo, desde meados dos anos 1990, com a publicação de várias obras para o grande público, assistimos a um verdadeiro turismo da ayahuasca na América Latina, em geral, e no Peru em

¹¹⁵ William S. Burroughs, Allen Ginsberg, *The Yagé Letters*, City Light Books, San Francisco, 1963.

particular. Tal não é segredo para ninguém e isso tem consequências que oscilam entre a sombra e a luz, e uma importante zona cinzenta.

É assim que vemos desembarcar na Amazônia grupos de turistas xamânicos russos, por exemplo, que ficam três dias com um xamã shipibo, dois dias com um ashaninka, mais três nos Andes para tomar o cacto San Pedro e ainda dão um salto ao México para provar o peyote.

Pudemos assim ver pessoas pedindo uma dose tripla de ayahuasca em canecas de cerveja à frente dos seus companheiros. Ou ainda um jovem ligar o seu celular para tocar música eletrônica em plena cerimônia. São cenas que não podem deixar de nos chocar, não se tratam apenas de turistas *New Age* em busca do absoluto, é uma outra categoria. Desde há pouco tempo, chegam a serem vistos jovens empresários apressados, cuja estada fora reservada pelas suas secretárias.

É o preço a ser pago por essa renovação e o *business* que vem atrás. Mesmo que demos de cara com energúmenos com os quais preferiríamos não cruzar, na Amazônia acontecem também encontros maravilhosos, com buscadores sinceros de todos os horizontes, cientistas, médicos, psicólogos, fisioterapeutas, instrutores de yoga, escritores, jornalistas, estudantes, aposentados destemidos e outros mochileiros de todas as idades.

Entre os aspectos positivos, além dos efeitos locais desse novo mercado, observa-se também um renovado interesse por parte dos peruanos por suas próprias tradições, com jovens *curanderos* seguindo os passos dos mais velhos. No Peru, a ayahuasca está inscrita no patrimônio cultural da nação desde 2008¹¹⁶.

Nos dois livros que traçam a vida épica de Manuel Córdova-Rios (1887-1978), um dos curandeiros mais conhecidos da região no século XX, ele pragueja contra os ayahuasqueiros atuais que

¹¹⁶ No entanto, devemos realçar que esse documento menciona que aquilo que é procurado é “a proteção do uso tradicional e do caráter sagrado do ritual da ayahuasca, diferenciando-o dos usos ocidentais descontextualizados, consumistas e com fins comerciais”.



cozinham a sua medicina em panelas de metal, em vez de potes de barro¹¹⁷. Segundo ele, a poção não teria a mesma força. Hoje em dia, panelas de metal e garrafas de plástico, com melhor ou pior aspecto, são a regra¹¹⁸.

Os tabus, como aquele que diz que não devemos cruzar com ninguém no caminho desde onde o cipó é recolhido até ao lugar onde ele será cozinhado, são igualmente *cosas del pasado*, como o diz Juan Flores. Não obstante, as descrições de Manuel Córdova-Rios faz das cerimônias nas profundezas da floresta com os índios Huni Kuin, que o haviam levado e adotado, nas quais, por exemplo, o xamã é capaz de produzir a mesma visão em todos os participantes, deixam-nos pensando.

"Há 30 ou 40 anos ainda se encontrava *bancomurayas* e *sumimurayas*, mas hoje é muito difícil encontrá-los", comenta Juan. Tanto para ele como para Brunswick, o fundamental é tratar a medicina e as plantas com respeito. Ambos concordam em dizer que os cipós que crescem nos lugares mais isolados da floresta são mais fortes do que aqueles que vêm de lugares mais movimentados. É bom recordá-lo, numa época em que qualquer pessoa pode encomendar pela Internet o seu "Kit Ayahausca", que vem em saquinhos com cipós e folhas secas, para cozinhar em casa¹¹⁹. Sabendo como é importante ter um material vegetal de qualidade, alimentado pelo fogo de um xamã capaz de por nele o seu mariri, nem é preciso dizer como uma bebida assim, na maior parte das vezes, se revelará como um encefalograma plano.

¹¹⁷ Frank Bruce Lamb, *Wizard of the Upper Amazon*, New York, Atheneum, 1971 e *Rio Tigre and Beyond*, Berkeley, North Atlantic, 1985. Os fascinantes relatos de Manuel Córdova-Rios são controversos. Alguns antropólogos puseram uma parte em causa quanto à sua autenticidade nomeadamente os anos vividos com os índios Huni Kuin / Cashinahua. Contudo, as suas competências enquanto curandeiros e vegetalista são reconhecidas.

¹¹⁸ Sobre a importância atribuída ao recipiente, ler também: Jean-Pierre Chaumeil, *op.cit.*, p.73.

¹¹⁹ Jonathon Miller Weisberger fala a esse respeito de "cipós órfãos", *op. cit.*, p.150.

Por outro lado, começa a se colocar a questão da disponibilidade e da durabilidade da ayahuasca. Com uma procura crescente, os cipós de qualidade ou muito velhos, como Juan gosta de preparar para as grandes ocasiões, são cada vez mais raros. Temos de ir buscá-los cada vez mais longe, ele nos diz, e os preços disparam. Essa problemática está só ainda no seu início, mas poderá rapidamente se tornar mais pertinente.

*

O xamanismo é um forte motor de integração e de assimilação. De indígena, tornou-se mestiço nos séculos XIX e XX, e hoje em dia passa aos gringos. Esse saber perdido, esse sopro inspirador muito antigo renasce sob outra forma, fecundado pela inteligência do terceiro milênio.

Com algumas hibridizações. Em um estudo realizado em 1984 com quatro xamãs mestiços da região de Iquitos, o antropólogo colombiano Luis Eduardo Luna relata que dois deles consideram Jesus como o espírito mais poderoso e a melhor das proteções¹²⁰.

Também Juan tem uma série de ícaros crísticos que canta quando está muito inspirado ou para uma pessoa em especial. Curador, capaz de realizar milagres, Jesus é considerado na Amazônia como um Sumiruna, um desses grandes espíritos imortais capazes de intervir tanto no mundo físico quanto no espiritual. “Jesus, Krishna, Buda, Maria, podemos contatá-los, ajudam a curar”, diz Juan, “mas isso requer estudo e poucos curanderos têm essa maestria”.

Jonathon Miller Weisberger refere o caso de Rafael Tuesta Rios, que era o aprendiz e assistente de um famoso curandeiro de Iquitos, Don Sólon Tello (1918-2010), há 40 anos. Um dia, teve uma visão de Jesus e dos seus discípulos que lhe explicaram que devia parar de beber ayahuasca e de fumar mapacho, que não era mais preciso e que eram eles que iriam lhe dar a energia necessá-

¹²⁰ Luis Eduardo Luna, “The Concept of Plants as Teachers among four Mestizo Shaman of Iquitos, Northeastern Peru”, *The Journal of Ethnopharmacology*, 11 (1984), pp. 135-156.

ria à cura dos pacientes. Parou imediatamente e se contentou em assistir humildemente a seu mestre, participando das cerimônias, sem jamais voltar a tomar a medicina. Como sublinha J. M. Weisberger, uma devoção assim está além de qualquer julgamento¹²¹.

O seguinte merece ser destacado: sob a ayahuasca, as visões celestes são bastante frequentes¹²². Jesus, Maria, os anjos e os santos se manifestam de todas as maneiras e muitas pessoas passam por essa experiência. Se o Vaticano soubesse até que ponto, talvez dedicasse mais atenção ao tema... Quando perguntamos a Juan o porquê disso, ele simplesmente responde: "Porque Jesus está nas plantas, na natureza." E se às vezes aparece no vapor do rio de água fervente é "porque até onde se sabe, o vapor toma toda a energia das plantas".

Se, por um lado, as contribuições cristãs já foram integradas há muito tempo, por outro, os *curanderos* veem chegar, desde há um pouco mais de duas décadas, gringos com ideias cada vez mais ricas e variadas: adeptos do yoga, da medicina chinesa, do tantrismo, da programação neuro-linguística, do pranismo, amantes das teorias da conspiração e outros ufólogos, só para citar alguns, os quais metem a ponta do seu nariz na Amazônia. E fazem bem! Em Mayantuyacu, por exemplo, todos são bem-vindos e parte-se do princípio, geralmente verdadeiro, de que a medicina lhes fará bem. Isso apesar da anamnese sumária realizada por um Maestro taciturno ocasionalmente deixar algumas questões no ar.

E de resto, cada vez mais gringos vão aprendendo. Em Mayantuyacu, cerca de 18 pessoas de diferentes países, entre as quais Brunswick, Henarte e o autor destas linhas, receberam a kushma, assim como a coroa entrançada ornada com penas de arara que a acompanham, o que significa que, dovorante, eles podem praticar sozinhos dentro da tradição transmitida por Juan Flores. Alguns já começaram a exportar esse saber, em conformidade com as intenções de Juan, por exemplo, na Argentina, no México e no Canadá, ensinando por sua vez novos adeptos, recriando de algum modo tri-

¹²¹ Jonathon Miller Weisberger, *op. cit.*, pp. 281-282.

¹²² Ler sobre este tema: Benny Shanon, *op. cit.*, pp. 122-123, 130-131.

bos e linhagens de curandeiros, com o ritual e os oficiantes.

Essa é uma das particularidades da ayahuasca, ela não pode ser exportada de outra forma, sob pena de graves problemas. Como já foi dito, ela nunca irá se tornar uma droga festiva, os seus efeitos são muito impressionantes e potencialmente desagradáveis¹²³. Em um mundo perfeito, podemos imaginar que essa medicina do espírito seja um complemento útil à medicina tecnológica dos países industrializados. O futuro o dirá.

Atualmente, a investigação científica sobre os alucinógenos está focada principalmente no acompanhamento em fim de vida ou na gestão do estresse pós-traumático e da ansiedade, com LSD, ecstasy e psilocibina, o princípio ativo de alguns cogumelos¹²⁴. A esse respeito, o cipó dos mortos se revela perfeitamente enquadrado, já que nos ensina a confrontar os nossos medos e dá um antegosto do além.

É possível imaginar outros usos. Na Amazônia, a ayahuasca é dada em doses leves às crianças a partir dos cinco anos, diz Juan. Isso lhes abre o apetite, desenvolve nelas o espírito, ajuda-as a estudar, afasta os parasitas e preserva a sua saúde.

O taita Juan Bautista Agreda Chindoy, xamã camelas da Colômbia, preconiza para os estudantes universitários uma toma de ayahuasca por mês¹²⁵. Quando perguntamos a Juan sobre essa questão, ele responde: “Por que não? Uma vez por semana!”

E a purga de tabaco mensal para os adolescentes, como nos Ashaninka? Podemos sempre sonhar, não será certamente amanhã que a academia irá tolerar tais práticas.

¹²³ Ao contrário dos cogumelos psilocibos, por exemplo, descobertos no México nos anos 1950, também de uso tradicional xamânico, mas cujo consumo se tornou quase exclusivamente recreativo. Ler sobre esse tema: Alvaro Estrada, *Vida de Maria Sabina, la sabia de los hongos*, Siglo XXI Editores, México, 1977.

¹²⁴ A Sociedade Médica Suíça para a Terapia Psicológica (www.saept.ch), por exemplo, foi autorizada a proceder a tais experiências e publicou diversos estudos científicos sobre essas questões.

¹²⁵ Ler sobre esse tema: Beatriz Caiuby Labate, Clancy Cavnar, *The Therapeutic Use of Ayahuasca*, Springer, 2014.



O tabaco e a ayahuasca são os dois pilares de uma medicina não apenas curativa, mas sobretudo preventiva, que nasceu em um dos ambientes mais hostis do planeta. Por que não adaptar os seus melhores elementos à nossa sociedade de abundância, de segurança e de conforto, mas também de mau viver e de perturbações metabólicas ligadas ao consumo excessivo? Podemos imaginar produtos fitoterapêuticos de produção equitativa e renovável, profissionais que respeitem um código de ética, como aquele que foi criado em 2009 pelas organizações espanholas que defendem a ayahuasca. E por que não uma ayahuasca homeopática?

Fora o medo e os tabus ligados ao termo "alucinógeno", o principal obstáculo a um tal reconhecimento é o DMT contido na chacruna. De fato, a substância dimetiltriptamina figura na lista do Órgão Internacional de Controle de Entorpecentes da ONU nesse domínio. O DMT sintético é, portanto, proibido a nível internacional.

No que diz respeito às plantas que contêm essa substância, cabe a cada país legislar. A França o fez em 2005, proibindo a *B. caapi* e a *P. viridis*¹²⁶, e não outras. Ora, muitas plantas na natureza contêm DMT, desde herbáceas muito comuns, canas ou ainda a casca de algumas acácias. Proibi-las todas seria simplesmente aberrante. E, temos de lembrar, o ser humano o secreta em seu cérebro.

Aqui nos encontramos, ao nível desse fenômeno. As igrejas sincréticas brasileiras do Santo Daime e da União do Vegetal obtiveram na Justiça o direito à utilização da ayahuasca como sacramento para as suas cerimônias em alguns países e estados dos Estados Unidos¹²⁷. Fora isso, organizam-se em sessões no mundo inteiro, mais ou menos às escondidas, por vezes com batidas policiais durante as cerimônias, como se viu na Argentina. Temos de falar abertamente: estamos na encruzilhada dos caminhos entre a abertura de espírito e a caça às bruxas.

Quanto a Juan Flores, prossegue o seu trabalho de trans-

¹²⁶ Acerca do estatuto legal em cada país: www.bialabate.nt/texts.

¹²⁷ Ler sobre esse tema: J. P. Harpignies, *Visionary Plant Consciousness*, Park Street Press, 2007, p. 170.



missão, observando tudo isso com um grande sorriso e se limita a constatar que “a ayahuasca vai ao encontro dos espíritos dos outros países”. Quando perguntamos por que esse conhecimento deve sair da floresta, ele responde: “Porque as pessoas aguardam, o mundo precisa da natureza, dos espíritos, para ser mais forte, para reencontrar a tranquilidade e a felicidade”.



ADVERTÊNCIAS

*Os mestres destroem os discípulos
e os discípulos destroem os mestres.*

JIDDU KRISHNAMURTI

Em 2008, em uma noite de cerimônia, após a *soplada*, cantei o meu primeiro ícaro, uma combinação em francês de dois cantos do Juan aos quais eu havia particularmente me afeiçoado e que celebram o vapor curativo que se eleva do rio.

Pouco depois, à minha direita, senti na penumbra uma doce presença feminina se aproximando, uma longa cabeleira perfumada se roçava em mim, mãos finas se apoderavam das minhas e uma boca carnuda começava a beijá-las. Então ouvi um sussurro como de um pombo:

– *Grrrrrrracias Ivo, tu canción, grrrrrrracias*¹²⁸, enquanto a jovem mulher em questão – uma beleza russa vestida com uma minissaia shipibo e um pequeno *top* de origem idêntica – prosseguia com as suas carícias...

Estando sentado a um metro e meio de Juan, tinha de me portar bem, não queria ser mandado embora por mau comportamento quando mal havia começado os meus estudos. Então, simplesmente arranjei um pequeno lugar em meu colchão para aquela

¹²⁸ “Obrigada, Yves, a sua canção, obrigada”.

encantadora moça, contentando-me em sentir a sua fragrância e a convidando a escutar Brunswick, que tinha começado a cantar com o seu timbre característico. Depois, coloquei *Agua de Florida* nas mãos dela e assim ficamos.

Se a medicina me queria fazer compreender alguma coisa, não o teria feito de outra forma...

O poder conferido pelos ícaros não é uma ficção. Trata-se de um poder de manipulação que funciona por encantamento. Nessa circunstância, o meu canto não era de modo algum dirigido e não tinha nenhuma intenção em particular com essa desconhecida, que havia chegado naquela mesmo dia e que iria embora dias depois. Mas algumas “celebridades” da floresta perceberam bem como agir de maneira sutil no cérebro das mulheres, com um pequeno empurrão das suas planta aliadas.

A ayahuasca gosta do corpo feminino e o estimula. Muitas mulheres vivem orgasmos inesperados e por vezes “cósmicos”, segundo algumas, em cerimônias. Outras revivem os seus partos ou vivem aqueles que não tiveram. Enfim, as mulheres aprendem mais rápido que os homens. Para Juan, a razão dessa afinidade é simples: é porque a *ayahuasca*, o cipó portador do saber, é um princípio masculino e gosta de mulheres.

Aproveitar-se dos encantos das suas clientes, inclusive das suas pacientes, é um dos esportes prediletos dos *curanderos* amazônicos. Obviamente que a maior parte nunca ouviu falar no juramento de Hipócrates, que em nossa cultura proíbe aos médicos ter relações sexuais com os pacientes e sua família¹²⁹.

Alguns centros têm a reputação de serem verdadeiros bordéis. Mas nem maestros supostamente mais íntegros estão vacinados contra esse problema. Afinal de contas, são seres humanos. O sucesso, as tentações sexuais e financeiras associadas ao desejo de po-

¹²⁹ O juramento de Hipócrates (século IV a.C.), que estabeleceu os princípios básicos da deontologia médica, nos diz: “Em todas as casas em que entrar, aí o farei apenas para benefício dos doentes, evitando todo o mal voluntário e a corrupção, especialmente a sedução das mulheres e dos homens, livres ou escravos.”

der e de reconhecimento fazem com que a degradação do trabalho espiritual oferecido pelos centros xamânicos que mais se destacam seja um processo praticamente inevitável. O Peru de 2015 faz lembrar a Índia dos anos 1970, com todos os abusos que conhecemos por parte dos gurus.

Também é preciso dizer que tomar plantas estimula a força vital e que algumas delas possuem virtudes afrodisíacas. Se a isso acrescentarmos a abstinência sexual que é exigida durante as dietas, podemos facilmente compreender que estão reunidos todos os ingredientes para se escorregar.

A Amazônia em si é psicoativa, a energia selvagem que emana dela, a humildade, a incrível diversidade de espécies, o gigantismo das plantas e das árvores, os seus órgãos reprodutores, tudo leva a crer a quem desembarca lá pela primeira vez que está em outro planeta. Ou no paraíso terrestre, sobretudo se provar do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. E as barreiras caem.

Contudo, nesse paraíso não há muitos santos. É uma terra banhada por uma cultura de violência machista – não nos referimos às eventuais comunidades indígenas ainda preservadas – onde os oásis são raros. As contas são feitas ao nível local: um trabalhador me contou que, há cerca de cinco anos, um ladrão de gado foi queimado vivo em praça pública pela população, não longe de Pucallpa. Os criminosos são mortos, postos em sacos com pedras e atirados ao rio. “É por isso que agora as coisas estão muito tranquilas por aqui”, acrescentou. Muitos centros possuem guardas armados. Em Mayantuyacu não é o caso, mas em certas alturas, nas noites de cerimônias, chegou a estar de guarda um empregado com uma espingarda em frente à maloca.

Há ainda pior do que os abusos sexuais ocasionais ou sistemáticos, mais ou menos consensuais, através de manipulação mental, bruxaria e magia negra. Houve estupros de jovens mulheres que ficaram em coma no hospital de Lima depois de terem bebido ayahuasca adulterada. Alguns *curanderos malos*, ou muito simplesmente charlatões e criminosos, não hesitam em encher a sua ayahuasca com *datura* a fim de provocar na pessoa uma perda de consciência total. Portanto, devemos lembrar, se queremos utilizar essa planta,

temos obrigatoriamente de conhecer o seu espírito.

E houve mortes. Nomeadamente um americano de 18 anos em 2012 perto de Puerto Maldonado e um acrobata francês deficiente de 39 anos em 2011 em Iquitos. O primeiro tinha simplesmente sido enterrado na floresta pelo “xamã” e um cúmplice, enquanto o segundo foi encontrado sem vida uma manhã, em circunstâncias pouco claras, no local onde estava alojado, no *Espírito de Anaconda*. Uma canadense de 32 anos também sucumbiu em janeiro de 2015 durante uma purga de tabaco em um centro xamânico nos arredores de Puerto Maldonado.

Também foram registradas mortes nos países vizinhos, no Equador e na Colômbia, por exemplo. Neste momento, conta-se nos dedos de ambas as mãos. Em relação às causas, na maioria das vezes permanecem indeterminadas. Ainda que a purga pelo tabaco pelo menos objetivamente, implique um certo risco, já morrer de uma *overdose* de ayahuasca é algo que geralmente se considera como improvável, dada a quantidade que seria necessário ingerir. Por outro lado, o desrespeito da dieta ou das interações medicamentosas pode ter consequências mortais. Ora, na maior parte das vezes os *curanderos* apenas têm uma vaga ideia dessas interações. E, do lado dos gringos, temos de admitir que às vezes é possível assistir a comportamentos irresponsáveis, como, por exemplo, levar para a Amazônia as suas próprias drogas recreativas.

E isso para não falar da enorme quantidade de vigaristas para os quais todos os gringos são “carteiras ambulantes”, aliciando-os com todo o tipo de projetos: compra de terrenos, óleo vegetal para alimentar motores e até oportunidades envolvendo ouro. Desconfiar de todo mundo, incluindo os gringos, é um lema saudável e, precisamos repetir, são as próprias plantas que ensinam isso. Assim como ir acompanhado e apenas trabalhar com pessoas recomendadas.

*

Um dos principais mal-entendidos interculturais ligados à ayahuasca é que muitos ocidentais a adotam como via espiritual, esquecendo-se de que, antes de mais nada, se trata de uma medi-



cina. Quantas vezes não ouvimos dizer “vou esperar até me sentir melhor, antes de tomar”, quando o indicado seria precisamente o contrário.

Tradicionalmente, nas tribos indígenas, a ayahuasca se integra nos diferentes aspectos da vida comunitária: saúde, caça, pesca, guerra, rituais propiciatórios e, nos Ashaninka, por exemplo, os aldeões a tomavam por ocasião das grandes reuniões. Hoje em dia, nos subúrbios mestiços de Ucayli, só se visita o *curandero* para tomar a purga se estivermos doentes. E muitas pessoas têm medo dessas práticas.

Ver chegar hordas de gringos sedentos por ayahuasca mudou a regra do jogo. A oferta explodiu e, muitas vezes, em termos de qualidade, não está à altura da procura. E os preços dispararam. Em 2015, para passar uma dezena de dias em um centro, com três cerimônias incluídas, eram precisos 1.000 dólares. O litro de ayahuasca se negocia por até 500 dólares, como em Mayantuyacu, por exemplo. Não há qualquer dúvida, segundo os nossos critérios, que uma medicina dessa qualidade justifica o valor, mas em relação ao salário mensal de uma pessoa não qualificada na região – 350 dólares – e ao custo da matéria-prima, é exorbitante.

Esperemos que a economia do mercado faça aos poucos o seu trabalho, com uma concorrência cada vez maior, uma melhoria da oferta e a estabilização dos preços. A alternativa, para os amadores da autenticidade, será visitar um xamã desconhecido, perdido em uma comunidade nas profundezas dos bosques – eles existem –, mas é igualmente dispendioso, requer um guia e implica deslocamentos de vários dias de barco a motor, sob um sol abrasador ou chuvas diluvianas. Além disso, o conforto no local será, no melhor dos cenários, espartano.

Um outro ponto que geralmente deixa muito a desejar é a preparação de quem vai beber a medicina. Cheguei a ver em Mayantuyacu pessoas que haviam ido para lá por uma decisão por impulso, não tendo se informado particularmente bem sobre o assunto. Ouviram falar que a experiência era interessante, compraram a passagem de avião e lá vamos nós!

Ora, no próprio local, pouco ou nada nos é explicado. O

Maestro é bastante sucinto e não é ele que irá dizer que você pode estar prestes a viver experiências de morte iminente, de saída do corpo ou até mesmo de transformação em anaconda, mas que no dia seguinte estará de volta e com boa saúde.

Muitas pessoas ficaram traumatizadas com uma primeira experiência excessivamente forte. Como consequência, ficam apavoradas, como o italiano na casa dos 50 anos que começou vomitando um enorme sapo, antes de se sentir aspirado para o além por uma força avassaladora. Em seguida, quando estava deitado na grama do lado de fora e os auxiliares jogavam água na cabeça, esse conhecedor de astronomia viu as estrelas do hemisfério sul, o Cruzeiro do Sul. Ora, a sessão se desenrolou no Hemisfério Norte. Ele ficou então totalmente convencido de que estava de fato morto.

A seguir, o adepto corajoso perseverou, por mérito próprio, recuperando a confiança através de pequenas doses e sessões terapêuticas, para voltar a juntar todos os pedaços.

Tais experiências podem provocar aquilo que, na Amazônia, geralmente se chama de uma “perda de alma”, como resultado de um grande medo ou *susto*. Isso requer uma terapia apropriada, cantando os ícaros de algumas plantas para chamar de volta o espírito da pessoa, diz Juan.

Dar uma boa preparação aos participantes, administrar com prudência, proceder antes uma iniciação em três sessões em vez de uma só, tais são, desse ponto de vista, as regras básicas. Às vezes pode também ser oportuno um pequena conversa em grupo depois.

Por outro lado, não se trata de fazer proselitismo ou uma iniciação. “Tomar ayahuasca não deve ser uma exigência do Maestro”, diz Juan Flores. É uma decisão pessoal que deve ser refletida com maturidade e é preferível perguntar ao candidato três vezes em vez de apenas uma se ele está seguro de querer fazer isso. É bom avisá-lo que pode alterar toda a sua visão de mundo e, inclusive, mudar a ele próprio. Depois de passar por essas experiências, as pessoas se divorciam, mudam de profissão ou dão à sua vida um rumo completamente diferente. São igualmente conhecidos casos de suicídio.

Experiências místicas dessa dimensão não deixam ninguém ileso. Por fim, na hora da despedida, o *curandero* prudente advertirá o novo iniciado que o regresso à normalidade irá demorar mais ou menos seis semanas, com possíveis *flashes*, sonhos lúcidos e outros efeitos sutis. Após uma grande dieta, deverá contar com um período de três a seis meses.

Ir à Amazônia é uma coisa, voltar para casa outra, tão ou mais importante. Quando o trabalho xamânico é feito como se deve, se aquilo que foi aberto também foi fechado, as proteções instaladas e a pós-dieta respeitada, em regra geral ocorre tudo bem.

Não obstante, podem surgir problemas inesperados. Após tais experiências, passa-se frequentemente por uma fase de "síndrome do messias", durante a qual se fica com uma enorme vontade de falar sobre elas àqueles que nos rodeiam. Passado pouco tempo, a menos que estejam muito interessados no assunto, os interlocutores irão se cansar. O resto então é de se passar por chato, inclusive por um iluminado que dá aos outros a impressão de estarem indo para um abismo caso não bebam ayahuasca.

A questão é encontrar a dose certa e a maneira correta de falar sobre o tema com os demais, ou precisamente de não falar sobre o assunto de forma exagerada. Sobre esse aspecto, o ambiente familiar deve ser tratado com muita sensibilidade, devido às legítimas apreensões que poderá causar. Além disso, muitas pessoas já possuem uma opinião formada sobre o tema, apesar de o desconhecerem por completo.

Um tema que merecia um livro inteiro só a ele dedicado é o da vocação xamânica. Iremos nos limitar aos aspectos potencialmente problemáticos disso: após ter bebido alguns copos de ayahuasca e ter dietado algumas plantas, acontece a algumas pessoas se sentir investidas de uma missão, o que muitas vezes coincide com a fase messiânica. Essa pode ser induzida pelas plantas mas também, sutilmente, pelo próprio xamã. No fundo, é o trabalho dele tentar recrutar novos aprendizes, embora saiba que entre os que dizem querer aprender, apenas uma pequena minoria o fará realmente.

O encanto e o dinheiro entram também aqui em jogo - os estudantes são igualmente clientes, que além disso são regulares

–, com todas as consequências possíveis de amargura e desilusões nos meses seguintes, perante a extensão da tarefa, a solidão... mas também de ruptura sócio-profissional, desenraizamento e desconexão com a realidade.

A título pessoal, um dos princípios que apliquei ao longo de todos esses anos e sobre o qual não posso deixar de me congratular *a posteriori* foi fazer resistência. Resistir, por exemplo, às sugestões de mudança de vida oriundas desse mundo misterioso, não fazer nada com elas até que se imponham por si mesmas, com suavidade, quando chegar o momento, tal como um fruto maduro. Sobre-tudo, não precipitar o que quer que seja. Mas claro que é muito subjetivo, não podemos fazer disso uma regra válida para todos.

Segundo Luis Eduardo Luna, e isso merece ser sublinhado nesse contexto, o problema número 1 da *ayahuasca* é a inflação do ego¹³⁰. Embora a medicina “corte a cabeça”, como diz Juan, no dia seguinte ela cresce novamente e muitas vezes com mais vigor.

Ora, o ego é a morte espiritual: ele induz um corte entre a causa e o efeito. No dia a dia não podemos passar sem ele, embora procuremos mantê-lo dentro de proporções razoáveis, mas em cerimônia, por exemplo, o xamã é um canal, um cristal, e aí o ego não tem o seu lugar. As interferências do “eu” pessoal são prejudiciais ao trabalho xamânico. É precisamente ele que é permeável à sugestão e que se alimenta da auto-sugestão. Libertar-se das influências nefastas do ego para aprender a reconhecer aquilo que realmente vem de outro lugar é a base desse aprendizado. É um trabalho em constante renovação que permanentemente implica meter a mão na massa.

Mas mesmo que consigamos contornar o obstáculo da auto-sugestão, adquirir certezas quanto às nossas visões é fundamentalmente difícil. Como diz o xamã nepalês Indra Doj Gurung, citado por Christian Rätsch¹³¹: “Os deuses e os espíritos nem sempre dizem a verdade. Para se ter certeza sobre alguma coisa, o xamã deve

¹³⁰ Opinião expressa em 2011 durante o webinar *Envolver Intensives “Awakening the Cosmic Serpent”*, apresentado por J. Darby.

¹³¹ Claudia Müller-Ebeling, Christian Rätsch, Surendra Bahadur Shahi, *op. cit.*



‘viajar’ duas vezes, três vezes, muitas vezes durante toda a noite. Só quando obtém a mesma resposta em todo os lugares é que regressa. Por vezes, os espíritos falam como macacos, como pássaros”.

Do mesmo modo, o antropólogo americano Michael Harner, ao relatar a sua primeira experiência com ayahuasca em 1961 no Peru com uma tribo conibo, viu uma espécie de “dragões”, “criaturas reptilianas gigantes” com “asas de pterodáctilos” que lhe explicaram estar na origem da vida na Terra e que eram as verdadeiras mestras da humanidade e deste planeta.

A reação do velho xamã cego da aldeia foi:

– Oh, dizem sempre isso, mas não apenas os mestres das trevas exteriores¹³².

Perguntar, voltar a perguntar, ganhar experiência, privilegiar o menor denominador comum, ter em mente que as explicações muito fáceis não são definitivas, essa é a solução. Se o aprendizado demora tanto tempo, é exatamente por essa razão.

*

Impõe-se aqui uma nota sobre as cerimônias organizadas fora do contexto amazônico. Temos de ser duplamente cautelosos, pois assistimos a desvios graves. Já mencionamos o material vegetal comprado pela Internet e as sessões onde se toca música gravada. No que diz respeito a essas últimas, devem absolutamente se evitar. Não têm qualquer mariri, qualquer proteção e ninguém policia os espíritos. “Pode ser perigoso”, diz Juan Flores, “os espíritos podem tomar posse dos participantes”.

O mesmo para as sessões onde o mestre de cerimônias não toma medicina. A menos que seja altamente experiente, muito provavelmente não será capaz de “ver” aquilo que está acontecendo a nível espiritual.

Na Europa, também há quem dê de beber ayahuasca pura, sem chacruna, uma vez que é essa última que acarreta problemas legais. Afirma aos seus clientes que se trata de ayahuasca. Ora, evi-

¹³² Michael Harner, *O Caminho do Xamã*, 1980.



dentemente, não passará de uma experiência parcial, já que é a conjugação de ambas as plantas que dá o caráter explosivo à mistura. Quando evocamos esse tipo de prática a Juan ou Brunswick, limitam-se a abanar a cabeça, suspirando.

Administrar a medicina sem ter a experiência necessária é perigoso; as pessoas podem enlouquecer, adverte Juan. Em princípio, na opinião dele, a junção ayahuasca/chacrana não é mortal¹³³, desde que não contenha aditivos. Contudo, para servi-la é preciso alguém que a saiba dosar.

Portanto, se tivermos alguma dúvida, não devem hesitar em recusar. Devemos ter cuidado com as pessoas com quem o fazemos. Por outro lado, a ayahuasca era utilizada pelos indígenas para medir o caráter de um indivíduo: “Não podemos saber como é uma pessoa sem ter bebido ayahuasca com ela”, escreve Jimmy Weiskopf¹³⁴.

*

O verdadeiro Maestro não é dependente de nenhuma das plantas que toma e a ayahuasca não é viciante, nem a nível físico, nem psíquico. Quando muito, podemos dizer que produz uma dependência filosófica.

Se regressamos a ela, é porque após realmente nos fazer tomar consciência da nossa insignificância e da nossa miséria espiritual, irá nos abrir a mundos infinitos e a uma tal imensidão de conhecimento, como diz Pablo Amarinho, que teríamos de viver 10.000 anos para adquirir uma ínfima parte deles¹³⁵.

Provavelmente, a maior desgraça que atinge essa tradição oral é precisamente o fato de já não ser mais apenas isso. Termos ícaros impressos e gravados em várias plataformas digitais tem como

¹³³ Como não existe uma receita única de ayahuasca, cada praticante procede à sua própria mistura de plantas e a cozinha à sua maneira, sendo desconhecida a dose letal.

¹³⁴ Jimmy Weiskopf, *op. cit.*, p. 312.

¹³⁵ Citado por J. Narby em Pablo Amarinho, Howard G. Charing, Peter Cloudsley, *op. cit.*, p. 9.



consequência uma considerável perda de poder e autenticidade. Enquanto no passado o adepto deitava durante seis meses a um ano sob a sua árvore e regressava com um ícaro pessoal e único transmitido pela planta, hoje em dia somos confrontados com um bando de papagaios, repetindo todos os mesmos cantos que circulam pela Internet e cujo poder, conseqüentemente, se desfaz.

Isso não representa uma sentença de morte da medicina, muito pelo contrário, porque contribui para que ela se torne conhecida mundialmente. Podemos confiar nela para se renovar. Ela não disse ainda a sua última palavra.



Epílogo

SALVO DAS ÁGUAS

Porque só o velho mestre é capaz de evocar os espíritos para os objetivos que determinou.

GOETHE

Adriano Tello era um bancomuraya ashaninka. Foi o último mestre de Juan Flores. Em uma altura da vida, há aproximadamente 20 anos, instalou-se no Baixo Ucayali, a dois dias de barco seguindo a correnteza a partir de Pucallpa.

Um certo dia, uma vizinha mandou os seus dois filhos de sete e nove anos buscarem água no rio. Um pouco mais tarde, apenas foram encontradas as suas roupas à beira da água e a mãe se desfez em lágrimas.

Como as duas crianças tinham desaparecido e não se encontraram os seus corpos, Adriano percebeu de imediato que eles teriam sido levados por uma sereia para o seu mundo. Iniciou então uma dieta de oito dias de *ayahuma*, pois essa árvore que vive ao longo dos rios conhece bem o mundo das águas. Ao fim da dieta, fez uma cerimônia na casa da mãe das crianças, perto do rio.

Ao cantar o ícaro da *ayahuma*, Adriano mergulha no mundo das águas e vai falar com a sereia, explicando-lhe que a mãe dos meninos está sofrendo com a perda dos dois filhos, os quais amava. Então, recorrendo ao poderoso mariri acumulado em seu tórax durante

a dieta, ele convence a ser a devolver as crianças e cospe com força, arranhando a garganta. Oito dias após o desaparecimento, elas são vistas saindo da água, vivas, para a grande felicidade daquela mãe.

Adriano Tello vivia em Iparia, no Alto Ucayali. Morreu em 2014 com 82 anos. Essa história me foi contada por Brunswick Montagne Guerra Barrera, que o conheceu pessoalmente e teve a oportunidade de tomar a medicina duas vezes com Adriano. Ele ouviu essa história por meio do filho de Adriano.

*

Tal como o Louco do tarot, o ayahausquero é empurrado para o desconhecido por uma força animal, irracional. Cantor, poeta, encantador, vai além do inteligível, levado pela beleza dos seus cantos, para daí trazer força e sabedoria.

Se há dez anos atrás tivessem me dito que eu iria começar a cantar, jamais teria acreditado. Além disso, sendo daltônico, a ayahuasca me permitiu ver cores que nunca teria podido ver de outra maneira. Nem que fosse apenas por isso, eu agradeço muito a ela.



POST-SCRIPTUM

Todas as histórias e experiências relatadas nestas páginas são estritamente autênticas e foram recolhidas em primeira mão pelo autor. As conclusões e hipóteses que aqui são apresentadas fazem parte de um processo evolutivo de oito anos, que corresponde ao primeiro terço do aprendizado xamânico, o que ainda não se encontra concluído.

Este livro é um testemunho momentâneo de uma tradição em profunda mutação. Não poderá nunca ser entendido como uma incitação para se fazer o que quer que seja, nem a ir onde quer que seja.

A Amazônia dos anos 2000 não é a dos anos 1990, e a Amazônia de 2015 já não é a mesma de 2007. Aqui tudo é muito volátil e quem se sente tentado a ir lá fará bem em reler o capítulo acerca das advertências. Aprender a ser vigilante e a se proteger, não colocando ninguém em um pedestal, talvez assim evite de cair na boca do lobo.

Por fim, convém sempre lembrar de que, nesse domínio, a verdade tende a se ocultar e que, por vezes, a luz ofusca mais do que ilumina.

As coisas que estão em cima só se revelam
ao nosso olhar em detrimento das que estão em baixo.

OSWALD WIRTH





AS PLANTAS E OS SEUS USOS

ABUTA (*Abuta spp.*): Diabetes.

AJO SACHA (*Mansoa alliacea*): Dores articulares, reumatismos, artrose.

AJOSQUIRO (*Gallesia integrifolia*): AIDS, febre, limpeza geral, fortalecimento, convalescença, proteção contra a bruxaria.

ASNA PANGA (*Solanum dulcamara*): Limpeza do fígado, banhos fortificantes.

AYAHUASCA (*Banisteriopsis caapi*): Visões, ensinamentos, purgativa, limpeza geral, depressão, distúrbios bipolares.

AYAHUMA (*Couropita guyanensis*): AIDS, câncer, depressão, limpeza geral, fortalecimento, convalescença, ensinamentos, proteção contra a bruxaria

BELLACO CASPI (*Himatanthus succuba*): Ver *sucuba*.

BOBINSANA (*Calliandra angustifolia*): Friagem, reumatismos, artrite, hemorroidas, depurativa, anticancerígeno, anti-inflamatório, contraceptivo.

BOLSAQUIRO (não identificado): Entra na composição do perfume da cerimônia.

BUJEO SACHA (*Zebrina pendula*): Entra na composição do perfume da cerimônia.



- CAMALONGA (*Thevetia peruviana*): Queimaduras do estômago, infecções das vias urinárias, diabetes, dependências, menopausa, depressão, distúrbios bipolares.
- CAME RENACO (*Figueira-estranguladora, espécie indeterminada, provavelmente do gênero Ficus, Clusia ou Coussapoa*): Fortalecimento do corpo depois de fraturas; constituinte da triterapia: *tamamuri/chuchuwasi/came renaco* utilizada contra o câncer, a esclerose múltipla, a osteoporose e o Parkinson.
- CANELA (*Cinnamomum zeylanicum*): Estimulante, cardiotônico, controla o peso e a fome.
- CAPIRONA (*Capirona decorticans*): Cicatrização, desinfectante, queimaduras.
- CANIÇO DE ÁGUA (*Phragmites australis/P. communis*): Para aprender a cantar, relaxante, melhora o sono e o humor.
- CATAHUA (*Hura crepitans*): Resina purificada em emplastro, bruxaria.
- CHACRUNA (*Psychotria viridis*): Visões, ensinamentos, limpeza geral, proteção.
- CHANCAPIEDRA (*Phyllanthus niruri*): Pedras nos rins, fígado, queimaduras do estômago, anti-hipertensão.
- CHIRIC SANANGO (*Brunfelsia grandiflora*): Dores articulares, reumatismos, osteoporose, câncer, dependências.
- CHUCHUWASI (*Maytenus krukovii*): Reumatismos, anemia, úlceras. Constituinte da triterapia: *tamamuri/chuchuwasi/came renaco* utilizada contra o câncer, a esclerose múltipla, a osteoporose e o Parkinson.
- CHULLACHAQUI CASPI (*Tomovita sp.*): Antirreumatisal, reconstituente, ensinamentos e proteção.
- COCA (*Erythroxylum coca*): Inflamações do tubo digestivo, controle do peso e da fome, energizante, anestesiante cutânea.
- COPAIBA (*Copaifera officinalis*): Óleo-resina cicatrizante, antisséptica, anti-inflamatória, para as doenças da pele, queimaduras, dores articulares, próstata, hemorroidas.



CRESTA DE GALLO (*Warszewiczia spp.*): Entra na composição do perfume da cerimônia.

DORMILONA (*Mimosa pudica*): Para reduzir a pressão arterial. Entra na composição do perfume da cerimônia

ERVA-LUISA (*Lippia citriodora*): Febrífuga, antiespasmódica, antifúngica.

HUASAI (*Euterpe oleracea*): Esclerose múltipla, queimaduras do estômago, limpeza fígado-rins.

HUAYUSA (*Ilex guayusa*): Depressão, reativação do corpo, estimulante. Contra as dermatites.

HUICUNGO (*Astrocarium huicungo*): Bruxaria.

ISANGUILLO (*Pilea spp.*): Entra na composição do perfume da cerimônia.

ISHPINGO (*Amburana cearensis*): Afetamento das vias respiratórias, tosse, bronquite, asma, tuberculose.

JERGON SACHA (*Dracontium lorentense*): Picada de serpentes, reduz o colesterol, menopausa, depressão.

LENGUA DE PERRO (*Gnaphalium calviceps*): Entra na composição do perfume da cerimônia.

LUPUNA (*Ceiba pentandra*): Diurética, adstringente, antiespasmódica, antipirética, em caso de enxaqueca, hemorragia, diarreia, disenteria, torções e feridas abertas.

LUPUNA COLORADA (*Cavanillesa umbellata*): Bruxaria.

MANJERICÃO (*Ocimum micranthum*): Alzheimer.

MANO ABIERTA (*Xanthosoma heleborifolium*): Entra na composição do perfume da cerimônia, para suscitar o amor.

MASHUSHILLO (*Pavonia leucantha*): Entra na composição do perfume da cerimônia, para suscitar o amor.

MATICO (*Piper aduncum*): Antibacteriana, antiviral, desinfectante, contra os distúrbios digestivos, das vias respiratórias e as dermatites.

- MOTELILLO (*Fittonia verschaffeltii*): Entra na composição do perfume da cerimônia, para suscitar o amor.
- MUCURA (*Petiveria alliacea*): Antibacteriana, antiviral, antifúngica, anti-inflamatória, vermífida, imuno-estimulante, analgésica, diurética, abortiva, hipoglicêmica, anticancerígena. Proteção contra a bruxaria
- OIE (*Ficus insipida*): Purgativa antiparasitária, anemia, AIDS.
- PAICO (*Chenopodium ambrosioides*): Desinfectante, Alzheimer, úlceras.
- PAU SANTO (*Bursera graveolens*): Incenso.
- PAPAEIRA (*Carica papaya*): Sarampo, febre, doenças intestinais, fígado, parasitas.
- PIÑON COLORADO (*Jatropha gossypifolia*): Banhos, cicatrizante interna e externa.
- PIRI-PIRI (*Cyperus spp.*): Termo genérico que designa numerosas plantas, geralmente da família das ciperácias, tendo uma utilização mágica e/ou medicinal.
- PUNGA (*Bombax munguba*): Ensino do mundo das águas
- SANGRE DE GRADO (*Croton spp.*): Cicatrização, desinfectante, queimaduras, úlceras, hemorragias internas.
- SHARAMACHILLO (*Ocimum spp.*): Banhos, proteção, entra na composição do perfume da cerimônia.
- SHIHUAHUACO (*Dipteryx micrantha*): Proteção, força, ensinamentos, convalescença.
- SHIMI PAMPANE (*Maranta arundinacea*): Depressão, distúrbios bipolares, para acalmar a raiva, entra na composição do perfume da cerimônia.
- SHIMIRO (espécie não identificada): "Boa para todas as doenças", para afastar os maus espíritos, proteção contra a bruxaria.
- SUCUBA (*Himatanthus sucuuba*): Também chamada de *bellaco caspi*, resina em cataplasmas, contra o câncer de mama.



TABACO (*Nicotiana rustica/N. tabacum*): Purgativa, limpeza geral, depressão, distúrbios bipolares, proteção contra a bruxaria, extração de "virotes", onirógena.

TAHUARI (*Tabebuia serratifolia*): Anti-inflamatória, anticancerígena, antiviral, antibacteriana, antifúngica.

TAMAMURI (*Brosimum acutifolium*): Ciclo menstrual, limpeza do sangue, depuração e drenagem do organismo, dermatites, anemia. Constituinte da triterapia: *tamamuri/chuchuwasi/came renaco* utilizada contra o câncer, a esclerose múltipla, a osteoporose e o Parkinson.

TOÉ (*Brugmansia/Datura spp., Ipomoea carnea*): Fortalecimento do corpo depois de fraturas, em emplastro, anti-inflamatória, extração de "virotes".

TOPA (*Ochroma lagopus*): Infecções das vias urinárias.

UNHA DE GATO (*Uncaria tomentosa*): Anti-inflamatória, anticancerígena, estimula e equilibra o sistema imunitário.

VERBENA (*Verbena spp.*): Diabetes.

VERDULAGA (*Portulaca spp.*): Anti-inflamatória, queimaduras do estômago.

WANCAWI SACHA (*Aristolochia didyma*): Purgativa, limpeza geral, dependências.

ZEBRITA (não identificada): Entra na composição do perfume da cerimônia.

FONTES: Mayantuyacu, e para os nomes em latim: *Catálogo de plantas úteis de la Amazonia peruana*, Richard A. Rutter, Ann Shanks, Instituto linguístico de Verano, Yarinacocha, Pucallpa, Pérou, 1990.

Numerosas plantas têm o mesmo nome em vernáculo para as diferentes espécies e, por vezes, para os diferentes gêneros - por exemplo, *toé* para *Brugmansia* e *Ipomoea* -, portanto os termos científicos são apresentados sob reserva.



GLOSSÁRIO

ACEROPUNTA: Barco-fantasma frequentemente invocado pelos *ayahuasqueros*.

AGUA DE FLORIDA: Perfume utilizado em cerimônia pelos xamãs da América Latina.

AMPIRI: Termo ashaninka que designa uma pasta de tabaco (à base de *Nicotiana rustica* ou *Nicotiana tabacum*) extremamente concentrada, utilizada pelos xamãs *tabaqueros*. Pode conter diversos aditivos. Mais conhecido em outras regiões da Amazônia como *ambil*.

BANCOMURAYA: Xamã do mundo da terra, que efetuou longas dietas, capaz de se transformar, por exemplo, em jaguar (*Bancopuma*).

BRUJO OU CURANDERO MALO: Bruxo que pratica magia negra.

CHACAPA: Pequena vassoura feita com folhas. Trata-se de um instrumento xamânico que serve para acompanhar os cânticos ou fazer uma limpeza áurica dos participantes.

CURANDERO: "Curandeiro", em castelhano.

DIETA: Período de isolamento e de restrição alimentar que serve para estudar uma planta específica.

ÍCARO: Cântico xamânico amazônico. Do quechua *icarai*, "soprar".

- KUSHMA:** Túnica tradicional de algodão usada por diferentes etnias amazônicas.
- MALOCA:** Casa tradicional circular ou oval feita de madeira, com telhado de folhas de palmeira.
- MAPACHO:** Cigarro ou charuto de tabaco selvagem, geralmente à base de *Nicotiana tabacum* ou, mais raramente, de *N. rustica*.
- MARACA:** Instrumento de música constituído de uma calabauça recheada de sementes com um pau de madeira na sua extremidade.
- MAREACION:** Embriaguez provocada pelas plantas, literalmente "mareação" ou "enjoo", em castelhano.
- MARIRI:** Fluido xamânico e energia vital presente nas plantas.
- PALO:** Literalmente "pau", "estaca", "mastro". Na Amazônia, designa igualmente as árvores. O xamã *palero* é aquele que se especializou nas árvores medicinais.
- QUECHUA:** Língua veicular da civilização inca, depois do colonizador espanhol. Subdivide-se em numerosas variedades faladas em vastos territórios que vão do Equador até a Argentina, dos Andes até a Amazônia.
- RAPÉ:** Tabaco em pó inalável, por vezes com aditivos.
- SOPLADA:** Tratamento no qual o xamã sopra perfume ou fumaça de tabaco em seu paciente. Do espanhol *soplar*, "soprar".
- SUMIMURAYA:** Xamã do mundo das águas, que tem muitas vezes um esposo ou uma esposa espiritual, uma sereia, por exemplo.
- SUMIRUNA:** Curandeiro que alcançou o grau mais elevado, capaz de intervir tanto no mundo físico como no espiritual.
- TAMBITO:** Cabana de isolamento na floresta.
- VEGETALISTA:** Xamã amazônico que trabalha com as plantas, geralmente sinônimo de *ayahuesquero*.
- VIROTE:** Pequena flecha mágica utilizada pelos *brujos* para fazer mal, provocar a doença ou a morte.



BIBLIOGRAFIA

- PABLO AMARINGO, LUIS EDUARDO LUNA, *Ayahuasca Visions, The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*, North Atlantic Books, Berkeley, 1991.
- PABLO AMARINGO, HOWARD G. CHARING, PETER CLOUDSLEY, *The Ayahuasca Visions of Pablo Amaringo*, Inner Traditions, Rochester, 2011.
- GUILLERMO AREVALO VALERA, *Las plantas medicinales y su beneficio en la salud Shipibo-Conibo*, AIDSESEP, 1994.
- WILLIAM BURROUGHS, ALLEN GINSBERG, *The Yage Letters*, City Lights Books, 1963.
- JEAN-PIERRE CHAUMEIL, *Voir, savoir, pouvoir - Le chamanisme chez les Yagua de l'Amazonie péruvienne*, Georg Editeur, Genève, 2000.
- WADE DAVIS, *The Serpent and the Rainbow*, Simon & Schuster, 1985.
- ALVARO ESTRADA, *Vida de Maria Sabina, la sabia de los hongos*, Siglo XXI Editores, Mexico, 1977.
- FULCANELLI, *Le mystère des cathédrales et l'interprétation ésotérique des symboles hermétiques du grand oeuvre*, Editions Pauvert, 2002.
- MICHAEL HARNER, *The Way of the Shaman*, Harper & Row, 1980.
- J. P. HARPIGNIES, *Visionary Plant Consciousness*, Park Street Press, 2007.



- JAN KOUNEN, JEREMY NARBY, VINCENT RAVALEC, *Plantes et chamanisme, conversations autour de l'ayahuasca et de l'iboga*, Mama Editions, Paris, 2008.
- BEATRIZ CAIUBY LABATE, CLANCY CAVNAR, *Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond*, Oxford University Press, 2014.
- BEATRIZ CAIUBY LABATE, CLANCY CAVNAR, *The Therapeutic Use of Ayahuasca*, Springer, 2014.
- F. BRUCE LAMB, *The Wizard of the Upper Amazon: The story of Manuel Córdova Rios*, New York, Atheneum, 1971; *Rio Tigre and Beyond: The Amazon Jungle Medicine of Manuel Córdova-Rios*, North Atlantic Books, 1985.
- MARC LENAERTS, *Anthropologie des Indiens Ashéninka d'Amazonie: nos sœurs Manioc et l'étranger Jaguar*, L'Harmattan, Paris, 2004.
- TERENCE MCKENNA, *O Alimento dos dos Deuses: Em Busca da Árvore do Conhecimento Original – Uma História Radical das Drogas, das Plantas e da Evolução Humana*.
- JONATHON MILLER WEISBERGER, *Rainforest Medicine*, North Atlantic Books, Berkeley, California, 2013.
- CLAUDIA MÜLLER-EBELING, CHRISTIAN RÄTSCH, SURENDRA BAHADUR SHAHI, *Schamanismus und Tantra in Nepal*, AT Verlag, Aarau, 2000.
- JEREMY NARBY, *A Serpente Cósmica, o DNA e a Origem do Saber. El Ojo verde, Cosmovisiones amazonicas*, AIDSESEP – FORMABIAP, 2004.
- CHRISTIAN RÄTSCH, *Enzyklopädie der psychoaktiven Pflanzen*, AT Verlag, Aarau, 1998.
- BENNY SHANON, *The Antipodes of the Mind*, Oxford University Press, 2005.
- RICK STRASSMAN, *DMT: The Spirit Molecule: A Doctor's Revolutionary Research into the Biology of Near-Death and Mystical Experiences*, Park Street Press, 2000.



ROBERT TINDALL, *The Jaguar that Roams the Mind*, Park Street Press, Rochester, 2008.

JIMMY WEISKOPF, *Yajé, The New Purgatory, Encounters with Ayahuasca*, Villegas Editores, 2004.

OSWALD WIRTH, *Le Tarot des imagiers du Moyen Âge*, Editions Sand, Paris, 1984.



AGRADECIMENTOS

São aqui calorosamente agradecidos pela sua releitura, o seu apoio, os seus encorajamentos, críticas ferozes e construtivas, sugestões, testemunhos, ideias, análises e intuições:

Alex Bell, Daniela Bonelli Bassano, Kathelijn De Decker, Katalin Delessert, Valérie Dewalsche, Jean-Jacques Dupraz, Valérie Favez, André Gallandat, Adine Gavazzi, Francesco Grandinetti, Marie-José Grobéty, J. P. Harpignies, Nicolas Jaquet, Lucie Kaech, Robin Kaech, Sandra Lavanchy, Arthur Narby, Jeremy Narby, Luc Ragusin (+), Jacopo Scarzella, Jean-François Schwab, Franz e Heleen Treichler, Philippe Triverio, Gilles Wannaz.

Agradecemos também aos apoiadores do financiamento coletivo desta edição:

Jéssica Santos

Guilherme Gasperazzo Fidelis

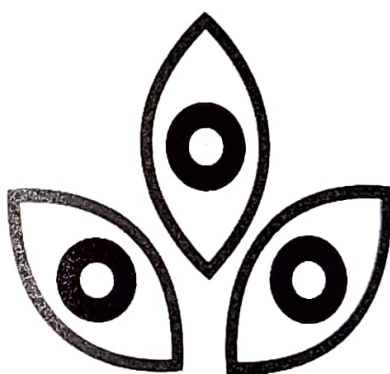
Guilherme dos Santos

Claudio Garcia

Jefferson Borges Santos

Manowell Theodor

Jutang Vitoria
Caroline Ito
Leandro Cardoso de Araújo
Eduarda Ribeiro Queiroz
Cleia Ornellas
Melina Pereira
Davi Freitas
Anderson lima de aquino
Cesar Lopes Aguiar
Fabio Kobol
Cheng OM
Gabriel Magno
Jose Antônio de Castro Rangel neto
Viviane de Araújo Yamashiro
Jonathan Binder
Lucivalter Kamenak de Souza Júnior
Aline Cristina de Camargo Vendramello
Jean Carlo Pareschi
Mariana Bessa
Bruno Belchior Basei
Camila Soarez
Deise de Freitas Silva
Mayara da Silva Souza
Lucas Cabral Oral
Karla Noronha
Sidney Raquejo
Marcelo da Silva Argate



AYYA

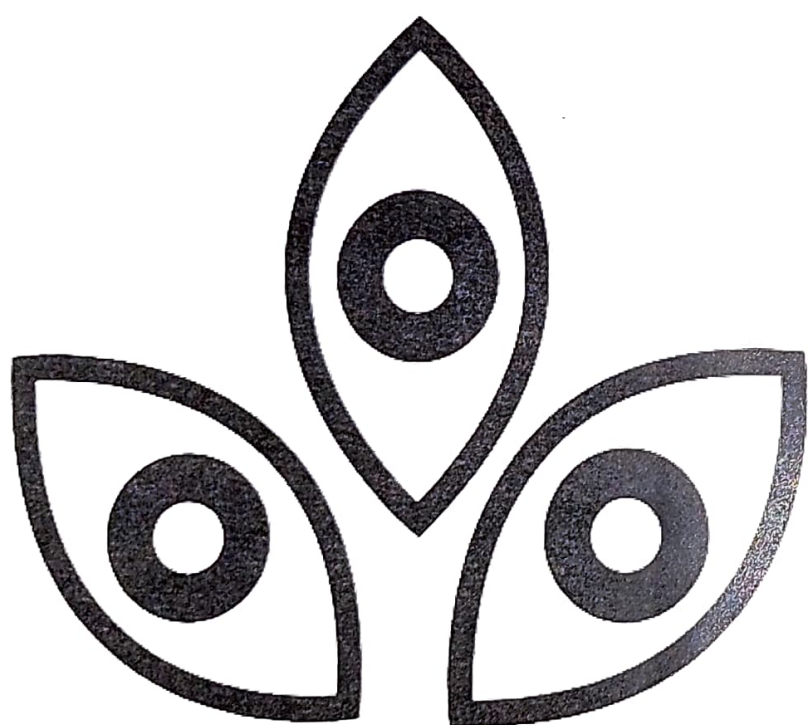
Esperamos que tenha desfrutado deste livro da AYYA.

Visite a nossa página na internet e fique conhecendo as novidades editoriais, descontos e promoções especiais, datas e locais de lançamentos, bem como as atividades culturais promovidas pela AYYA.

Para receber periodicamente as nossas novidades por email, entre em contato via: ayahuascaintegracao@gmail.com

Consulte o nosso catálogo na internet:

 @ AYAHUASCARIO



Querer “viajar” no mundo do xamanismo e do vegetalismo amazônico sem um perito, equivale a querer se aventurar em alta montanha sem um guia devidamente formado e experiente.

YVES DUC

Foram escritos muitos livros interessantes sobre o xamanismo amazônico – alguns há várias décadas, e outros tantos estão a ser publicados –, mas este oferece algo genuinamente novo e precioso: uma descrição a partir “de dentro” do sistemático e gradual processo de aprendizagem de um iniciado em uma via xamânica tradicional amazônica, sendo que muitos detalhes apenas são revelados a alguém comprometido com o necessário estudo rigoroso e a longo prazo.

J. P. HARPIGNIES
in Prefácio

Neste momento, a ayahuasca está “na moda”, com tudo o que isso implica e com todas as suas consequências. Por essa razão, o livro do Yves Duc vem recolocar as coisas em seu devido lugar, com uma admirável escrita jornalística e científica, esclarecendo, explicando e alertando sobre tais práticas fascinantes, detentoras de um grande potencial de cura quando efetuadas com as “regras da arte”. Isso requer, antes de mais nada, uma longa formação de muitos anos com mestres de qualidade, a toma (“dieta”) regular de muitas plantas e árvores, retirar-se em isolamento no meio da floresta, aceitar transmutar o ego e, ainda, estar ciente de que, embora para os indígenas o juramento de Hipócrates não exista, em nossa sociedade ocidental é algo fundamental e qualquer prática terapêutica deve segui-lo de modo a evitar sequelas perigosas. Esta Jornada árdua que o próprio autor efetuou com dedicação e disciplina, ao longo de dez anos, levou-o a receber a *kushma*, um reconhecimento que o inscreve na linhagem dos curandeiros da tribo ashaninka.

Em uma sociedade como a nossa, na qual os autoproclamados xamãs são infinitamente mais numerosos do que os verdadeiros curandeiros – não só graças a um efeito de moda, mas sobretudo pela necessidade vital que as pessoas sentem de se reconectar à natureza, a única fonte de Vida genuína que está ao nosso alcance –, o livro do Yves Duc é um guia fundamental para nos esclarecer acerca dessa profunda e fascinante caminhada.

NATHALIE DUREL
in Prefácio

UMA INICIAÇÃO AOS MISTÉRIOS E À SABEDORIA DA MEDICINA DAS PLANTAS DE PODER DA FLORESTA AMAZÔNICA

Jornalista científico suíço, Yves Duc mergulhou no mundo misterioso dos xamãs amazônicos, um universo nos antípodas da ciência racionalista, experimentando por si próprio os ritos iniciáticos infligidos aos aprendizes, indo até ao final do processo.

Com imensa riqueza de detalhes, ele dá o testemunho dos seus oito anos de estudo na tradição dos *Ashaninka* da Amazônia peruana e evoca em detalhe o trabalho com as plantas “mestras”, que são a ayahuasca e o tabaco. Muito poucos ocidentais seguiram um percurso continuado de aprendizagem xamânica amazônica com tamanha duração e, atualmente, nenhum deles foi relatado de forma tão completa e detalhada em língua portuguesa.

Este livro traz com precisão práticas, técnicas e receitas até aqui confidenciais, inclusive secretas. Está construído segundo uma estrutura temática que reproduz a progressão iniciática do aprendiz na via do conhecimento no xamanismo. Além disso, fornece preciosas indicações sobre as armadilhas a evitar e tece uma leitura crítica dos desvios que surgem com a *moda* atual da ayahuasca, não só na América Latina, mas também em outras partes do mundo.



“Quanto mais o aprendiz adquire conhecimento através da ayahuasca/serpente, mais capaz será de usá-lo por intermédio do tabaco/jaguar. O saber anda ao lado do poder e é por essa razão que a serpente forma um par com o jaguar, e a ayahuasca com o tabaco, o pensamento com a ação, em uma simetria indissociável e entrelaçada.”

YVES DUC



AYYA